

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

Florescimento Humano e *Empowerment*: Da relação entre os conceitos e seus contributos para as
novas perspectivas do Desenvolvimento

Patrícia da Silva Barreiro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais - Análise e Gestão

Orientador:
Dr. Rogério Roque Amaro, Professor,
Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientadora:
Dra. Iolanda Costa Galinha, Professora,
Universidade Autónoma de Lisboa

[Setembro,2011]

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem o apoio de algumas pessoas que constituíram o principal combustível da minha motivação e empenho.

Agradeço especialmente à Prof. Dra. Iolanda Costa Galinha, minha co-orientadora, que mostrou-se sempre disponível para colaborar e confiante na minha pessoa e capacidade de trabalho. Levando-me a acreditar que poderia fazer sempre melhor e que esta Dissertação seria apenas o início de um caminho mais longo. Também as horas de conversa, sugestões e questionamentos foram fundamentais para o trabalho que agora se apresenta e, nesse sentido, estou certa de que não poderia pedir mais ou melhor acompanhamento para esta caminhada.

Também ao meu orientador, Prof. Dr. Rogério Roque Amaro expressei os meus agradecimentos pelo apoio a “re-orientar” a tese para a temática geral do Mestrado, assim como pelas últimas revisões à Dissertação.

Ao meu parceiro Ivo Ramalho, dirijo um especial agradecimento. Pelas palavras de incentivo quando os níveis de motivação se resumiam a nada, secando-me as lágrimas nos momentos de maior insegurança. Por compreender a distância e fadiga, fazendo-se sentir sempre presente, feliz e orgulhoso deste projecto. Também por me ajudar na árdua tarefa de construção das tabelas e diagramas presentes no trabalho e nas revisões finais ao texto.

Ao meu colega de Licenciatura e Mestrado Pedro Garcia, pela insistência em lembrar-me que existe vida além destas páginas, por ajudar-me nos contactos no ISCTE-IUL e convencer-me que quando uma porta se fecha há sempre outra que se abre e, como tal, não há motivos para desistir quando o trabalho nos corre menos bem.

Por fim, mas não menos importante, um grande agradecimento à minha família, por tudo o que me ensinaram, pela compreensão da distância e motivação para ver a sua Patrícia tornada Mestre. Agradeço especialmente à minha mãe pela paciência em ouvir os meus lamentos e na revisão do texto. Agradeço também ao meu pai por me motivar a superar-me continuamente e me mostrar que sou “furota” e, assim sendo, o meu valor está em desvendar questões tendencialmente nubladas, sem medos. Apesar de não estar mais aqui para demonstrar a sua felicidade e orgulho, sinto o seu abraço e reconforto pela missão cumprida. Agradeço também ao meu irmão todo o apoio, carinho e gosto em debater comigo “filosofias de vida” que muito me ajudam a crescer enquanto pessoa e exercitar o meu pensamento intuitivo.

RESUMO

Esta Dissertação foi elaborada enquanto requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais – Análise e Gestão.

O objectivo desta investigação consiste na compreensão da pertinência e contributo dos Indicadores de Florescimento Humano e da sua relação com o *Empowerment* para as novas perspectivas de Desenvolvimento. Neste sentido, o estudo é modelado por um quadro conceptual em torno das teorias do Bem-estar Subjectivo, Saúde Mental e Florescimento Humano, do *Empowerment* e das novas perspectivas de Desenvolvimento. Para o efeito o trabalho apresenta as principais conclusões de revisões a estratégias de *Empowerment* e os resultados da análise estatística à amostra portuguesa do *European Social Survey, Round 3*.

O modelo de análise seguiu como referência a definição operacional de Florescimento Humano proposta por F. Huppert e T. So e os elementos-chave do *Empowerment* propostos pelo Banco Mundial. O trabalho de pesquisa apoiado na análise documental e estatística, confirmou que estes indicadores constituem uma ferramenta de análise da realidade social relevante no âmbito do Desenvolvimento e que existem relações significativas entre Florescimento Humano e *Empowerment*. Sugerindo a pertinência de se empreender novas investigações com vista ao entendimento aprofundado destas relações e dos seus significados para as novas perspectivas do Desenvolvimento.

Palavras-chave

Bem-estar Subjectivo

Desenvolvimento

Empowerment

European Social Survey

Florescimento Humano

Classificação JEL

I15- *Health and Economic Development*

J17- *Value of life; Forgone income*

ABSTRACT

This dissertation was written in partial fulfillment of the requirements for a Master in *Development, Diversity and Global Challenges Local - Analysis and Management*.

The aim of this research is to understand the relevance and contribution of the indicators of Human Flourishing and its relationship with Empowerment for the new perspectives of Development. In this sense, the study is shaped by a conceptual framework around the theories of Subjective Well-being, Mental Health and Human Flourishing, Empowerment and new perspectives of Development. For this purpose, the paper presents the main findings of the review to the Empowerment strategies and the results of statistical analysis to the Portuguese sample of the European Social Survey, Round 3.

The analysis model followed as a reference the operational definition of Human Flourishing proposed by F. Huppert and T. So and the key elements of Empowerment proposed by the World Bank. The research work, supported by documentary and statistical analysis, confirmed that these indicators are a relevant tool of social analysis in the Development studies and that there are significant relationships between Human Flourishing and Empowerment. Suggesting the desirability of undertaking further research aimed at deeper understanding of these relationships and their meanings for the new prospects of Development.

Key words

Subjective Well-being

Development

Empowerment

European Social Survey

Human Flourishing

JEL Classification

I15- Health and Economic Development

J17- Value of life; Forgone income

Índice

ÍNDICE DE QUADROS	ix
ÍNDICE DE FIGURAS	xii
PARTE 1 – INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Pertinência pessoal.....	5
1.2. Pertinência social e política.....	6
1.3. Pertinência científica.....	8
1.4. Objectivos:	10
1.5. Formulação de hipóteses.....	11
1.7. Organização e Metodologia do Trabalho.....	16
1.7.1 O European Social Survey, Round 3 (2006)	18
1.7.2. A Escala de Florescimento Humano de Felicia Huppert e Timothy So	19
1.8. Dificuldades encontradas e Limitações da análise	19
PARTE 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	21
Capítulo 1 Florescimento Humano: Enquadramento do conceito e Definições operacionais .	21
Nota Introdutória	22
1.1. Da integração das perspectivas hedónica e eudaimónica às novas concepções de Bem-estar Subjectivo	23
1.2. Saúde Mental, Bem-estar Subjectivo e Florescimento	26
1.3. Florescimento Humano - Definições operacionais.....	29
1.3.1. Definição operacional de Corey Keyes	29
1.3.2. Definição operacional de Felicia Huppert e Timothy So	30
1.3.3. Definição operacional de Edward Diener <i>et al</i>	31
1.3.4. Definição operacional de Martin Seligman	32
Capítulo 2 <i>Empowerment</i> : Definições e implicações do conceito	34
2.1. Elementos-chave do <i>Empowerment</i>	34
2.2. <i>Empowerment</i> e Poder.....	36

2.3. Níveis de análise e Domínios do <i>Empowerment</i>	39
2.4. <i>Empowerment</i> – como medir?	43
2.6. Limitações à definição do conceito.....	45
Capítulo 3 Florescimento Humano e <i>Empowerment</i> – que relações?	48
PARTE 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	57
Capítulo 4 Caracterização da população em Florescimento: Factores discriminatórios	58
4.1. Caracterização sócio-demográfica da amostra	58
4.2. Género	59
4.3. Idade.....	60
4.4. Rendimento total do agregado familiar	61
4.5. Situação laboral.....	63
4.6. Habilitações Literárias.....	64
4.7. Percepções de Saúde	66
Capítulo 5 Florescimento Humano e <i>Empowerment</i> : análise da amostra portuguesa do ESS/R3.....	69
5.1. Constituição dos indicadores de <i>Empowerment</i> na Análise de Componentes Principais.....	70
5.2. A relação do Florescimento Humano e o Consumo de informação política e da actualidade pelos <i>media</i>	71
5.3. A relação entre o Florescimento Humano e as Percepções de interesse e compreensão da realidade política.....	73
5.4. A relação entre o Florescimento Humano e a Participação em actos cívicos e políticos, nos últimos 12 meses	74
5.5. A relação entre o Florescimento Humano e a Participação comunitária em benefício de outros.....	76
5.6. A relação entre Florescimento Humano e a Percepção de integração local.....	77
5.7. A relação entre Florescimento Humano e a Liberdade de acção e escolha sobre a própria vida	79
Capítulo 6 Conclusão	82

BIBLIOGRAFIA.....	87
-------------------	----

ANEXOS

ANEXO A: Operacionalização dos sintomas de Saúde Mental	94
ANEXO B: Caracterização da amostra	95
ANEXO C: Caracterização da população em Florescimento: Factores discriminatórios	98
ANEXO D: Constituição e distribuição dos indicadores de <i>Empowerment</i>	107
ANEXO E: Florescimento Humano e <i>Empowerment</i> : análise da amostra portuguesa do ESS/R3.....	117

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.1. Grelha analítica de H1:Existem factores sócio-demográficos discriminatórios na capacidade de Florescimento Humano	14
Quadro 1.2. Grelha analítica de H2: O acesso e compreensão da informação política, e a capacidade de acção sobre esta fomentam o Florescimento Humano	15
Quadro 1.3. Grelha analítica de H3: Indivíduos empenhados na entreatajuda e nas actividades comunitárias apresentam níveis mais elevados de Florescimento Humano.	15
Quadro 1.4. Grelha analítica de H4: As percepções de proximidade à comunidade estimulam o Florescimento Humano.....	16
Quadro 1.5. Grelha analítica de H5: A liberdade de acção e escolha sobre a própria vida promove o Florescimento Humano.....	16
Quadro 2.1. Enquadramento teórico do Módulo de Bem-estar no ESS R3.....	31
Quadro 2.2. Síntese de factores de Florescimento Humano e Índices de consistência interna das escalas propostas por Keyes, Huppert, Diener e Seligman.....	33
Quadro 3.1 .Constituição das componentes principais enquanto indicadores de <i>Empowerment</i>	70
Quadros 3.2. Género.....	95
Quadros 3.3. Idade.....	95

Quadro 3.3.1 Idade (variável contínua).....	95
Quadros 3.4. Estado civil.....	95
Quadros 3.5. Rendimento total do agregado familiar.....	96
Quadro 3.5.1. Categorias da variável “Rendimento total do agregado familiar”.....	96
Quadros 3.6. Situação laboral.....	97
Quadros 3.7. Habilitações literárias.....	97
Quadros 3.8. Alpha de Cronbach da escala de Florescimento Humano	98
Quadro 3.9. Distribuição dos indivíduos na Escala de Florescimento Humano.....	99
Quadro 3.10. Florescimento Humano e Género: correlações.....	99
Quadro 3.10.1. Florescimento Humano segundo o Género.....	99
Quadro 3.11. Florescimento Humano e Idade (variável contínua): correlações.....	100
Quadro 3.12. Florescimento Humano segundo a Idade.....	100
Quadro 3.13. Florescimento Humano e Rendimento total do agregado familiar: correlações.....	101
Quadro 3.13.1 Florescimento Humano segundo o Rendimento total do agregado familiar.....	101
Quadro 3.14. Florescimento Humano segundo o Rendimento total do agregado familiar (apenas Desempregados, à procura de emprego seleccionados).....	102
Quadro 3.15. Florescimento Humano segundo o Rendimento total do agregado familiar (apenas Desempregados, não procura emprego seleccionados).....	102
Quadro 3.16. Florescimento Humano e Situação laboral: correlações.....	102
Quadro 3.16.1. Florescimento Humano segundo a Situação laboral.....	103
Quadro 3.17. Florescimento Humano e Habilitações Literárias: correlações.....	103
Quadro 3.17.1. Florescimento Humano segundo as Habilitações Literárias.....	104
Quadro 3.18. Florescimento Humano e Percepções da condição geral de saúde: correlações.....	104
Quadro 3.18.1. Florescimento Humano segundo as Percepções da condição geral de Saúde.....	105

Quadro 3.19. Florescimento Humano e Percepções de prejuízo por doença, deficiência, enfermidade ou problemas mentais: correlações.....	106
Quadro 3.19.1. Florescimento Humano segundo as Percepções de prejuízo por doença, deficiência, enfermidade ou problemas mentais.....	106
Quadro 3.20. Nível médio de concordância com os indicadores de <i>Empowerment</i>	107
Quadro 3.21. Teste de KMO e Bartlett.....	107
Quadro 3.22. Comunalidades.....	108
Quadro 3.23. Total de variância explicada.....	108
Quadro 3.24. Matriz de Componentes principais rodada (método Promax).....	109
Quadros 3.25. Alpha de Cronbach do Índice de Consumo de informação política e da actualidade pelos <i>media</i>	110
Quadros 3.26. Alpha de Cronbach do Índice de Percepção de interesse e compreensão da realidade política.....	111
Quadros 3.27. Alpha de Cronbach do Índice de Participação e acção em actos políticos.....	112
Quadros 3.28. Alpha de Cronbach do Índice de Participação comunitária em benefício de outros cidadãos	113
Quadro 3.29. Coeficiente de correlação do Índice de Percepção de integração local....	114
Quadro 3.29.1. Distribuição da percepção de proximidade às pessoas da localidade....	114
Quadro 3.29.2. Distribuição da Percepção de entreaajuda local.....	115
Quadro 3.30. Distribuição da Percepção de liberdade para decidir sobre a própria vida.....	116
Quadro 3.31. Consumo de informação política e da actualidade pelos <i>media</i> e Florescimento Humano: Correlações.....	117
Quadro 3.31.1. Distribuição do Florescimento Humano médio segundo o Consumo de informação política e da actualidade pelos <i>media</i>	118
Quadro 3.32. Percepções de interesse e compreensão da realidade política e Florescimento Humano: Correlações.....	118
Quadro 3.32.1. Distribuição do Florescimento Humano médio segundo as Percepções	119

de interesse e compreensão da realidade política.....	
Quadro 3.33. Participação em actos cívicos e políticos, nos últimos 12 meses e Florescimento Humano: correlações.....	120
Quadro 3.33.1. Distribuição do Florescimento Humano médio segundo a Participação em actos cívicos e políticos.....	121
Quadro 3.34. Participação comunitária em benefício de outros cidadãos e Florescimento Humano: correlações.....	121
Quadro 3.34.1. Distribuição do Florescimento Humano médio segundo a Participação comunitária em benefício de outros cidadãos.....	122
Quadro 3.35. Percepção de proximidade às pessoas da localidade e Florescimento Humano: correlações.....	123
Quadro 3.35.1. Florescimento Humano segundo a Percepção de proximidade às pessoas da localidade.....	124
Quadro 3.36. Percepção de entreaajuda local e Florescimento Humano: Correlações....	124
Quadro 3.36.1 Florescimento Humano segundo a Percepção de entreaajuda local.....	125
Quadro 3.37. Percepção de liberdade para decidir sobre a própria vida e Florescimento Humano: correlações.....	125
Quadro 3.37.1. Florescimento Humano segundo a Percepção de liberdade para decidir sobre a própria vida.....	126

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1. O papel dos indicadores de bem-estar subjectivo no ciclo político.....	7
Figura 2.1. Concepção de Bem-estar Subjectivo em Keyes.....	26
Figura 2.2. Concepção de Saúde Mental em Keyes.....	27
Figura 2.3. Modelo de Saúde Mental completa e categorias de diagnóstico.....	28
Figura 2.4. Posição do conceito de Florescimento na abordagem de Keyes.....	30
Figura 2.5. Integração dos principais conceitos e dinâmicas inerentes ao	47

<i>Empowerment</i> , abordados pelo Banco Mundial, Gita Sen, Zimmerman e Friedmann...	
Figura 3.1. Florescimento Humano médio segundo a Idade.....	61
Figura 3.2. Florescimento Humano médio segundo o Rendimento total do agregado familiar.....	63
Figura 3.3. Florescimento Humano médio segundo a Situação laboral.....	64
Figura 3.4. Florescimento Humano médio segundo as Habilitações Literárias.....	65
Figura 3.5. Florescimento Humano médio segundo a Percepção da condição geral de saúde.....	67
Figura 3.6. Florescimento Humano médio segundo as Percepções de prejuízo em actividades diárias por motivos de doença, deficiência, enfermidade ou problemas mentais.....	68
Figura 3.7. Florescimento Humano médio segundo o Consumo de informação política e da actualidade pelos <i>media</i>	72
Figura 3.8. Florescimento Humano médio segundo as Percepções de interesse e compreensão da realidade política.....	73
Figura 3.9. Florescimento Humano médio segundo a Participação em actos cívicos e políticos nos últimos 12 meses.....	75
Figura 3.10. Florescimento Humano médio segundo a Participação comunitária em benefício de outros cidadãos nos últimos 12 meses.....	77
Figura 3.11. Florescimento Humano médio segundo a Percepção de proximidade às pessoas da localidade.....	78
Figura 3.12. Florescimento Humano médio segundo a Percepção de entreatajuda das pessoas da localidade.....	79
Figura 3.13. Florescimento Humano médio segundo a Percepção de liberdade para decidir sobre a própria vida.....	80
Figura 3.14. Distribuição da Escala de Florescimento Humano.....	99
Figura 3.15. Florescimento Humano segundo a Idade (variável contínua).....	100
Figura 3.16. Florescimento Humano segundo o Rendimento total do agregado familiar.....	101

Figura 3.17. Florescimento Humano segundo a Situação laboral.....	103
Figura 3.18. Florescimento Humano segundo as Habilitações Literárias.....	104
Figura 3.19. Florescimento Humano segundo as Percepções da condição geral de saúde.....	105
Figura 3.20. Florescimento Humano segundo as Percepções de prejuízo por doença, deficiência, enfermidade ou problemas mentais.....	106
Figura 3.21. Scree Plot.....	109
Figura 3.22. Índice de Consumo de informação política e da actualidade pelos <i>media</i> ..	110
Figura 3.23. Índice de Percepção de interesse e compreensão da realidade política.....	111
Figura 3.24. Índice de participação em actos cívicos e políticos.....	112
Figura 3.25. Índice de Participação comunitária em benefício de outros cidadãos.....	113
Figura 3.26. Proximidade às pessoas da localidade.....	114
Figura 3.27. Percepção de entreatajuda local.....	115
Figura 3.28. Percepção de liberdade para decidir sobre a própria vida.....	116
Figura 3.29. Florescimento Humano segundo o Consumo de informação política e da actualidade pelos <i>media</i>	117
Figura 3.30. Florescimento Humano segundo as Percepções de interesse e compreensão da realidade política.....	119
Figura 3.31. Florescimento Humano segundo a Participação em actos cívicos e políticos, nos últimos 12 meses.....	120
Figura 3.32. Participação comunitária em benefício de outros cidadãos segundo o Florescimento Humano.....	122
Figura 3.33. Percepção de proximidade às pessoas da localidade segundo o Florescimento Humano.....	123
Figura 3.34. Percepção de entreatajuda local segundo o Florescimento Humano.....	124
Figura 3.35. Percepção de liberdade para decidir sobre a própria vida segundo o Florescimento Humano.....	126

PARTE 1 – INTRODUÇÃO

A definição de Desenvolvimento é uma problemática que, por si só, suscitou já diversas controvérsias no meio científico e, apesar de existir actualmente uma noção mais comumente aceite dos seus postulados, a verdade é que no que concerne à sua medição e monitorização encontram-se ainda em aberto diversos debates e inúmeras dúvidas continuam sem resposta.

A mudança de paradigma que este conceito tem vindo a sofrer, nomeadamente a partir dos anos 70, tem complexificado a sua definição e, por consequência, os parâmetros em que deve ser medido. A tradição economicista, que via no Desenvolvimento o resultado do crescimento económico e da força industrial, enfrenta agora a necessidade de alterar os seus argumentos e modelos teóricos/analíticos. As chamadas de atenção para a necessidade de aprofundar o nosso conhecimento sobre os “custos humanos” do desenvolvimento e a frustração com o modelo existente até aos anos 70 – fortemente influenciado pelo período das Grandes Guerras e posterior Guerra-Fria, e pela necessidade de rápida recuperação económica e industrial no período pós-guerra – levou ao incremento da preocupação com a questão da sustentabilidade. Assim, nos últimos anos temos assistido a uma crescente preocupação nos estudos do Desenvolvimento em associar as questões económicas a fenómenos como o mal-estar social, ambiental e político (Amaro, 2003). Roque Amaro, decifra assim os novos paradigmas e trilhos do Desenvolvimento:

o conceito de Desenvolvimento, como foi renovado nos últimos 30 anos (...) é multidimensional e, portanto, integrado; - valoriza capacidades e o «*empowerment*», facilitando a coesão social; - assenta na participação; permite o multiprotagonismo, e, por isso, estimula as parcerias; - visa a interdependência ambiental; - é multiterritorial; - promove a diversidade (2003: 62)

Assim sendo, o actual entendimento sobre o Desenvolvimento procura ir bastante além da percepção economicista e etnocêntrica que a demarcava fortemente no passado. Assimilando nos seus actuais pressupostos novas concepções, como o *Desenvolvimento Sustentável* – focado na satisfação das necessidades actuais sem colocar em perigo as gerações futuras; o *Desenvolvimento Local* – direccionado para as próprias capacidades das comunidades em satisfazer as suas necessidades; o *Desenvolvimento Participativo* – centrado numa metodologia participativa que envolve as populações na execução, decisão, monitorização e avaliação dos processos de Desenvolvimento; o *Desenvolvimento Humano* – relacionado com

o respeito pelos Direitos Humanos, consiste na promoção das opções, liberdades e capacidades para a satisfação de necessidades básicas, valoriza dimensões como a saúde, educação e bem-estar material; o *Desenvolvimento Social* – assenta na garantia da promoção do bem-estar social por parte dos governos e organizações internacionais; e por fim, o *Desenvolvimento Integrado* – contempla a interdisciplinaridade e complementaridade das várias dimensões de vida e está transversalmente presente nas outras noções de Desenvolvimento (Amaro, 2003).

No entanto, os desafios, crises e propostas actuais demonstram que hoje, mais do que nunca, surge a urgência de repensarmos as necessidades humanas e de compreendermos que o bem-estar, tido como a prosperidade e crescimento económicos, não pode constituir o fim único do Desenvolvimento. Mas antes, um caminho para atingir bens maiores, como capacidades, funcionamentos e liberdades para decidir e agir, não só sobre a própria vida mas também sobre o meio envolvente (Seers, 1979; Sen, 1999; Amaro, 2003; Deneulin e Shahani, 2009; Stiglitz, Sen e Fitoussi, 2009; Barca, 2009). Esta necessidade tem sido amplamente argumentada no âmbito do Desenvolvimento Humano por Amartya Sen (1999) e, actualmente, estende-se a diversos discursos do Desenvolvimento (Stiglitz *et al*, 2009; Barca, 2009; Deneulin e Shahani, 2009; Waldron, 2010; OMS, 2004; Shah e Marks, 2004; Abdallah *et al*, 2011). Nestas abordagens assume-se que o Desenvolvimento deve focar o bem-estar dos indivíduos, na sua perspectiva Aristotélica, aprofundando não só os seus aspectos hedónicos, mas também as capacidades, funcionamentos e liberdades que propiciam bem-estar. Identicamente é assumida a insustentabilidade a longo prazo do crescimento económico sem uma valorização do desenvolvimento humano, o que consequentemente, dificulta a promoção do Florescimento Humano no futuro (Deneulin e Shahani, 2009).

Verifica-se, então, a necessidade de trabalhar modelos mais complexos de Desenvolvimento, que envolvam novas questões, dimensões de análise e modelos de medição/monitorização recentemente valorizadas pelas novas áreas das ciências sociais, como é o caso da Ciência do Bem-estar e da Psicologia Positiva. As investigações e descobertas destas novas áreas de estudo, permitem-nos hoje repensar a questão levantada por Seers em 1979, aquando de uma tentativa de perceber quais os valores orientadores do desenvolvimento, “Quais são as condições necessárias para a realização desse objectivo universalmente aceite que é a realização do potencial da personalidade humana?” (Seers, 1979: 950). Já na época, os estudos do Desenvolvimento apontavam que a realização do potencial humano requer diversas condições, sendo que apenas uma parte delas é monetária ou, pelo menos,

monetariamente contabilizável (Seers, 1979). Estas áreas de estudo recente, ao abordarem os factores inerentes à variabilidade da Felicidade e Satisfação com a Vida; ao apresentarem propostas e estratégias para alcançar melhores níveis de Bem-estar Subjectivo (BES) e Florescimento; e ao ajudarem na conceptualização do que é uma “boa vida” ou uma vida que “valha a pena” (Galinha, 2008; Seligman e Csikszentmihalyi, 2000), representam um contributo relevante na construção de novos valores e indicadores do Desenvolvimento (Abdallah *et al*, 2011). Sugerindo indicadores complementares aos económicos e de desenvolvimento humano já existentes - mas que se demonstram insuficientes face à complexidade do próprio ser humano e dos actuais sistemas económicos e sociais - e contribuindo na redução dos efeitos prejudiciais decorrentes das imensas dúvidas conceptuais e hesitações, relativamente aos indicadores de Desenvolvimento a empreender (Waldron, 2010; Stiglitz *et al*, 2009).

Reconhecem-se ainda fortes motivos para implementar indicadores de Bem-estar Subjectivo (BES) nos sistemas estatísticos nacionais e nas políticas públicas¹. Entre os principais argumentos defensores desta integração, encontram-se a já referida urgência de indicadores de desenvolvimento complementares aos tradicionais PIB e IDH e também a necessidade de encontrar medidas que limitem as tendências paternalistas - sendo que as percepções de bem-estar dos próprios indivíduos podem assim ser colocadas no centro do discurso político (Waldron, 2010; Dolan, Layard e Meltcalfe, 2011, Stiglitz *et al*, 2009; Deneulin e Shahani, 2009, Michaelson *et al*, 2009).

Compreende-se, portanto, o aumento de interesse por parte de cientistas, peritos e políticos pelas teorias do Bem-estar. Sendo que algumas propostas começam a ser apresentadas no âmbito do Desenvolvimento Humano e da Psicologia Positiva, com vista à valorização do bem-estar, das capacidades e liberdades dos indivíduos nos pressupostos do Desenvolvimento.

No âmbito dos paradigmas recentes de Desenvolvimento, também o conceito de *Empowerment* tem sido largamente debatido e, actualmente, é defendido enquanto estratégia eficaz de combate à pobreza, exclusão e opressão. Apesar das ambiguidades quanto à sua definição e permeabilidade aos contextos socioculturais e políticos, é-lhe reconhecida capacidade e pertinência face aos desafios e necessidades apontadas nas concepções de

¹ C.f. pertinência social e política da Dissertação (p.6).

Desenvolvimento alternativo, constituindo a principal ferramenta de inúmero projectos, nomeadamente, nos direccionados para o Desenvolvimento Local e Participativo (Friedmann, 1996; Sen, 1999; Narayan, 2002; Monteiro, 2008).

No entanto, a par do que se verifica com os indicadores de Bem-estar Subjectivo e Florescimento Humano, o *Empowerment* tem encontrado graves limitações na sua medição. A natureza multidimensional, ambígua e territorialista que a caracteriza (Alsop, Mette e Holland, 2006), assim como a proximidade das suas redes nomológicas às de aspectos eudaimónicos de bem-estar, têm dificultado a delimitação do conceito. Consequentemente, grande parte da literatura existente consiste em revisões de *Empowerment*, nos seus resultados ao nível do bem-estar objectivo e mudanças sociais e políticas. Constatando-se, que a pesquisa empírica do efeito do *Empowerment* nas componentes psicológicas e Bem-estar Subjectivo, permanece ainda muito prematura.

É com consciência destes desafios e dificuldades, que a presente Dissertação pretende contribuir para o entendimento e aprofundamento não só do *Empowerment*, mas também para o estudo do Bem-estar Subjectivo, mais especificamente, do Florescimento Humano. Com o intuito de analisar se factores essenciais ao *empowerment* relacionam-se com o Florescimento Humano, serão aqui abordados os contributos de diversos autores no estudo de ambos conceitos. As principais conclusões de revisões a algumas estratégias de *empowerment* serão também apresentadas. Por fim, serão explanados os resultados da análise estatística à caracterização e relação dos conceitos, numa amostra da população portuguesa, através do *European Social Survey, Round 3 (ESS/R3)* de 2006 - módulo realizado com o objectivo de aprofundar o estudo do bem-estar emocional, social e psicológico. Espera-se assim poder investigar a relação dos elementos-chave do *Empowerment* com o Florescimento Humano, questionar a pertinência desta relação nas novas abordagens de Desenvolvimento e averiguar a utilidade da escala de Florescimento Humano na análise à realidade social.

Assim, a investigação aqui apresentada pretende encontrar respostas à seguinte **pergunta de partida**: Qual o contributo da relação do *Empowerment* com o Florescimento Humano nas novas concepções de Desenvolvimento?

1.1. Pertinência pessoal

A pertinência pessoal deste projecto passa pelo facto de não me identificar com as concepções economicistas de Desenvolvimento, que embora já não sendo dominantes na maioria dos discursos, constituem ainda a principal prática dos nossos sistemas políticos e organizacionais. Há muito que é sabido que são necessárias novas medidas de Desenvolvimento e que a nossa capacidade conceptual e metodológica neste sentido esteve demasiado tempo em suspenso, devido aos cerrados debates teóricos que circundam esta questão. Verificamos, então, que os desafios actuais surgem como resposta às más práticas aplicadas assim como à falta de consideração da componente “humana” nos indicadores de desenvolvimento. Nas palavras de Stiglitz *et al*,

Alguns membros da Comissão acreditam que a crise demonstra a urgência de reformas. Acreditam que uma das razões porque a crise apanhou tantas pessoas de surpresa prende-se com o facto de que o nosso sistema estatístico falhou e/ou o mercado e governos oficiais não estavam focados no conjunto de indicadores estatísticos correcto (2009:8).

Outra mensagem chave, e tema unificador do relatório, é que chegou o momento certo para o nossos sistemas estatísticos mudarem a ênfase na medição da produção económica, para a medição do bem-estar das pessoas. E as medidas de bem-estar devem ser colocadas num contexto de sustentabilidade (2009:12).

É minha convicção pessoal que, de facto, o crescimento económico é necessário ao desenvolvimento, no entanto, não é suficiente quando o objectivo é atingir um desenvolvimento centrado no Bem-estar dos indivíduos. Não acredito, portanto, que um crescimento exponencial dos rendimentos e recursos materiais representa uma expansão do bem-estar. Assim como, não defendo que a mera correlação de indicadores económicos com indicadores de bem-estar objectivo e material sejam suficiente para averiguar o bem-estar das populações e a sua percepção de viver uma vida “que vale a pena”.

Acredito no poder de conceitos como *Empowerment* e Florescimento Humano enquanto dimensões fulcrais ao Desenvolvimento. Credo que a par do crescimento económico é também necessário um “crescimento emocional, pessoal e social” – Florescimento Humano. Associado ao *empowerment*, individual, organizacional e comunitário, que permita aos indivíduos tirar o melhor proveito possível dos recursos existentes, objectivos ou subjectivos, numa perspectiva de rentabilização, crescimento e sustentabilidade (humana, ecológica, económica e política).

O meu próprio processo de crescimento tem-me levado a acreditar e sustentar estas formulações. Nasci numa freguesia conhecida pelo espírito empreendedor e comunitário, que em tempos se desenvolveu por via do interesse e energia popular – a Benedita. Também durante vários anos fiz parte do Escutismo, que demonstrou-me a força da sociabilidade direccionada para o bem-estar e capacitação individual e comunitária. Agora, ao pretender iniciar a minha vida profissional, percebi a necessidade de abordar nesta Dissertação questões que me são familiares e que, em suma, constituem a área de estudos onde idealmente gostaria de constituir carreira. Admito, portanto, o meu gosto e interesse pela investigação, representando esta Dissertação o que considero ser o primeiro passo de uma tentativa de me tornar uma profissional competente na área do Desenvolvimento e Bem-estar.

1.2. Pertinência social e política

Os indicadores de Bem-estar Subjectivo, mais especificamente, o Florescimento Humano, por retratarem várias dimensões da condição humana, influem directamente na esfera social e política. Como já referido, estes conceitos revestem-se de particular importância quando consideramos o actual panorama económico, político e social. A crise que hoje presenciamos tem suscitado imensas dúvidas, apanhou muitos peritos de surpresa e diversos países continuam ainda sem saber o que fazer perante os desafios que se complexificam. É, portanto, o momento de sermos criativos, pensarmos “out of the box” e fazermos um melhor uso dos nossos recursos e competências no planeamento das novas abordagens políticas. Abrindo caminho para o que considero ser o maior precursor do Desenvolvimento – a vontade, capacidade e liberdade individual de agir e alterar o meio envolvente, com vista à obtenção de um bem-estar pleno - material, objectivo e subjectivo.

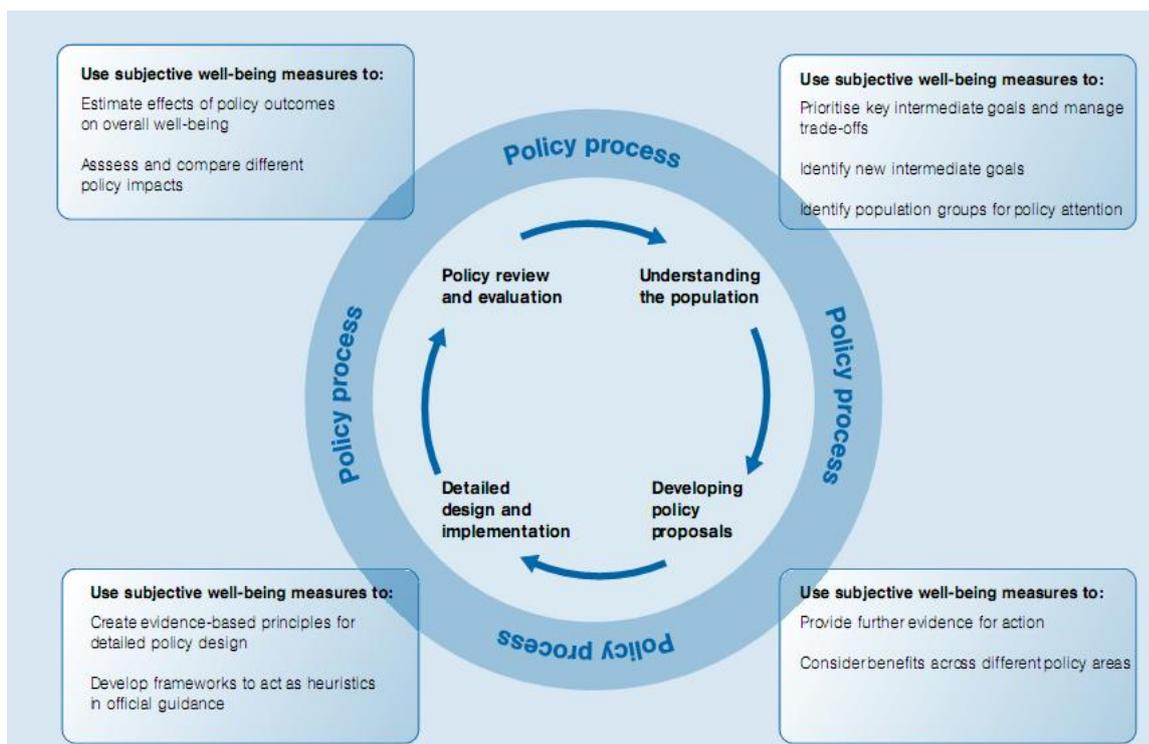
Segundo Waldron (2010) são 4 as aplicações políticas primárias dos indicadores de bem-estar subjectivo, sendo elas, a **Monitorização** – para garantir que alterações em determinada esfera da sociedade não reduzem os níveis gerais de Bem-estar; a **Informação** para novas políticas; a **Promoção** da mudança de comportamentos – para fomentar situações que melhoram os níveis de bem-estar subjectivo e, por fim, a **Avaliação** de políticas existentes – para avaliar a eficácia de serviços existente que visam melhorar a vida das populações, assim como aferir de que modo novas políticas poderão afectar o bem-estar dos indivíduos.

Dolan *et al* (2011) são outros autores a afirmar que estes indicadores são centrais às políticas públicas, sendo que podemos destacar três usos para estas medidas: a **monitorização do**

progresso – com uma utilização semelhante à do PIB, que é monitorizado cuidadosamente e cujas reduções são analisadas de modo a agir com políticas específicas para garantir que os seus níveis voltam a aumentar; a **informação política** – requer a medição do bem-estar em diferentes populações que poderão ser afectadas pela política; a **avaliação política** – requer medições detalhadas do bem-estar para verificar os custos e benefícios da alocação de determinadas decisões, por exemplo, ganhos esperados de bem-estar subjectivo podem ser estabelecidos para diferentes áreas políticas, facilitando as decisões sobre que gastos financeiros poderão traduzir maiores níveis de BES.

Também o nef (new economics foundation)² há muito que vem a alertar para o potencial destes indicadores nas políticas públicas (Michaelson *et al*, 2009; Abdallah *et al*, 2011; Shah e Marks, 2004), representando o seu papel nas políticas públicas no seguinte diagrama:

Figura 1.1. O papel dos indicadores de bem-estar subjectivo no ciclo político



Fonte: Abdallah *et al*, 2011: 24

² As siglas desta organização são representadas neste formato, pois, é assim que ela própria se identifica

A utilização destes indicadores tem ainda um outro efeito social e político bastante relevante. A sua aplicação por parte dos governos, direccionada por uma preocupação com as percepções individuais, permitirá informar as pessoas sobre a importância de diversas decisões no seu Bem-estar geral, potencializando os processos de reaproximação entre indivíduos e governos (Michaelson *et al*, 2009).

Em suma, o estudo dos indicadores de Florescimento Humano reveste-se de particular pertinência social e política, dado que, os seus fundamentos e aplicações práticas são, elas próprias, uma estratégia de responder aos desafios sociais e políticos actuais.

Também o conceito de *Empowerment*, por constituir um dos principais exemplos de boas práticas no âmbito do Desenvolvimento e, por ser em si mesmo uma estratégia de mudança social e política, surge numa posição de destaque quanto à sua pertinência. Diversas revisões aos projectos realizados têm demonstrado a capacidade desta abordagem mitigar as desigualdades e a pobreza, bem como de fomentar o bem-estar dos indivíduos e das comunidades. Focada nas capacidades individuais e na força comunitária da população tendencialmente excluída, para alterar e desafiar as relações de poder existentes, esta proposta surge como uma resposta inovadora e de extremo valor aos desafios do Desenvolvimento (Sen, 1999; Sen, 1997; Narayan, 2002; Monteiro, 2008). O estudo da relação entre o Florescimento Humano e elementos-chave do *Empowerment* reveste-se, portanto, de particular relevância. Ao fornecer pistas quanto à existência e estrutura desta relação, certamente poderá trazer novos elementos de leitura aos projectos realizados, assim como novas direcções de acção para estratégias e políticas futuras.

1.3. Pertinência científica

A pertinência científica deste projecto, relaciona-se com os novos desafios e paradigmas científicos. Como Roque Amaro (2003) afirma, a ciência tem vindo a admitir a complexidade da realidade e a valorizar a interdisciplinaridade. Os novos paradigmas da ciência começam também a afastar-se da visão racionalista tradicional e, apesar das muitas dúvidas, começam a integrar a emoção com a inteligência nos seus cânones.

Como já mencionado, o conceito de Bem-estar é extremamente multifacetado, como tal, os seus desenvolvimentos teóricos têm sido fomentados por diversas áreas científicas, como a Psicologia/Psicometria, Sociologia, Economia/Econometria, Biologia, Genética, etc. É notória a relação que este conceito estabelece com os novos paradigmas científicos, e evidente que o trabalho colaborativo entre diversas áreas da ciência é essencial para um real entendimento do

Bem-estar. Importa também salientar que o conceito de Bem-estar surge num contexto de valorização das capacidades pessoais e da inteligência emocional. Esta é, portanto, uma abordagem que demonstra potencial para averiguar a validade e pertinência dos novos paradigmas científicos nas concepções de Desenvolvimento.

Segundo Roque Amaro, os novos paradigmas da ciência tendem a assumir a teoria do caos, implementando “abordagens sistémicas de causalidades múltiplas, complexas e reversíveis, admitindo as retroacções (ou «feed-backs»)” (Amaro, 2003: 63). Também aqui, os indicadores de Bem-estar e Florescimento Humano estão relacionados com os desafios da ciência. Ao abordar uma questão tão complexa e multidimensional estes indicadores assumem, por si só, a existência de correspondências múltiplas entre os seus factores. Parte da literatura existente salienta, portanto, a necessidade de investir na investigação da capacidade que estes indicadores parecem deter (Waldron, 2010).

A construção destes indicadores representa, igualmente, um contributo para os desafios que enfrentam as nossas estatísticas. Stiglitz *et al* (2009), assinalam a necessidade de direccionar os sistemas estatísticos para modelos mais flexíveis, que permitam recolher e agregar informação estatística segundo diversas perspectivas filosóficas. Sendo que os indicadores de Bem-estar surgem como uma resposta a esta necessidade. Ao decompor-se em diversas componentes relacionadas com dimensões materiais, objectivas e subjectivas, mentais, pessoais, sociais e políticas, estes indicadores representam um esforço no sentido de construir novos sistemas estatísticos mais robustos e compreensíveis, que colocam as percepções e julgamentos dos indivíduos no centro das suas orientações (Michaelson *et al*, 2009; Waldron, 2010; Stiglitz *et al*, 2009). A este respeito, importa ainda salientar que os esforços a realizar nesta área representam uma oportunidade única para ligar diversos técnicos analistas e implementar redes de conhecimento de Bem-estar dispersas pela Europa e pelo mundo (Michaelson *et al*, 2009).

Identicamente, a dificuldade de medição do *Empowerment* surge como um especial desafio à sua monitorização. Como tal, novos modelos devem ser experimentados com vista a um entendimento mais alargado dos seus efeitos. Ao estudar os elementos que constituem estes processos, de acordo com os níveis de Florescimento com que se relacionam, será aqui realizada uma análise inovadora e bastante útil aos novos discursos do Desenvolvimento, direccionados para o *empowerment* e bem-estar dos indivíduos. Espera-se com esta

Dissertação aprofundar o conhecimento e o interesse científico sobre estas áreas, contribuindo para a mudança necessária à superação dos desafios mundiais actuais.

1.4. Objectivos:

Como Roque Amaro (2004) refere, o conceito de Desenvolvimento tem vindo a complexificar-se, as dúvidas, frustrações e ambiguidades persistem no seu estudo e a questão sobre se é um conceito a abandonar – devido ao seu carácter extremamente etnocêntrico e economicista – continua por resolver. Ainda assim, existem estratégias que têm sido amplamente estudadas, aplicadas e integradas com vista ao desenvolvimento das comunidades – como as metodologias participativas, as acções de desenvolvimento local, a cooperação e o trabalho em rede – sendo, actualmente, reconhecida entre diversas entidades a sua relevância e eficácia. Apesar de ser de todo o interesse e utilidade analisar o que é o Desenvolvimento e o seu processo histórico, esse não constitui um dos objectivos desta Dissertação. Assim, ao invés de analisar detalhadamente o conceito, as suas heranças, paradigmas e novas propostas, decidiu-se apostar no estudo daquela que tem representado a principal estratégia de Desenvolvimento, nomeadamente, nas suas “fileira vermelha” e “fileira azul” (Desenvolvimento Local e Participativo, Desenvolvimento Humano e Social, respectivamente) – O *Empowerment* (Amaro, 2004).

As evidências dos estudos que serão aqui abordados, demonstram-nos que os processos de *empowerment* têm a capacidade de gerar bem-estar individual, comunitário e, até mesmo, organizacional. Sendo comumente aceite que o *empowerment* tem efeitos positivos na vida dos indivíduos não só enquanto resultado mas também enquanto processo. No entanto, verificamos ainda uma grave escassez de informação sobre os efeitos dos elementos-chave do *empowerment*, nas componentes subjectivas e psicológicas do bem-estar dos indivíduos.

Assim, o principal objectivo desta dissertação reside na compreensão da pertinência de incorporar questões como o Florescimento Humano, nas novas abordagens e estratégias de Desenvolvimento, nomeadamente, as dirigidas para/pelo *Empowerment*.

Os objectivos gerais deste projecto, passam não só pela compreensão do Florescimento Humano e dos seus factores discriminatórios mas também pela análise de como alguns elementos do *Empowerment* influem na capacidade de Florescimento Humano dos indivíduos. Assim sendo, com vista à concretização destes objectivos, aponto os seguintes objectivos específicos:

- Analisar os conceitos de Florescimento Humano e *Empowerment*, dos seus factores, componentes e ferramentas de medição/monitorização;
- Esclarecer os resultados de projectos de *empowerment* que visaram ou resultaram em melhorias significativas da qualidade de vida e bem-estar subjectivo dos indivíduos;
- Traçar um perfil de indivíduos em Florescimento Humano, de acordo com factores sócio-demográficos discriminatórios, relevantes na literatura existente;
- Analisar a relação entre os 4 elementos-chave do *Empowerment* propostos pelo Banco Mundial (Acesso à Informação; Inclusão e Participação; *Accountability*; Capacidade de organização local) e o Florescimento Humano;
- Analisar o efeito da liberdade de acção no Florescimento Humano.

1.5. Formulação de hipóteses

Dado que esta Dissertação pretende não só contribuir para o estudo do Florescimento Humano mas também compreender as suas relações com o *Empowerment*, foram delimitadas hipóteses de estudo que nos permitissem compreender ambas questões, podendo ser segmentadas em 2 capítulos específicos:

Capítulo I: Caracterização da população em Florescimento – Factores discriminatórios

H1: Existem factores sócio-demográficos discriminatórios na capacidade de Florescimento Humano.

Capítulo II: *Empowerment* e Florescimento Humano – que relações?

H2: Existe uma relação entre o acesso e compreensão da realidade política, a capacidade de acção sobre esta, e o Florescimento Humano;

H3: Existe uma relação entre o Empenho na entreaajuda e nas actividades comunitárias, e o Florescimento Humano;

H4: Existe uma relação entre as Percepções de proximidade à comunidade e o Florescimento Humano;

H5: Existe uma relação entre a Percepção de liberdade de decisão sobre a própria vida e o Florescimento Humano.

Como podemos verificar, com a Hipótese 1 pretende-se analisar de que modo factores como o Género, a Idade, o Rendimento, as Habilitações literárias, a Situação laboral e as Percepções de Saúde, influenciam o Florescimento Humano dos indivíduos. Estas são questões amplamente estudadas no campo do Bem-estar e é já conhecido o efeito destes factores no Bem-estar Subjectivo. Com esta análise, pretende-se traçar um perfil de factores discriminatórios na capacidade de Florescimento Humano, contribuindo para o conhecimento sobre as especificidades dos indivíduos em Florescimento. Espera-se que este estudo nos clarifique quanto à utilidade da escala de Florescimento Humano na informação para novas políticas públicas, pois, poderemos realizar uma leitura diferente da realidade social, aceder a novos tipos de desigualdades e compreender quais os factores comuns aos indivíduos que tendem a encontrar-se em Florescimento.

As hipóteses 2, 3 e 4 prendem-se com a compreensão da relação entre elementos centrais ao *Empowerment* e ao Florescimento Humano. De modo a estabelecer-se uma coerência com as formulações teóricas do *empowerment* aqui apresentadas, as hipóteses foram organizadas de acordo com as propostas do Banco Mundial (Narayan, 2002) e Zimmerman (1995, 1999; Zimmerman *et al*, 1992). Pretende-se analisar em que medida os elementos focados nestas estratégias relacionam-se com o Florescimento dos indivíduos, compreendendo, assim, a importância e necessidade dos mesmos na concretização do bem-estar, como aqui formulado. Estas hipóteses aspiram oferecer um contributo aos estudos do Desenvolvimento, procurando trazer uma nova luz a estas questões e aprofundando a compreensão de como pode a análise do Florescimento Humano ter aplicações reais e úteis. Constituindo, um indicador válido e oportuno nas abordagens do Desenvolvimento.

A formulação da Hipótese 5 parte da necessidade de compreender outros elementos, abordados não só na sua relação com o Bem-estar Subjectivo, mas também com estratégias de *empowerment* e pressupostos das novas abordagens do Desenvolvimento Humano. As evidências apontam para o facto de que o desenvolvimento da democracia, da economia e da tolerância social têm fomentado a percepção de liberdade de escolha e acção sobre a própria vida. O que, por sua vez, produz efeitos positivos no Bem-estar Subjectivo e no Desenvolvimento das comunidades (Inglehart *et al*, 2008; Sen, 1999; Deneulin e Shahani, 2009; Shah e Marks, 2004; Stiglitz *et al*, 2009). Será, portanto, relevante compreender se

estes efeitos também se manifestam na concepção de bem-estar aqui formulada, enquanto Florescimento Humano. Apesar de a liberdade de escolha sobre a própria vida não constituir directamente um elemento essencial do *empowerment* no modelo teórico aqui apresentado, é notório entre as propostas analisadas que representa um objectivo primordial da abordagem. A liberdade de escolha tem sido acentuada nos debates sobre o Desenvolvimento Humano³, que procuram expandir a promoção e realização de objectivos que os indivíduos valorizam, focando as suas formulações em conceitos como liberdade, agência, *empowerment* e bem-estar. Ao constituir um factor transversal ao paradigma do Desenvolvimento Humano e ao estudo do Bem-estar, a liberdade de escolha reveste-se de particular relevância nesta Dissertação. Pois, permite-nos ampliar a análise aqui realizada, integrando não só propostas de *empowerment* específicas, mas também paradigmas do Desenvolvimento mais abrangentes, cujas redes nomológicas se relacionam com os conceitos aqui apresentados. Esta é uma hipótese que procura compreender de que modo este factor relaciona-se com o Florescimento Humano. Avaliando, assim, a sua relevância e impacto na concretização de um estado óptimo de Saúde Mental e Bem-estar.

De modo a facilitar a compreensão das hipóteses formuladas, apresenta-se de seguida o modelo analítico desta investigação, discriminado para cada hipótese. Como já foi referido, no que concerne às hipóteses 2, 3, 4 procurou-se cumprir uma organização coerente com as abordagens do *empowerment* aqui explanadas, sendo que a selecção dos indicadores e questões do ESS R3 seguiu as indicações do Banco Mundial (Narayan, 2002) e de Zimmerman (1995, 1999; Zimmerman *et al*, 1992). Assim, para apreender as melhores estratégias de organização dos indicadores e das respectivas questões do ESS/R3 para cada uma das hipóteses formuladas, começámos por seleccionar os 4 elementos-chave do *empowerment*, ocorrendo uma primeira segmentação do conceito. De seguida, optámos por focar-nos nas componentes do *empowerment* apresentadas por Zimmerman. A própria natureza do inquérito e das questões (individual e maioritariamente subjectiva) impossibilita-

³ Os paradigmas mais recentes do Desenvolvimento Humano, tendem a apontar a abordagem das capacidades, introduzida por Amartya Sen, enquanto elemento nuclear às novas direcções do Desenvolvimento. Esta é uma abordagem que distingue *funcionamento* – ser ou fazer o que os indivíduos valorizam, *capacidades* – liberdade individual para usufruir de vários funcionamentos, ou seja, ser ou fazer o que contribui para o bem-estar e, por fim, *agência* – habilidade individual para realizar objectivos importantes e valorizados pelos indivíduos. Esta é, portanto, uma perspectiva de Desenvolvimento focada na liberdade individual para promover e atingir o que se valoriza, consagrando-se, assim, numa posição bastante próxima e complementar aos objectivos propostos nas estratégias de *empowerment* (Deneulin e Shahani, 2009).

nos compreender qualquer aspecto das componentes organizacional e comunitária, restando a componente individual. Uma vez que se trata de uma componente onde coexistem 3 dimensões, procedeu-se uma nova segmentação. Com esta reestruturação decidiu-se contemplar apenas as dimensões interaccional e comportamental, pois, a proximidade das redes nomológicas da dimensão intrapessoal e do Florescimento Humano poderia gerar complicações e equívocos na análise a realizar. Esta é uma dificuldade analítica que demonstra a necessidade de aprofundar o estudo dos conceitos. O facto de ambos abordarem as percepções que os indivíduos têm de si próprios e das suas capacidades psicológicas, sem existir uma delimitação prévia, dificulta a investigação séria e coerente. Ficando demonstrada a urgência de um corpo teórico íntegro e coeso que delimite o conceito de Florescimento Humano e a dimensão intrapessoal do *empowerment*. No entanto, não sendo esse o objectivo do projecto, decidiu-se abandonar a análise desta dimensão. Como podemos verificar nos quadros 1.2 a 1.5, para cada hipótese que pretenda relacionar *Empowerment* e Florescimento Humano, existe um enquadramento teórico que lhe está claramente associado. Facilitando a interpretação e segmentação dos dados obtidos.

Quadro 1.1. Grelha analítica de H1:Existem factores sócio-demográficos discriminatórios na capacidade de Florescimento Humano

Hipótese 1: Existem factores sócio-demográficos discriminatórios na capacidade de Florescimento Humano			
Conceitos	Indicadores	Questões do ESS/R3	Fontes de dados secundários
Género Florescimento Humano	- Género - Emoções positivas; Envolvimento; Significado; Auto-estima; Optimismo; Resiliência; Vitalidade; Competência; Estabilidade emocional; Relações positivas	Florescimento*F21. Gender	(Huppert e So, 2009; Keyes, 2007; Dolan <i>et al</i> , 2006)
Idade Florescimento Humano	- Idade - Emoções positivas; Envolvimento; Significado; Auto-estima; Optimismo; Resiliência; Vitalidade; Competência; Estabilidade emocional; Relações positivas	Florescimento*F3_1b. Age of respondent, calculated	(Dolan <i>et al</i> , 2006; Keyes, 2002, 2007)
Rendimento total do agregado familiar Florescimento Humano	- Rendimento total familiar - Emoções positivas; Envolvimento; Significado; Auto-estima; Optimismo; Resiliência; Vitalidade; Competência; Estabilidade emocional; Relações positivas	Florescimento*F32. If you add up the income from all sources, which letter describes your household's total net income?	(Frey e Stutzer, 1999; Diener e Biswas-Diener, 2002a; Diener e Seligman 2004; Foresight, 2008)
Situação laboral Florescimento Humano	- Situação laboral nos últimos 7 dias - Emoções positivas; Envolvimento; Significado; Auto-estima; Optimismo; Resiliência; Vitalidade; Competência; Estabilidade emocional; Relações positivas	Florescimento*F8_c2. Which of these descriptions best describes your situation (in the last seven days)?	(Frey e Stutzer, 1999; Diener e Biswas-Diener, 2002a; Diener e Seligman, 2004; Shah e Marks, 2004; Stiglitz <i>et al</i> , 2009)
Habilitações literárias Florescimento Humano	- Nível educacional mais elevado alcançado - Emoções positivas; Envolvimento; Significado; Auto-estima; Optimismo; Resiliência; Vitalidade; Competência; Estabilidade emocional; Relações positivas	Florescimento*F6. What is the highest level of education you have achieved?	(Keyes, 2002, 2007; Dolan <i>et al</i> ,2006; Stiglitz <i>et al</i> , 2009)
Percepções de Saúde Florescimento Humano	- Percepção do estado de saúde em geral - Percepção de prejuízo no dia-a-dia devido a doenças crónicas, incapacidades, enfermidades ou problemas mentais - Emoções positivas; Envolvimento; Significado; Auto-estima; Optimismo; Resiliência; Vitalidade; Competência; Estabilidade emocional; Relações positivas	Florescimento*C15. How is your health in general? Florescimento*C16. Are you hampered in your daily activities in any way by any longstanding illness, or disability, infirmity or mental health problem?	(Keyes, 2002, 2007; Keyes e Haidt, 2003; Diener e Seligman, 2004; Shah e Marks, 2004)

Quadro 1.2. Grelha analítica de H2: O acesso e compreensão da informação política, e a capacidade de acção sobre esta fomentam o Florescimento Humano

Hipótese 2: Existe uma relação entre o acesso e compreensão da informação política, a capacidade de acção sobre esta, e o Florescimento Humano				
<i>Elementos-chave do empowerment</i>	<i>Componente individual do Empowerment</i>	<i>Indicadores</i>	<i>Questões do ESS/R3</i>	<i>Fontes de dados secundários</i>
Acesso à informação	Dimensão comportamental	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo dispendido a informar-se politicamente através da televisão - Tempo dispendido a informar-se politicamente através da rádio - Tempo dispendido a informar-se politicamente através de jornais 	<ul style="list-style-type: none"> - Florescimento*A2. On an average weekday, how much of your time watching television is spent watching news or programmes about politics and current affairs? - Florescimento*A4. On an average weekday, how much of your time listening to the radio is spent listening to news or programmes about politics and current affairs? - Florescimento*A6. How much of this time is spent reading about politics and current affairs? 	
Accountability	Dimensão interaccional	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse político - Compreensão da realidade política 	<ul style="list-style-type: none"> - Florescimento*B1. How interested would you say you are in politics? - Florescimento o*B2. How often does politics seem so complicated that you can't really understand what is going on? - Florescimento*B3. How difficult or easy do you find it to make your mind up about political issues? 	(Stiglitz <i>et al.</i> , 2009)
	Dimensão comportamental	Participação em actividades cívicas e políticas	<ul style="list-style-type: none"> - Florescimento*B13-19. During the last 12 months, have you done any of the following? Contacted a politician, government or local government official?; Worked in a political party or action group?; Worked in another organisation or association?; Worn or displayed a campaign badge/sticker?; Signed a petition?; Taken part in a lawful public demonstration?; Boycotted certain products? 	

Quadro 1.3. Grelha analítica de H3: Indivíduos empenhados na entreaajuda e nas actividades comunitárias apresentam níveis mais elevados de Florescimento Humano

Hipótese 3: Existe uma relação entre o empenho na entreaajuda e nas actividades comunitárias, e o Florescimento Humano				
<i>Elementos-chave do empowerment</i>	<i>Componente individual do Empowerment</i>	<i>Indicadores</i>	<i>Questões do ESS/R3</i>	<i>Fontes de dados secundários</i>
Capacidade de organização local	Dimensão comportamental	<ul style="list-style-type: none"> - Participação comunitária em benefício de outros 	<ul style="list-style-type: none"> Florescimento*E1. In the past 12 months, how often did you get involved in work for voluntary or charitable organisations? Florescimento* E2. Not counting anything you do for your family, in your work, or within voluntary organisations, how often, in the past 12 months, did you actively provide help for other people? Florescimento*E3. And in the past 12 months, how often did you help with or attend activities organised in your local area? 	(Aked <i>et al.</i> , 2008; Aked <i>et al.</i> , 2010; Foresight, 2008)

Quadro 1.4. Grelha analítica de H4: As percepções de proximidade à comunidade estimulam o Florescimento Humano

Hipótese 4: Existe uma relação entre as percepções de proximidade à comunidade, e o Florescimento Humano				
<i>Elementos-chave do empowerment</i>	<i>Componente individual do Empowerment</i>	<i>Indicadores</i>	<i>Questões do ESS/R3</i>	<i>Fontes de dados secundários</i>
Inclusão e participação	Dimensão interaccional	Percepção de Integração Local	Florescimento*E45. I feel close to people in my local area Florescimento*E36. To what extent you feel that people in your local area help one another	(Stiglitz <i>et al</i> , 2009; Aked <i>et al</i> , 2008; Hothi <i>et al</i> , 2008; Wallerstein, 2006)

Quadro 1.5. Grelha analítica de H5: A liberdade de acção e escolha sobre a própria vida promove o Florescimento Humano

Hipótese 5: Existe uma relação entre a decisão sobre a própria vida, e o Florescimento Humano			
<i>Conceito</i>	<i>Indicadores</i>	<i>Questões do ESS/R3</i>	<i>Fontes de dados secundários</i>
Percepção de liberdade	Percepção de liberdade de decisão sobre a própria vida	Florescimento* E23. I feel I am free to decide for myself how to live my life	(Inglehart <i>et al</i> , 2008; Diener e Seligman, 2004)

1.7. Organização e Metodologia do Trabalho

O presente estudo encontra-se dividido em seis capítulos. No primeiro, serão explanadas as heranças do conceito de Florescimento Humano, da sua relação com a Saúde Mental e com o Bem-estar Subjectivo, assim como as definições operacionais sugeridas por Corey Keyes, Felicia Huppert e Timothy So, Edward Diener e Martin Seligman. No segundo capítulo, será analisado o conceito de *Empowerment*, os seus elementos-chave e níveis de análise, as relações com conceitos como Poder e as limitações à sua medição. No terceiro capítulo, apresentam-se as principais evidências dos impactos de estratégias de *empowerment* na promoção do bem-estar subjectivo e na saúde. Nesta primeira parte pretende-se expor o quadro teórico que orientou toda a investigação, procurando estabelecer ligações entre os conceitos de *Empowerment* e Florescimento Humano. A segunda parte deste trabalho consiste na apresentação dos dados obtidos com a análise estatística à amostra portuguesa do *European Social Survey, Round3 (2006)*. Assim, no quarto capítulo a amostra é caracterizada

segundo factores sócio-demográficos, como género, idade, estado civil, rendimento, situação profissional e habilitações literárias. Posteriormente, será testada a Hipótese 1 e, como tal, os resultados da correlação entre Florescimento Humano e alguns factores sócio-demográficos serão apresentados, com o intuito de traçar um perfil dos indivíduos em Florescimento. No quinto capítulo serão testadas as correlações entre os 4 elementos-chave do *Empowerment* e o Florescimento Humano, com vista à verificação das hipóteses 2, 3, 4 e 5. Por fim, no sexto capítulo serão apresentadas as principais conclusões do estudo e sugestões para investigações futuras.

Para a concretização dos objectivos e hipóteses desta Dissertação, as metodologias adoptadas consistiram na análise documental, que pretendeu sintetizar e relacionar as informações existentes sobre os conceitos; e na análise estatística, com vista à observação do modelo teórico apresentado e à verificação das hipóteses de estudo. Uma vez que o Florescimento Humano é um conceito bastante recente e o seu estudo em Portugal é ainda prematuro, a pesquisa bibliográfica restringiu-se às bases de dados de artigos científicos como a PsycINFO, JSTOR e SpringerLink, bem como a sites de organizações direccionadas para o estudo do Bem-estar, produtoras de literatura de divulgação reconhecida. No que respeita ao conceito de *Empowerment*, a literatura é mais difundida e, como tal, a pesquisa realizou-se em Bibliotecas, bases de dados e estudos em geral. Já na relação entre os conceitos, verificamos a escassez de informação de trabalhos realizados ou disponíveis e, assim sendo, os documentos representam, maioritariamente, a literatura produzida no âmbito do estudo dos efeitos dos programas de *empowerment*, bem como outros artigos científicos da área da saúde.

Para o estudo empírico dos conceitos abordados, optou-se pela análise estatística. A escolha desta metodologia prende-se com o próprio carácter dos contributos que os conceitos auferem à sociedade, ao sistema político e à ciência, assim como, com os objectivos da Dissertação. Ao constatar o apelo de dirigentes, peritos e cientistas em integrar as questões do bem-estar, nomeadamente, do Florescimento Humano, nas sistemas estatísticos nacionais, revelou-se a necessidade de verificar as possibilidades deste conceito ser monitorizado e relacionado com outros, através da estatística. Também a inexistência de investigações a projectos directamente relacionados com os conceitos e dinâmicas aqui abordados, impossibilitou a realização de estudos de caso ou outras abordagens mais qualitativas. A estas limitações associou-se a vontade de promover acções como o European Social Survey e a

pertinência da sua utilização na análise dos conceitos, dado que o Round aqui empregue foi construído, precisamente, com o intuito de alargar o estudo do Bem-estar, demonstrando-se enquanto estratégia para acelerar a produção de conhecimento na área. Compreende-se, ainda, que constituindo o objectivo desta Dissertação, compreender a existência de correlações entre os conceitos e a sua pertinência para os debates do Desenvolvimento, a análise estatística seria a melhor metodologia a empreender, dado que nos permitiria revelar a co-variação das componentes. As limitações desta metodologia prendem-se, essencialmente, com a impossibilidade de, por si só, possuir poder explicativo. Isto é, pode descrever relações e estruturas latentes, mas não o seu significado, sendo que essa explicação cabe ao investigador realizar, de acordo com a análise teórica exercida (Quivy e Campenhoudt, 2008).

1.7.1 O *European Social Survey, Round 3 (2006)*

O ESS é um projecto fundado por organismos como a Comissão Europeia, a Fundação Europeia da Ciência e outros corpos académicos de cada país participante. Consiste num inquérito bianual que cobre mais de 30 países, desenhado para representar e explicar as interações entre mudanças nas instituições europeias e atitudes, crenças e padrões de comportamentos da sua população. Em 2005 este projecto ganhou o prémio Descartes e foi também indicado pelo Fórum Estratégico Europeu para as Infra-estruturas de Investigação (ESFRI) como o possível futuro Consórcio de Infra-estrutura Europeu de Investigação (ERIC), algo que se espera acontecer já em 2013.

A cada Round do ESS, dois módulos rotativos são criados por equipas multinacionais de investigadores. Estes módulos são propostos no Jornal Oficial da União Europeia (OJEU) e divulgado pela Fundação Europeia da Ciência e outras Fundações da ciência nacionais relevantes. Assim, o Round 3, realizado em 2006, centrou-se nos 2 módulos: Bem-estar Pessoal e Social – criando indicadores para uma Europa em florescimento; O Tempo de Vida – A organização do curso de vida na Europa⁴.

Este Round foi criado especificamente para apoiar e fomentar o estudo do Bem-estar Subjectivo. Procura avaliar o sucesso dos países europeus na promoção do bem-estar pessoal e social dos seus cidadãos, fornecendo, simultaneamente, um maior entendimento quanto a outras dimensões da vida e modos de os medir, como as relações com a família, trabalho e rendimento. Este é um módulo que procura ir além das tradicionais medidas de bem-estar

⁴ <http://www.europeansocialsurvey.org/>

subjectivo (enquanto bem-estar hedónico) averiguando as componentes eudaimónicas do bem-estar. Constitui, portanto, um módulo inovador, sendo a primeira tentativa sistémica de criar uma série de medidas nacionais de bem-estar com relevância e utilidade política (Huppert *et al*, 2008).

O inquérito do Round 3 aqui utilizado foi administrado em 25 países europeus a indivíduos com mais de 15 anos residentes em lares privados, independentemente da sua nacionalidade, naturalidade, língua ou estado civil.

1.7.2. A Escala de Florescimento Humano de Felicia Huppert e Timothy So

Apesar da escala de Florescimento apresentada por Keyes ser, notoriamente, mais detalhada, facilmente segmentada entre domínios do bem-estar e fundamentada empiricamente, a opção para a Dissertação não foi a de utilizar esta escala. A extensão dos seus factores não é totalmente abrangida no ESS/R3, além de que, tratando-se de uma escala psicológica haveria a necessidade da formulação das perguntas ser o mais idêntica possível às aplicadas nos estudos realizados por Keyes. Tal não se verificou e, portanto, surgiu a urgência de abandonar a sua utilização. Assim, optou-se por utilizar a escala de Florescimento Humano proposta por Huppert e So (2009), mesmo que não possuindo ainda resultados relativamente à sua validade e confiabilidade. Por estar envolvida no processo de construção do Round 3 do ESS, Huppert encontra aqui uma posição de destaque relativamente aos outros autores. Considera-se que a sua escala traduz o quadro teórico inerente à construção do questionário enquanto que, simultaneamente, sintetiza as perspectivas de outros autores, recolhendo o que parece ser comum e mais valorizado nas diferentes propostas. Portanto, esta é uma escala que apesar de não estar ainda demonstrada a sua aplicabilidade e validade empírica, possui já um rico e importante valor teórico e metodológico, permitindo-nos recolher o melhor de cada discurso do bem-estar subjectivo e funcionamento psicológico.

1.8. Dificuldades encontradas e Limitações da análise

As limitações da análise prendem-se, essencialmente, com a escassez de informação relativamente ao conceito de Florescimento Humano, da sua relação com o *Empowerment* e da dificuldade da sua medição. Assim, a escolha da bibliografia revelou-se menos criteriosa, no sentido em que, havendo pouca informação foi necessário reunir a que existe e encontrar os aspectos mais relevantes à análise aqui empreendida. Também o cepticismo de alguns investigadores e áreas da ciência, relativamente à possibilidade de estudarmos o bem-estar

subjectivo, revelou-se uma limitação, ou antes, uma pressão, para justificar a pertinência e utilidade desta análise, descurando o estudo de outros factores importantes na relação entre os conceitos ou o aprofundamento da análise estatística.

O facto de ainda não existir informação quanto à validade e confiabilidade da escala de Florescimento Humano, demonstrou-se também um factor limitador à minha “liberdade” e confiança para empreender análises mais aprofundadas, como a factorial ou multivariada.

Identicamente, a inexistência de indicadores de *Empowerment* “globais” revelou-se uma grande limitação à análise exercida, surgindo, portanto, a necessidade de encontrar meios que permitissem aferir algumas das suas dimensões e componentes essenciais. O facto de este conceito se traduzir enquanto resultado e processo, ao passo que o inquérito utilizado não foi desenvolvido no âmbito de um programa de *empowerment*, constituem também limitações da análise. Assim, os indicadores de *empowerment* construídos não devem ser encarados como os resultados ou os processos deste conceito, mas antes como os elementos que tendem a ser comuns à maioria dos projectos desenvolvidos, com vista à concretização do *empowerment* – enquanto processo e resultado.

Assim, entende-se que os resultados obtidos constituem a exemplificação do tipo de análise que estes indicadores nos permitem e uma primeira imagem – simples e resumida – da distribuição dos factores na amostra portuguesa. Compreende-se, então, que dadas as limitações e dificuldades, este estudo constitui um primeiro contributo para a investigação do Florescimento Humano e da sua relação com o *Empowerment* na realidade portuguesa, fornecendo pistas para investigações futuras. Portanto, assume-se que esta é uma análise de cariz descritivo e experimental, não sendo possível explicitar determinantes que podem moderar as relações entre os conceitos.

PARTE 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Esta primeira parte encontra-se dividida em três capítulos onde serão explanados os conceitos considerados relevantes para o desenvolvimento desta investigação.

No primeiro capítulo abordar-se-á o conceito de Florescimento Humano, as suas heranças, pressupostos e definições operacionais. Com esta análise pretende-se sintetizar os principais conhecimentos obtidos no estudo do conceito e colocar em debate os diferentes autores que o têm estudado e proposto escalas para a sua medição.

No segundo capítulo, serão aprofundados os contributos dos debates do Desenvolvimento e da Psicologia Comunitária no conceito de *Empowerment*. Serão expostas as limitações à definição e medição do conceito, os seus níveis e dimensões de análise e os elementos-chave que o caracterizam. A concretização deste capítulo prende-se com a necessidade de entender como pode o *empowerment* ser representado, com o máximo rigor científico possível, considerando os múltiplos factores que lhe estão associados.

Por fim, no terceiro capítulo realizar-se-á uma breve revisão dos principais resultados de saúde e bem-estar obtidos no âmbito de projectos de *empowerment*. Procura-se, portanto, dar a conhecer os resultados das investigações mais recentes na área, procurando compreender qual a posição dos factores de bem-estar subjectivo no âmbito destes projectos.

Capítulo 1| Florescimento Humano: Enquadramento do conceito e Definições operacionais

O presente capítulo pretende dar conta do estado da arte do recém-criado conceito de Florescimento Humano. Procurará enquadrar teoricamente o conceito, discutindo as suas raízes filosóficas e analisando a importância de integrar as perspectivas hedónica e eudaimónica do bem-estar nas novas concepções de Bem-estar Subjectivo, com vista à concretização do Florescimento Humano.

Será aqui apresentada a definição de Saúde Mental segundo a Organização Mundial de Saúde e Corey Keyes. Assim como o entendimento de Keyes quanto à relação existente entre Saúde Mental, Bem-estar Subjectivo e Florescimento Humano. Este é um esforço fundamental à compreensão das fronteiras entre os conceitos e à construção de uma percepção unívoca de

Florescimento Humano, onde o conceito está devidamente estabelecido na sua rede nomológica.

Apesar de apenas Corey Keyes empreender claramente esforços em construir uma teoria do Florescimento Humano, coerente e devidamente enquadrada no âmbito científico, outros autores têm procurado modos de a operacionalizar e medir. Assim, serão também apresentadas as definições operacionais de Florescimento Humano em autores como Edward Diener, Martin Seligman e Felicia Huppert e Timothy So.

O trabalho realizado neste capítulo constitui, portanto, um importante contributo para a sistematização e integração dos paradigmas actuais do Florescimento Humano. As assimilações aqui realizadas demonstram-se cada vez mais imperativas à análise clara e objectiva do conceito, pois, o evidente distanciamento e desorganização dos poucos debates existentes, dificulta o seu estudo e a construção de uma imagem global mas inteira dos seus factores. Assim, a abordagem aqui empreendida é essencial não só ao entendimento íntegro sobre a definição, operacionalização e medição do Florescimento Humano nos estudos do Bem-estar e da Saúde Mental, mas também à validação da capacidade deste conceito contribuir na resposta a alguns dos desafios do Desenvolvimento e da ciências sociais.

Nota Introdutória

Florescimento Humano é um conceito que surge do desenvolvimento e alargamento do campo teórico no estudo do Bem-estar e da Saúde Mental. Representa uma nova concepção de “boa vida” focada não só em emoções e experiências positivas mas também em factores de desenvolvimento do potencial humano e óptimo funcionamento. É ampla e consensualmente definido como um estado óptimo de saúde mental em que o indivíduo sente e funciona positivamente (Keyes, 2002; Huppert e So, 2009; Diener *et al*, 2010; Seligman, 2011).

Embora forneçam leituras distintas de bem-estar, até recentemente a perspectiva hedónica vinha a dominar o discurso nesta área, no entanto, as análises recentes de factores eudaimónicos têm revelado correlações consideráveis entre ambas abordagens (Keyes, Shmotkin e Ryff, 2002; Kashdan, Biswas-Diener e King, 2008). Assim, este conceito representa, actualmente, um meio de mitigar as dificuldades adjacentes à distinção teórica e metodológica existente entre hedonismo e eudaimonia. Simultaneamente, procura um maior

entendimento sobre o que constitui e influencia o Bem-estar nas possibilidades de flexibilidade teórica e abstracção que esta distinção, e outras que possa influenciar, permite.

As raízes do conceito de Florescimento Humano encontram-se nos debates filosóficos e ancestrais de “boa vida”, no entanto, durante demasiado tempo este conceito esteve distante do interesse de investigadores, sendo que, apenas recentemente começou a possuir algum significado no âmbito académico e científico. O seu enquadramento histórico é, portanto, difícil e a informação existente encontra-se ainda muito dispersa.

Se por um lado, alguns contributos do pensamento filosófico se demonstraram fundamentais para a construção e compreensão do Florescimento Humano, outros têm-se revelado verdadeiros obstáculos ao seu entendimento no meio académico (Kashdan *et al*, 2008). No entanto, alguns autores têm procurado repensar as concepções de Bem-estar existentes e equilibrar o desenvolvimento teórico e empírico entre as diferentes abordagens. Trazendo para debate, conceitos como Bem-estar Psicológico (Ryff e Keyes, 1995), Autodeterminação (Ryan e Deci 2000), Autonomia, Significado, Propósito, *flow* (Keyes, 2002; Huppert e So, 2009; Seligman 2011), entre muitos outros, com vista a uma compreensão mais alargada do Bem-estar, capaz de superar os problemas teóricos e metodológicas que distinções existentes entre diversas perspectivas criavam.

1.1. Da integração das perspectivas hedónica e eudaimónica às novas concepções de Bem-estar Subjectivo

A análise às principais abordagens do Bem-estar permite verificar uma tendência, por parte dos investigadores, para relacionar as suas concepções com as perspectivas hedónica e eudaimónica de felicidade (Kashdan *et al*, 2008). Ambas são perspectivas filosóficas, com raízes ancestrais, que foram gradualmente incorporadas no âmbito da Psicologia e que hoje distinguem dois corpus teóricos no estudo do Bem-estar.

A **perspectiva hedónica** compreende o Bem-estar como a obtenção do prazer e a diminuição da dor, sendo que para a Psicologia hedónica o “Bem-estar consiste na felicidade subjectiva e respeita às experiências de prazer e/ou desgosto, no sentido lato, incluindo todos os julgamentos sobre bons e maus elementos da vida” (Ryan e Deci, 2001:144). É neste sentido que Kahneman, considerado o pai da Psicologia hedónica, define a disciplina como “o estudo do que torna as experiências e a vida agradável e desagradável” (Kahneman, Diener e

Schwarz, 1999: ix). Um dos contributos mais importantes na investigação desta perspectiva provém de Edward Diener e da sua conceptualização de Bem-estar Subjectivo. Focado nas condições em que as pessoas reagem positivamente às experiências, este conceito inclui respostas emocionais, satisfação em domínios e julgamentos de satisfação com a vida (Diener *et al*, 1999). Segundo os autores, este é um constructo fundado em 3 componentes: O *Afecto positivo* e o *Afecto negativo*, representam modos e emoções, assim como avaliações momentâneas que os indivíduos fazem dos acontecimentos diários. Apesar das dúvidas ainda existentes quanto à relação entre ambos, encontramos já indícios de que os dois constructos são tendencialmente independentes, embora em alguns estudos tenham apresentados correlações significativas reduzidas. A *Satisfação com a vida*, consiste no aspecto cognitivo deste Bem-estar e forma um factor distinto dos dois factores correspondentes ao Afecto positivo e negativo.

Apesar das dúvidas ainda existentes no estudo do Bem-estar Subjectivo, nas últimas décadas este foi considerado a principal medida de Bem-estar (Ryan e Deci, 2001).

Por outro lado, a **perspectiva eudaimónica** surge do descontentamento com a ambiguidade moral que a perspectiva hedónica representa. Neste sentido, Aristóteles considera que a felicidade hedónica é vulgar e capaz de transformar os seres humanos em escravos dos seus desejos (Ryan e Deci, 2001). Segundo o filósofo, a verdadeira felicidade é encontrada através da expressão da virtude. Esta é uma abordagem que se distingue da hedónica, na medida em que, admite que nem todos os desejos poderão trazer felicidade e bem-estar e, assim sendo, esta é alcançada através da realização do potencial humano (Ryan e Deci, 2001). Entre os principais autores inseridos na perspectiva eudaimónica encontramos Carol Ryff (Ryff e Keyes, 1995, Keyes *et al*, 2002), cujos esforços em integrar as diversas formulações teóricas existentes na área do desenvolvimento ao longo da vida, funcionamento positivo e saúde mental - de autores como Bradburn, Maslow, Rodgers, Allport, Jung e Jahoda - resultaram num modelo multidimensional de Bem-estar Psicológico constituído por 6 dimensões de funcionamento psicológico positivo: Auto-aceitação; Crescimento pessoal; Propósito na vida; Controlo sobre o ambiente; Autonomia e Relações positivas.

Parte da literatura existente aponta para uma distinção entre as perspectivas hedónica e eudaimónica e admite que ambas levantam questões diferentes, sendo que a primeira tende a focar-se no nível de bem-estar de um indivíduo, enquanto que a segunda procura explicar a origem desse bem-estar (Ryan e Deci, 2001; Kashdan *et al*, 2008). No entanto, o aprofundamento na investigação do Bem-estar Subjectivo, Bem-estar Psicológico e de outros

aspectos eudaimónicos, indica a existência de uma correlação entre as diferentes abordagens (Keyes *et al*, 2002). Assim, apesar de autores como Waterman (2007) defenderem a distinção entre eudaimonia e Bem-estar Subjectivo, outros indicam a existência de uma relação sinérgica entre os factores (Kashdan *et al*, 2008; Keyes *et al*, 2002). Estes investigadores apontam também para o facto de que factores hedónicos e eudaimónicos operam em conjunto e são interdependentes na obtenção do óptimo funcionamento, ainda que mantendo uma posição única e distinta na percepção do bem-estar global. Nos últimos anos temos, portanto, assistido a uma urgência de novos modelos que integram ambas as perspectivas, enquanto constructos correlacionados mas simultaneamente distintos e portadores de um entendimento diferente sobre o bem-estar.

Importantes contributos ao desenvolvimento de novos modelos teóricos provêm dos estudos realizados por Fredrickson e Losada (2005) ao papel das emoções positivas no óptimo funcionamento. Igualmente relevante, a Teoria da Auto-determinação de Ryan e Deci (2000) destaca-se por abordar o desenvolvimento positivo e os ambientes sociais que o dificultam, evidenciando também a autonomia, a competência e os relacionamentos enquanto necessidades básicas. A Teoria da Orientação para a Felicidade de Peterson, Nansook e Seligman (2005) procura também integrar as perspectivas hedónica e eudaimónica e apresenta ainda uma nova perspectiva, esclarecendo 3 modos de orientação para a felicidade: Orientação para o prazer (Perspectiva Hedónica); Orientação para o significado (Perspectiva Eudaimónica); Orientação para o *engagement*/envolvimento (inspirada na noção de *flow* em Csikszentmihalyi).

Por fim, outras abordagens de particular relevância provêm dos estudos de Corey Keyes (2002), cujo modelo de Saúde Mental repensa e desafia as abordagens existentes do Bem-estar Subjectivo. Na concepção de Keyes (2002, 2006, Keyes e Haidt, 2003), Bem-estar Subjectivo consiste em “Percepções e avaliações individuais sobre a vida, em termos dos seus estados afectivos e funcionamento psicológico e social” (2002:208). Sendo que, este representa um constructo superior (consultar Figura 2.1), constituído por 3 dimensões:

O **Bem-estar emocional** (Perspectiva hedónica), representa a presença ou ausência de sentimentos positivos perante a vida. Pode ser medido através da análise ao *Afecto Positivo*, *Afecto Negativo* e *Satisfação com a vida* (Keyes e Haidt, 2003).

O **Bem-estar psicológico** (Perspectiva eudaimónica), implica percepções do envolvimento nos desafios da vida. Baseia-se, portanto, em critérios pessoais e privados de avaliação do

próprio funcionamento (Keyes *et al*, 2002). Pode ser verificado na observação de 6 dimensões: *Auto-aceitação, Crescimento pessoal, Propósito na vida, Controlo sobre o meio, Autonomia e Relações Positivas*.

O **Bem-estar social** (Perspectiva eudaimónica), refere desafios ou tarefas sociais e consiste na avaliação da própria situação individual e do funcionamento da sociedade. É constituído por critérios mais públicos e sociais, através dos quais os indivíduos avaliam o seu funcionamento na vida, e observado no estudo à *Aceitação social, Actualização social, Contribuição social, Coerência social e Integração social* (Keyes, 1998).

Figura 2.1. *Concepção de Bem-estar Subjectivo em Keyes*



Fonte: Elaborado pela autora

1.2. Saúde Mental, Bem-estar Subjectivo e Florescimento

Com o desenvolvimento do estudo do Bem-estar e da Psicologia Positiva e com os avanços decorrentes na área da saúde, o conceito de Saúde Mental apropriou-se destas novas abordagens, começando a ser encarado como algo mais do que a mera ausência de perturbações mentais. Assim, em 2001 a Organização Mundial de Saúde define Saúde Mental como “um estado de bem-estar no qual o indivíduo utiliza as suas capacidades, lida com o stress normal da vida, trabalha de modo produtivo e frutífero e contribui para a comunidade” (OMS, 2004:12). Torna-se clara a presença dos novos paradigmas do Bem-estar na definição de Saúde Mental e surge a necessidade de definir uma tipologia de sintomas que a caracterize.

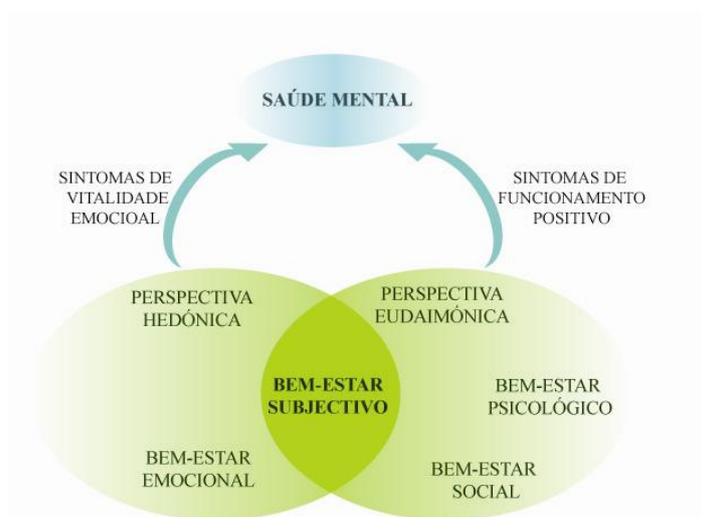
Na análise ao Florescimento Humano e às novas abordagens do Bem-estar Subjectivo, Corey Keyes deu também importantes contributos para estas novas concepções de Saúde Mental

(consultar Figura 2.2). Segundo o autor, os sintomas de Saúde Mental constituem o Bem-estar Subjectivo dos indivíduos, uma vez que, este último representa percepções e avaliações individuais sobre a vida, em termos de estados afectivos e funcionamento psicossocial (Keyes e Haidt, 2003). A este respeito o autor indica especificamente que a escala de Bem-estar Psicológico de Ryff correlaciona-se, em média -0,51 com o inventário de Depressão de Zung e -0,55 com a escala de depressão do *Center for Epidemiological Studies*. Assim como, os indicadores e escalas de Satisfação com a Vida e Bem-estar Emocional se correlacionam entre -0,40 e -0,50 com escalas de sintomas de depressão (Keyes, 2002; Keyes e Haidt 2003).

Assim sendo, na abordagem de Keyes (Keyes e Haidt, 2003), à semelhança dos dois conjuntos de sintomas utilizados no DSM-III-R para identificar os principais episódios depressivos – Sintomas de humor deprimido e Sintomas de mal funcionamento – também o Bem-estar Subjectivo representa dois conjuntos de sintomas de saúde mental (Anexo A) – Sintomas de vitalidade emocional (Bem-estar emocional) e Sintomas de funcionamento positivo (Bem-estar psicológico e social).

Nas palavras de Keyes (1998, 2002, 2006), o indivíduo com saúde mental é aquele que sente emoções positivas e satisfação relativamente à vida - **Bem-estar Emocional**; gosta de si próprio, tem relações de confiança, sente-se crescer enquanto pessoa, tem propósitos na vida e autodeterminação - **Bem-estar psicológico**; e ainda, percebe a vida social como significativa e compreensível, vê na sociedade potencial para crescimento, sente que pertence à comunidade, é apto para aceitar todas as partes da sociedade e considera que a sua vida contribui para a sociedade - **Bem-estar Social**.

Figura 2.2. *Concepção de Saúde Mental em Keyes*



Fonte: Elaborado pela autora

Neste sentido, Keyes (2002, 2007) sugere que a saúde mental deve ser entendida como um estado completo que consiste em duas dimensões: o *continuum* da perturbação mental e o *continuum* da saúde mental (consultar Figura 2.3), sendo que é na intersecção de ambas que surge o **Florescimento**, enquanto estado óptimo de saúde mental.

Figura 2.3. Modelo de Saúde Mental completa e categorias de diagnóstico



Fonte: Traduzido de Keyes, 2002:302

Segundo o autor (2002, 2007), adultos com completa saúde mental estão a florescer, no sentido em que apresentam emoções positivas relativamente à vida e funcionam positivamente psicológica e socialmente. Florescimento Humano é, portanto, uma posição específica no espectro global da saúde mental. Por outro lado, indivíduos que, apesar de não apresentarem sintomas de perturbação mental, também não apresentam valores positivos de saúde mental, encontram-se em elanguescimento. Este é um estado em que as pessoas tendem a definir as suas vidas como “ocas”, “vazias” e desprovidas de sentido, apesar de não apresentarem perturbações mentais (Keyes e Haidt, 2003).

No estudo MIDUS (*Midlife in the United States*) realizado por Keyes (Keyes e e Haidt, 2003) a 3032 adultos com idades compreendidas entre os 25 e os 74 anos, o autor averiguou que apenas 21,6% dos indivíduos estava em florescimento, enquanto que 20% encontravam-se em elanguescimento e 58,7% com saúde mental moderada. Verificou-se também que cerca de 5%

dos indivíduos em florescimento, 13% dos inquiridos com saúde mental moderada e 28% dos adultos em elanguescimento tinham experienciado um episódio depressivo no último ano.

1.3. Florescimento Humano - Definições operacionais

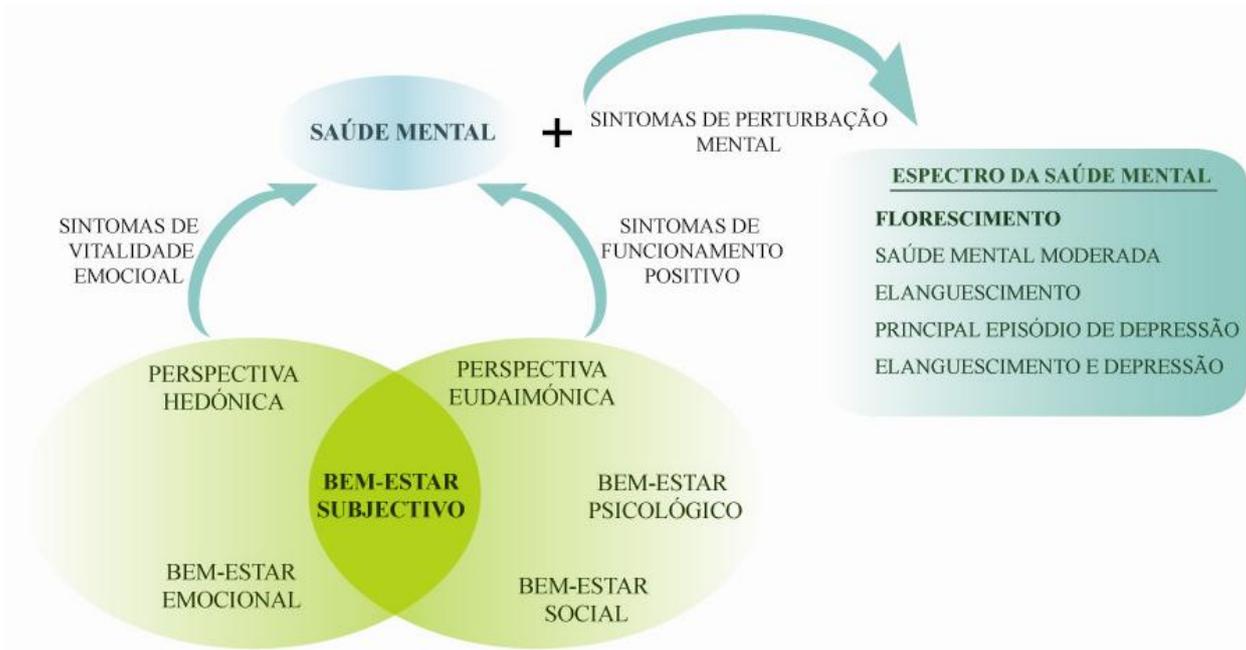
Apesar de actualmente ser comumente aceite entre diversos autores que o Florescimento Humano corresponde a um estado óptimo de saúde mental, em que os indivíduos sentem e funcionam positivamente (Keyes, 2002, 2007; Huppert e So, 2009; Diener *et al*, 2010; Seligman, 2011), não existe ainda uma concordância quanto aos factores que o compõem (Huppert e So, 2009).

Ainda que este conceito represente a convergência entre as perspectivas que vinham a dominar o discurso na área do Bem-estar, existem diferenças significativas nos seus corpos teóricos. E, se por um lado a perspectiva hedónica assumiu o Bem-estar Subjectivo como a sua principal abordagem teórica, a perspectiva eudaimónica continua sem nenhuma teoria que a represente inteiramente (Kashdan *et al*, 2008). Assim, a concretização de um conceito como o de Florescimento Humano, tem sido alvo de interesse e atenção por parte de alguns autores, que vêem neste conceito a possibilidade de alcançar um dos principais objectivos da Psicologia Positiva - entender o que faz uma vida valer a pena e apoiar indivíduos, comunidades e sociedades a viverem vidas mais completas e significativas (Seligman e Csikszentmihalyi, 2000).

1.3.1. Definição operacional de Corey Keyes

Na concepção de Keyes (2002; Keyes e Haidt, 2003), dado que o Florescimento está directamente relacionado e dependente de sintomas de saúde mental, este deve ser medido de acordo com as posições individuais em cada sintoma de Bem-estar emocional, psicológico e social. Segundo o autor, o indivíduo em Florescimento é aquele que apresenta elevados valores em uma das duas escalas de Bem-estar emocional e elevados valores em seis das onze escalas de Funcionamento positivo. Por outro lado, o indivíduo em elanguescimento, apresenta valores reduzidos em uma das duas escalas de Bem-estar emocional e em seis das onze escalas de Funcionamento positivo

Figura 2.4. Posição do conceito de Florescimento na abordagem de Keyes



Fonte: Elaborado pela autora

1.3.2. Definição operacional de Felicia Huppert e Timothy So

Alternativamente, numa análise ao European Social Survey Round 3 de 2006, Huppert e So (2009) apresentam outra proposta de operacionalização do conceito de Florescimento Humano. Para os autores existem 3 factores principais de Florescimento – Emoções positivas; envolvimento e interesse; sentido e propósito. A estes factores Huppert e So associam outros 6 factores adicionais – Auto-estima; Optimismo; Resiliência; Vitalidade; Auto-determinação; Relações positivas. Recentemente, acrescentaram o factor adicional Estabilidade Emocional. Sendo que o indivíduo em florescimento é aquele que apresenta valores positivos nos 3 factores principais e em pelo menos 3 factores adicionais (Huppert e So, 2009). Na construção destes factores os autores basearam-se no quadro teórico presente no módulo de Bem-estar do European Social Survey Round 3 (consultar Quadro 2.1). Este módulo consiste numa tentativa de integrar as perspectivas hedónica e eudaimónica que sintetiza contributos de autores como Cummins (2003), Ryff (1989, 1998), Ryan e Deci (2001), Seligman (2002) e, particularmente, de Amabile (1994), Kashdan (2004) e Vittersø (2007). Resultando, num modelo de 2 factores – dimensão pessoal e dimensão interpessoal – sendo cada um dividido em dois sub-factores – sentir (ser) e funcionar (fazer) (Huppert *et al*, 2008).

Quadro 2.1. Enquadramento teórico do Módulo de Bem-estar no ESS R3

	Pessoal	Interpessoal
Sentir (Ter, Ser)	Satisfação Afecto Positivo Afecto Negativo Optimismo Auto-estima	Pertença Apoio Social Reconhecimento Social Progresso Social
Funcionar (Fazer)	Autonomia Competência Interesse em Aprendizagem Orientação para Objectivos Propósito Resiliência	Compromisso Social Cuidado/Afecto Altruísmo

Fonte: Traduzido de Huppert *et al*, 2008:6

1.3.3. Definição operacional de Edward Diener *et al*

Recentemente, também Diener *et al* (2009, 2010) apresentaram uma alternativa criando a Escala de Florescimento. Apresentada anteriormente como uma Escala de Bem-estar Psicológico, consiste numa medida síntese de 8 itens que pretende dar conta das teorias existentes nesta área. Assim, os autores identificam 8 factores principais, presentes nos actuais debates de Florescimento Humano, que estão na origem dos 8 itens da escala – Significado e propósito (Ryff; Seligman); Relações de apoio e gratificantes (Ryff; Deci e Ryan); Envolvimento e interesse (Csikszentmihalyi; Ryff e Seligman); Contribuição para o bem-estar dos outros (Maslow; Ryff; Deci e Ryan); Competência (Ryff; Deci e Ryan); Auto-aceitação (Maslow; Ryff); Optimismo (Seligman); e ser Respeitado (Maslow; Ryff). Nesta escala todas as questões são apresentadas numa direcção positiva e, portanto, os indivíduos em florescimento são os que mais positivamente respondem a cada um dos itens (Diener *et al*, 2009). Apesar de apresentar bons índices de consistência interna (consultar Quadro 2.2) e boas correlações com outras escalas de Bem-estar Psicológico - como a sugerida por Ryff e a Escala de Necessidades Básicas proposta por Ryan e Deci - esta escala diverge da concepção de Florescimento em Keyes, na medida em que não procura compreender factores de Bem-estar social, surgindo, portanto, como o equivalente a uma escala síntese de Florescimento Psicológico.

No intuito de analisar também o Bem-estar Emocional Diener *et al* (2009, 2010) apresentam ainda a Escala de Experiências Positivas e Negativas (SPANE). Constituída por 6 itens de experiências positivas (SPANE-P) e 6 itens de experiências negativas (SPANE-N), esta escala síntese pretende analisar todo o espectro de experiências, positivas e negativas, possibilitando também o estudo de emoções com significados únicos em determinadas culturas. Segundo os autores, esta escala ainda permite observar outros factores como interesse, *flow*, envolvimento positivo e prazer físico (Diener *et al*, 2010). Além de manifestar bons índices de consistência interna, esta escala demonstra ainda correlações consideráveis com outras escalas como a PANAS (consultar Quadro 2.2).

1.3.4. Definição operacional de Martin Seligman

Seligman foi outro autor que propôs recentemente uma nova Teoria do Bem-estar. Desenvolvendo a sua anterior Teoria da Felicidade Autêntica, o autor apresenta agora 5 factores de Florescimento, designados pela sigla PERMA: Emoções positivas (P); Envolvimento (E); Relações Positivas (R); Significado e Propósito (M); Realização/*Accomplishment* (A) (Seligman, 2011). Com esta nova teoria o autor procura ultrapassar limitações enfrentadas na sua proposta anterior, enquanto que, simultaneamente, pretende alterar o seu foco da Felicidade para o Bem-estar, salientando que o objectivo último da Psicologia Positiva é monitorizar e incrementar o Florescimento Humano – através do aumento de emoções positivas, Envolvimento, Significado, Relações positivas e Realização. O autor pretende assim passar de uma Teoria unidimensional, centrada na medição da Satisfação com a Vida para uma Teoria multidimensional, baseada em 5 factores que partilham 3 propriedades: Contribuem para o Bem-estar; valem por si mesmos, sendo que não são alcançados apenas com vista a um terceiro factor; e possibilitam uma definição e medição independente de outros factores (Seligman, 2011). Assim, segundo o autor, Bem-estar distingue-se de Felicidade por ser um constructo plural a nível metodológico e conceptual.

Ainda no âmbito desta teoria, Seligman refere o trabalho realizado por Huppert, também já aqui exposto, concordando que a definição de Florescimento desta autora respeita a orientação da Teoria do Bem-estar – embora a autora não considere o factor Realização - e incentivando a concretização de projectos como os que esta tem vindo a desenvolver no estudo do Florescimento Humano (Seligman, 2011).

Quadro 2.2. Síntese de factores de Florescimento Humano e Índices de consistência interna das escalas propostas por Keyes, Huppert e So, Diener e Seligman

	Keyes, C. (Keyes e Haidt, 2003)	Diener et al (2009)	Huppert e So (2009)	Seligman, M. (2011)
Factores de Florescimento	Bem-estar Emocional: Afecto positivo; Felicidade; Satisfação com a vida.	Relações: Relações de apoio e gratificantes (Ryff; Deci e Ryan); Contribuição para o bem-estar dos outros (Maslow; Ryff; Deci e Ryan); Respeito (Maslow; Ryff).	Factores principais: Emoções positivas; Envolvimento, interesse; Sentido, propósito.	(P) Emoções positivas
	Bem-estar Psicológico: Autoaceitação; Crescimento pessoal; Propósito na vida; Controlo sobre o ambiente; Autonomia; Relações positivas.	Auto-estima: Competência (Ryff; Deci e Ryan); Auto-aceitação (Maslow; Ryff).		(E) Envolvimento
	Bem-estar Social: Integração social; Coerência social; Contribuição social; Actualização social; Aceitação social.	Propósito: Significado e propósito (Ryff; Seligman); Envolvimento e interesse (Csikszentmihalyi; Ryff e Seligman).		Factores adicionais: Auto-estima; Optimismo; Resiliência; Vitalidade; Auto-determinação; Relações positivas; Estabilidade emocional.
	Optimismo: Optimismo (Seligman)	(M) Significado e Propósito (A) Realização/ Accomplishment		
Índices de consistência interna	Bem-estar Emocional: $\alpha = 0,88$ (7 itens) (Kendler, et al., 2011) Bem-estar Psicológico: $\alpha = 0,76$ (3 itens) (Kendler, et al., 2011) $\alpha = 0,50$ (3 itens) (Ryff e Keyes, 1995) As escalas de 3 itens de Bem-estar Psicológico de Ryff, relacionam-se entre 0,70 e 0,89 com as escalas de 20 itens (Ryff e Keyes, 2002) Bem-estar Social: $\alpha = 0,72$ (3 itens) (Kendler, et al., 2011) $\alpha = 0,81$ (3 itens) (Keyes, 1998)	Escala de Florescimento: $\alpha = 0,87$ (8 itens) (Diener, et al., 2010) A Escala de Florescimento apresenta uma forte correlação (0,78 e 0,73) com outras escalas Bem-estar Psicológico – Satisfação de Necessidades Básicas de Deci e Ryan, e Bem-estar Psicológico de Ryff (Diener, et al., 2010). SPANE-P: $\alpha = 0,87$ (6 itens) SPANE-N: $\alpha = 0,81$ (6 itens) SPANE-B: $\alpha = 0,89$ (12 itens) A SPANE-B apresenta uma correlação considerável com a PANAS-BAL (0,76) (Diener, et al., 2010).		

Fonte: Elaborado pela autora

Capítulo 2| *Empowerment*: Definições e implicações do conceito

O presente capítulo pretende dar conta das principais concepções de *Empowerment* existentes e das implicações que diversos autores lhe apontam. Serão aqui abordados os diferentes entendimentos sobre o conceito, de entidades como o Banco Mundial, John Friedmann, Gita Sen e Mark Zimmerman, procurando reflectir o contributo dos novos paradigmas de desenvolvimento e da psicologia comunitária na construção e operacionalização deste conceito.

Serão apresentados os elementos-chave do *empowerment* propostos pelo Banco Mundial e analisada a compreensão que os autores fazem de factores como poder nestes processos. Esta é uma análise de especial relevância, no sentido em que fornecerá algumas pistas relativamente à posição de cada conceito no modelo teórico dos autores, fornecendo, portanto, uma imagem mais geral e integradora do conceito, ciente dos contributos provenientes não só da área do estudo do Desenvolvimento mas também da Psicologia Comunitária.

O entendimento existente entre os diversos autores quanto à possibilidade de medir integralmente o *Empowerment* será também explanado. Esta é uma questão que se reveste de particular relevância no âmbito desta Dissertação dado que, pretendendo averiguar as relações entre Florescimento Humano e *Empowerment*, torna-se essencial compreender quais as possibilidades de medição e monitorização do conceito.

Por fim, serão enumeradas as principais limitações expostas pelos autores à definição do *Empowerment*, esclarecendo sucintamente factores complexos e multidimensionais que dificultam e inviabilizam qualquer definição universal.

2.1. Elementos-chave do *Empowerment*

Nas últimas décadas, o conceito de *Empowerment* tem vindo a tornar-se cada vez mais incontornável nos debates do Desenvolvimento alternativo. Actualmente, surge como uma estratégia eficaz na luta contra a pobreza e a exclusão social, focada no indivíduo que tende a ser excluído da sociedade e afastado das suas estruturas de poder, como principal agente de mudança. Este é um conceito que visa a mudança social e busca o Desenvolvimento na auto-afirmação individual, na mobilização colectiva e no desafio às relações de poder existentes.

Entre os principais precursores deste conceito encontramos autores como Julian Rappaport (1984), Marc Zimmerman (1999, 1995; Zimmerman e Perkins, 1995) John Friedmann (1996) e Gita Sen (1997). Verificamos, portanto, que este é um conceito cujas raízes são multidisciplinares, tendo contributos não só na Psicologia Comunitária como também nos novos paradigmas – alternativos, de Desenvolvimento.

Apesar das limitações à definição de *Empowerment*, os exemplos das diversas estratégias que utilizam o seu modelo teórico como principal referência, demonstram a existência de 4 elementos-chave que tendem a ser recorrentes: Acesso à informação; Inclusão e Participação; *Accountability* – Responsabilidade; Capacidade de organização local. Estes elementos são comuns a diferentes projectos independentemente do contexto social, institucional e político em que se inserem. Encontram-se intrinsecamente ligados e actuam sinergicamente entre si (Narayan, 2002).

- **Acesso à informação:** Entende-se que informação é poder. Os indivíduos informados estão melhor preparados para reconhecer e usufruir de oportunidades e direitos, bem como para negociar e responsabilizar instituições que os afectam. O acesso à informação, nomeadamente a que provem de fontes locais independentes, representa uma condição essencial na capacidade de acção da população pobre e, portanto, *disempowered*⁵.

- **Inclusão e Participação:** Assume-se que o termo Inclusão foca o indivíduo que é incluído, enquanto que, o termo Participação remete para o modo como este é incluído. A inclusão da população pobre nos processos de tomada de decisão é essencial quando existe o compromisso dos recursos públicos servirem os interesses locais. No entanto, para a concretização de uma inclusão sustentável e informada, é necessária a mudança e a criação de espaços para debate e participação, directa ou indirecta, nos processos de tomada de decisão locais e nacionais. As tomadas de decisão participativas podem ser conflituosas e devem ser utilizados mecanismos de gestão de conflitos. Estas acções podem ainda adquirir diferentes contornos a nível local, dependendo dos assuntos que abordam. Entre os 4 elementos-chave, a participação é o mais desenvolvido nos projectos do Banco Mundial.

⁵ Na concepção de Friedmann (1996), o poder constitui uma das principais causas da pobreza. Assim, *disempowerment* corresponde à conceptualização da situação de pobreza, centrada na unidade doméstica e na sua capacidade de aceder a 8 bases de poder social: Espaço de vida defensável; Tempo excedente; Conhecimentos e técnicas; Informação adequada; Organização social; Redes sociais; Instrumentos de trabalho e condições de vida; Recursos financeiros.

- **Accountability (Responsabilidade):** Refere-se à capacidade de responsabilizar e chamar a agir os agentes da esfera pública. Consiste em exigir a responsabilização destes actores pelas suas políticas, actividades e utilização de fundos e recursos. Existem 3 mecanismos de *accountability*: o político – responsabilização dos partidos políticos e outros representantes oficiais; o administrativo – responsabilização das agências governamentais através de mecanismos de responsabilização internos; o público ou social – responsabilização das agências governamentais perante os cidadãos - este mecanismo de responsabilização pode reforçar a responsabilização política e administrativa. O acesso à informação, às leis e à justiça imparcial é essencial para proteger os direitos da população pobre.

- **Capacidade de organização local:** Consiste na habilidade dos indivíduos trabalharem em conjunto, colaborarem entre si e mobilizarem recursos para resolver problemas de interesse comum. As organizações locais podem ser formais ou informais e constituem um aspecto chave para o desenvolvimento. Apenas quando grupos de diversas comunidades se relacionam entre si é possível influenciar o governo e as suas decisões, bem como possuir poder de negociação colectiva.

Como podemos observar, a natureza destes elementos está bastante próxima do conceito de Poder. Ao pretender incluir, chamar a participar, educar para a responsabilização e organização, esta é uma abordagem que claramente busca desafiar as normas instituídas e geradores de desigualdades, atribuindo mais poder e capacidade de acção àqueles que tendencialmente são excluídos dos processos de tomada de decisão. É, portanto, aceite entre os autores que os processos de *empowerment* encontram-se intrinsecamente ligados às alterações na distribuição do poder. A este conceito associam-se outros termos, como participação, organização, autonomia, acesso e controlo sobre recursos.

2.2. *Empowerment* e Poder

Na concepção de Friedmann (1996), o *Empowerment* é essencial para um modelo de desenvolvimento alternativo. Segundo o autor, esta abordagem “coloca a ênfase na autonomia das tomadas de decisão de comunidades territorialmente organizadas, na autodependência local (mas não autarcia), na democracia directa (participativa) e na aprendizagem social pela experiência” (Friedmann, 1996: xi). Assim, se a pobreza é percebida como uma condição de *disempowerment* – caracterizada pela dificuldade de acesso às bases de poder social - o

empowerment político e social dos pobres, e das suas unidades domésticas, surge como resposta à pobreza e à exclusão social.

Ao analisar as dinâmicas das unidades domésticas, Friedmann (1996) estabelece uma relação entre *empowerment* e poder, verificando a necessidade dos indivíduos acederem e controlarem 3 tipos de poder:

- **Poder social:** Diz respeito às bases de produção doméstica. Consiste na informação, no conhecimento e nas técnicas, na participação em organizações sociais e nos recursos financeiros.

- **Poder político:** Compreende o acesso aos processos de tomada de decisão. Assume-se não só no poder de voto, como também no poder da voz e da acção colectivas.

- **Poder psicológico:** Manifesta-se num comportamento de auto-confiança. Pode representar o resultado de uma acção vitoriosa nos domínios social e político ou do trabalho intersubjectivo.

Para Friedmann (1996), o desenvolvimento alternativo visa o *empowerment* das unidades domésticas e dos seus membros a estes três níveis. O autor destaca ainda a importância do poder político e admite que a concretização de uma comunidade política exige a transformação do poder social em poder político. Esta conversão de poderes conduz não só ao aumento da riqueza produtiva da unidade doméstica, como também possibilita a transformação de reivindicações políticas em direitos legítimos. Surgindo, portanto, o poder político como fim último do *empowerment*.

Gita Sen (1997) é outra autora que percebe o *empowerment* em estrita relação com o poder. Na sua concepção, o *empowerment* assenta na alteração das relações de poder, nomeadamente, nas que visam redistribuir o poder junto dos indivíduos que tendem a possuir muito pouco controlo sobre as suas próprias vidas.

Concordando com a definição apresentada por Batliwala, a autora esclarece que poder consiste no controlo sobre 2 aspectos: **Controlo dos recursos (externo)** – físicos, humanos, intelectuais, financeiros e pessoais; **Controlo da ideologia (interno)** – valores, crenças e atitudes. Assim, se o poder significa controlo, então, o *empowerment* consiste no processo de obter esse controlo (Sen, 1997). Na perspectiva de Sen, estes dois aspectos – controlo extrínseco e capacidades intrínsecas – são complementares e estabelecem relações

concomitantes, sendo que, para que o *empowerment* ocorra genuinamente é necessária a inclusão de ambos. É neste sentido que Gita Sen apresenta a questão da sustentabilidade do *empowerment*. Para a autora, uma alteração no acesso aos recursos externos sem uma mudança de consciência gera a diminuição nos níveis de resiliência, motivação e consciencialização da população. Por outro lado, o aumento das capacidades individuais e da consciencialização sem o aumento do controlo de recursos origina a frustração e a desistência (Sen, 1997). Assim, na abordagem de Sen, para tornar-se sustentável, o *empowerment* deve mobilizar não só a auto-afirmação individual, mas também o controlo sobre o meio material e a própria vida.

Banco Mundial, outra entidade a pronunciar-se sobre o *empowerment*, propõe uma concepção de que visa o incremento da liberdade de escolha e de acção junto da população desfavorecida. Para esta organização, *empowerment* é definido como “...o aumento de activos e das capacidades da população pobre para participar, negociar, influenciar, controlar e responsabilizar instituições que afectam as suas vidas” (Narayan, 2002:11). Assim, à semelhança do que Gita Sen propõe, a abordagem do Banco Mundial foca 2 aspectos nucleares:

- **Activos:** Activos materiais, de ordem física ou financeira. Permitem à população pobre uma melhoria na sua posição negocial e a diminuição da sua vulnerabilidade;

- **Capacidades:** São inerentes aos indivíduos e permitem-lhes utilizar os activos de diferentes modos para aumentar o seu bem-estar.

Capacidades humanas: Boa saúde, educação, produção ou outras capacidades de melhoria de vida;

Capacidades sociais: Pertença social, relações de confiança, liderança, identidade, valores, capacidade de organização;

Capacidades políticas: Capacidade de apresentação, acesso à informação, associações, participação na vida política.

Segundo o Banco Mundial, ambos os aspectos podem ser individuais ou colectivos, isto é, existe uma relação de reciprocidade entre activos e capacidades individuais e a capacidade de agir colectivamente. Assim, se por um lado indivíduos saudáveis, seguros e com educação podem contribuir para a acção colectiva, por outro, a acção colectiva pode aumentar o acesso à saúde e à educação de qualidade (Narayan, 2002).

Esta é uma abordagem que apresenta o capital social – enquanto normas e redes que possibilitam a acção colectiva e permitem à população pobre aumentar recursos, oportunidades económicas, serviços básicos e a participação na governação local – como uma capacidade colectiva crítica de organização e mobilização da população (Narayan, 2002). Pretende, portanto, utilizar os fortes laços de identidade que a população pobre tem entre si como ferramenta de combate à pobreza, fomentando a criação de laços entre a população e organizações do estado, da sociedade civil ou do sector privado.

Também Zimmerman, apresenta uma noção de *empowerment* relacionada com poder. À semelhança do que propõem os outros autores, em Zimmerman o poder que leva ao *empowerment* não é aquele que se refere à autoridade, mas antes o poder social. Este é um poder que envolve a capacidade de premiar ou punir agentes, influenciar debates públicos e políticos e ainda moldar a ideologia e consciência comunitárias (Zimmerman, 1999). É neste sentido que o autor afirma que a informação, a habilitação (capacidades), a saúde e a participação em processos de tomada de decisão constituem resultados mais relevantes que a própria autoridade (Zimmerman, 1999).

A análise às propostas apresentadas, remete-nos para um entendimento de que *empowerment* e poder estão intrinsecamente relacionados. É, portanto, consensual que a condição de (dis)*empowerment* ou pobreza tem a sua origem na distribuição desigual do poder e no afastamento entre a população pobre e as principais estruturas de poder, originando graves deficits na sua autonomia e liberdade de escolha e acção. Ao colocar questões como confiança, informação, participação, capacidade de organização e cidadania no cerne das suas prioridades, esta é uma abordagem que aborda a população excluída como principal agente do seu próprio desenvolvimento, influenciando na esfera social, política e económica. O *empowerment* é, então, uma proposta que busca desafiar as estruturas sociais existentes, dando ênfase ao aprofundamento da convivência democrática e ao reconhecimento na capacidade dos indivíduos exercerem os seus direitos e (re)inventarem formas de relacionamento social justo e igual.

2.3. Níveis de análise e Domínios do *Empowerment*

Os trabalhos de Zimmerman constituem um dos principais contributos da psicologia comunitária na construção do conceito de *empowerment*. Analisando a definição apresentada por Rappaport (1984), onde “*Empowerment* é visto como um processo: o mecanismo através

do qual pessoas, organizações e comunidades ganham controlo sobre as suas vidas”, Zimmerman identifica 3 níveis de análise interdependentes do *empowerment*: o nível individual, o nível organizacional e o nível comunitário.

Na concepção do autor, o **nível individual** de *empowerment*, consiste no *Empowerment psicológico* (PE). Como refere, “PE inclui a confiança de que os objectivos podem ser alcançados, a tomada de consciência sobre os recursos e factores que constroem ou potenciam esforços para alcançar objectivos e esforços para cumprir essas metas” (1995: 582). Assim, para Zimmerman este nível de *empowerment* inclui percepções de controlo pessoal, consciência crítica - entendida como a capacidade do indivíduo entender e analisar o contexto sociopolítico em que se insere – e, por fim, comportamentos necessários ao exercício do controlo. Sendo que, cada elemento corresponde a uma componente específica do *Empowerment* psicológico – Intrapessoal, Interaccional e Comportamental (Zimmerman *et al*, 1992; Zimmerman, 1999).

A *componente intrapessoal* funda-se na percepção que os indivíduos têm de si próprios, bem como, na sua capacidade para influenciar sistemas políticos e sociais que os afectam. Incide em elementos básicos que incentivam o comprometimento com metas e objectivos. Inclui domínios específicos como controlo percebido, auto-eficácia, motivação para o controlo, competência percebida e domínio (*mastery*). Outros factores que tendem a relacionar-se negativamente com o PE são as percepções de isolamento social e de impotência (*powerlessness*), a ausência de normas (*normlessness*) e o desamparo (*helplessness*) (Zimmerman, 1995, 1999; Zimmerman *et al*, 1992).

A *componente interaccional* refere-se à compreensão que os indivíduos têm da sua comunidade e de assuntos sociopolíticos que os afectam. Inclui um entendimento cognitivo - resolução de problemas, tomadas de decisão, competências de lideranças - e também uma aprendizagem sobre o ambiente - conhecimento das normas, regras e oportunidades existentes num determinado contexto. Ao incidir na capacidade para mobilizar e gerir recursos, a consciência crítica surge aqui enquanto factor essencial, sugerindo o domínio sobre o ambiente. Esta componente do *Empowerment* psicológico consiste, portanto, numa ponte entre controlo percebido e acção para exercer controlo. Por focar não só as relações, entre indivíduos e ambientes, que possibilitam o domínio sobre sistemas sociais e políticos, mas também por estar relacionado com comportamentos que visam a obtenção de resultados, este

é um factor essencial na concretização de processos participativos (Zimmerman, 1995, 1999; Zimmerman *et al*, 1992).

A *componente comportamental* concerne nas acções desenroladas para influenciar resultados, exercer controlo e participar em organizações ou actividades comunitárias - como associações de bairro, grupos políticos, grupos de auto-ajuda, grupos religiosos e organizações de serviços. Inclui comportamentos de gestão de stress ou adaptação à mudança (Zimmerman, 1995, 1999; Zimmerman *et al*, 1992).

Assim, como afirma Zimmerman, (1995: 590),

Estas três componentes do *empowerment* psicológico fundem-se para formar uma imagem de indivíduo que acredita que tem capacidade para influenciar um determinado contexto (componente intrapessoal) que compreende como o sistema funciona nesse contexto (componente interaccional) e que age para exercer controlo no contexto (componente comportamental).

No entanto, dado que o *Empowerment* não trata apenas de percepções de competência, mas também do envolvimento activo na comunidade, da compreensão do contexto sociopolítico e do controlo sobre agentes, a constituição destas componentes demonstra que não deve ser dada ênfase ao *Empowerment* psicológico em detrimento de outros factores contextuais e sociopolíticos.

No que concerne ao **nível organizacional** do *empowerment*, Zimmerman apresenta a noção de *Empowerment Organizacional*. Segundo o autor (1999), é necessária uma distinção entre organizações *empowered* e organizações *empowering*. Assim, se por um lado as *organizações empowered* caracterizam-se pelo seu desenvolvimento de sucesso e por influenciarem decisões políticas ou oferecerem aos seus membros alternativas para as prestações de serviços, por outro, as *organizações empowering* trabalham no sentido de oferecer aos indivíduos capacidades e ferramentas para ganhar controlo sobre as suas próprias vidas, podendo não possuir tanto impacto político mas permitindo aos seus membros desenvolver competências (1999). É uma componente dirigida às organizações que competem eficazmente por recursos e expandem as suas redes de influência, bem como a processos que permitem aos seus membros desenvolver competências e mecanismos de mútuo apoio necessários à mudança comunitária (Zimmerman, 1995).

Para Zimmerman, o **nível comunitário** do *empowerment* é representado no ***Empowerment Comunitário*** (1995, 1999). Segundo o autor, refere-se aos esforços da comunidade para permitir a participação de todos os seus membros e para se desenvolver, promovendo e sustentando a qualidade de vida. Defende o envolvimento dos cidadãos nas suas actividades, a acessibilidade de recursos para todos os residentes e a abertura do sistema governamental às decisões e acções comunitárias.

O Banco Mundial (Alsop *et al*, 2006), apresenta uma concepção diferente e alerta para a existência de 3 domínios do *empowerment*, sendo que o grau de *empowerment* sentido em cada um varia entre indivíduos ou grupos e da sua posição negocial, enquanto fornecedor (oferta) ou cliente (procura).

O **domínio do Estado**, onde o indivíduo é um actor cívico divide-se nos sub-domínios *justiça, política e prestação de serviços públicos*. Consiste na voz política da população, na independência e idoneidade das forças judiciais e da polícia e na regulação ou responsabilização de serviços e contas públicas.

O **domínio do Mercado**, onde o indivíduo é um actor económico, divide-se nos sub-domínios *trabalho, bens e serviços privados*. Foca regulamentos e sistemas de acesso ao mercado, a oportunidades de trabalho, a capitais e ao crédito.

O **domínio da Sociedade**, onde o indivíduo é um actor social, divide-se nos sub-domínios *intra-familiar e intra-comunidade*. Incide na capacidade de acção de indivíduos e grupos sociais frente a instituições de poder, a relações de patriarcado e a dinâmicas patrão-cliente.

Segundo a organização, embora não possamos prever, à partida, como o *empowerment* se relaciona entre domínios, podemos antever que o grau de *empowerment* em um determinado domínio relaciona-se com um grau de *empowerment* semelhante noutro domínio (Alsop *et al*, 2006).

O Banco Mundial (Alsop *et al*, 2006) discute também 3 níveis, comuns à maioria dos países, em que os indivíduos podem experienciar o *empowerment* nos diferentes domínios. O *empowerment* presente num determinado nível não reflecte, necessariamente, como é sentido a outros níveis.

O **nível macro**, é composto por uma esfera afastada do indivíduo. Normalmente, trata-se do nível nacional.

O **nível intermédio**, constitui uma esfera que é próxima ao indivíduo, mas numa base esporádica. Tende a localizar-se num nível entre o residencial e o nacional.

O **nível local**, consiste nas relações de vizinhança e da vida quotidiana. Normalmente, consiste num nível próximo ao residencial.

Os esforços de Zimmerman e do Banco Mundial em conceptualizar os diferentes níveis de análise e domínios do *empowerment* demonstram-se extremamente úteis na análise ao conceito. A distinção que os autores apresentam permite-nos diferenciar claramente nos nossos discursos os tipos de *empowerment* a que nos referimos, bem como os pressupostos em que assentam e como se caracterizam enquanto processos ou resultados. O estudo do *empowerment* que permita esta distinção, facilita, assim, a análise a conceitos próximos e transversais aos 3 níveis.

2.4. *Empowerment* – como medir?

Ao pretender captar processos dinâmicos, mudanças imprevisíveis, contextuais e difíceis de quantificar, a medição do conceito de *empowerment* torna-se bastante complexa e problemática. A natureza ambígua do conceito levou a que os investigadores se desinteressassem de o medir e monitorizar, conseqüentemente, os desenvolvimentos empíricos na área têm sido lentos, hesitantes, e hoje compreendemos que a informação estatística existente é ainda muito prematura. É no sentido de ultrapassar esta lacuna que o Banco Mundial apela à utilização de novos modelos estatísticos e à associação de diferentes abordagens (Alsop *et al*, 2006).

Segundo o Banco Mundial (Alsop *et al*, 2006), é possível verificar 3 factores-chave que limitam a medição do conceito de *empowerment*:

- (i) É um conceito multidimensional e, como tal, requer diferentes medidas;
- (ii) Ocorre a diferentes níveis, onde os indivíduos podem desempenhar uma diversidade de papéis. Existe, portanto, uma grande ambigüidade na atribuição de relações causais entre processos de *empowerment*, resultados e impactos;
- (iii) Tende a envolver alterações relativas e diversas entre indivíduos e contextos, dificultando processos de agregação da informação e inferência estatística para a população.

Considerando a existência efectiva destas limitações, o Banco Mundial afirma

Empowerment não pode ser medido de uma forma que faça jus à sua complexidade, e que cumpra satisfatoriamente os três critérios de significado, causalidade e comparabilidade. O que pode ser feito, no entanto, é identificar medidas que capturam, ainda que imperfeitamente, dimensões de mudanças no poder, e que podem ser complementadas com formas mais interpretativas e explanatórias de investigações qualitativas (Alsop *et al*, 2006:32).

Contrariamente, Gita Sen (1997) afirma que medir o *empowerment* não é mais difícil do que medir qualquer outro indicador qualitativo. Para a autora, indicadores objectivos e subjectivos podem ser utilizados no estudo do *empowerment* e a escolha da sua utilização na análise dos programas está directamente relacionada com a natureza dos seus objectivos. No entanto, Sen (1997) alerta para o facto de que o desfasamento de tempo entre a concretização de um processo de *empowerment* e os seus resultados objectivos é imprevisível e, portanto, a utilização de medidas objectivas estandardizadas deve ser cuidadosa e consciente de que estes consistem apenas numa aproximação a uma realidade por natureza qualitativa.

Na análise ao *empowerment* psicológico, também Zimmerman (1995) aborda as limitações à medição deste nível de análise. Segundo o autor, existem 3 pressupostos subjacentes ao conceito, o de que assume diferentes formas entre indivíduos, o de que se manifesta diferentemente entre contextos e o de que consiste num processo dinâmico que se altera no tempo. A existência destes pressupostos impossibilita qualquer tentativa de criar uma medida universal de *empowerment* psicológico e neste sentido Zimmerman afirma que “O desenvolvimento de uma medida universal e global de *empowerment* não é um objectivo apropriado, porque pode não significar o mesmo para todos os indivíduos, organizações ou comunidades de qualquer parte” (1995:587). Deste modo, o autor propõe que o *empowerment* psicológico deve ser encarado como um constructo em aberto, constituído por uma rede nomológica – compreendida como relações entre fenómenos observáveis que representam um conceito abstracto - que pode ser testada empiricamente.

Medir o *empowerment* é consensualmente um processo complexo e ambíguo. Torna-se claro que entre todos os autores existe a compreensão de que não é possível, nem viável, a concretização de uma medida unívoca do conceito. Verifica-se, portanto, a necessidade do investigador entender plenamente o contexto, os indivíduos e os fenómenos em estudo. A medição do *empowerment*, exige, em suma, o entendimento de que não existe qualquer modo de o medir em toda a sua complexidade e multidimensionalidade, sendo que devem então ser utilizados indicadores próximos e constituintes dos processos de *empowerment* em análise.

2.6. Limitações à definição do conceito

Os esforços destes autores em definir e operacionalizar *Empowerment* tornaram-se referências. No entanto, uma análise alargada às suas propostas demonstra que a definição deste conceito permanece ambígua e não é ainda unívoca. Compreendemos, também que a própria natureza do *empowerment* dificulta e inviabiliza qualquer definição universal (Zimmerman, 1995). Assim, como Rappaport refere “Nós não sabemos o que é o *empowerment* mas, tal como com a obscenidade, reconhecemo-lo quando o vemos” (Rappaport, 1984).

Das principais limitações à definição universal do conceito de *Empowerment*, os autores destacam as seguintes:

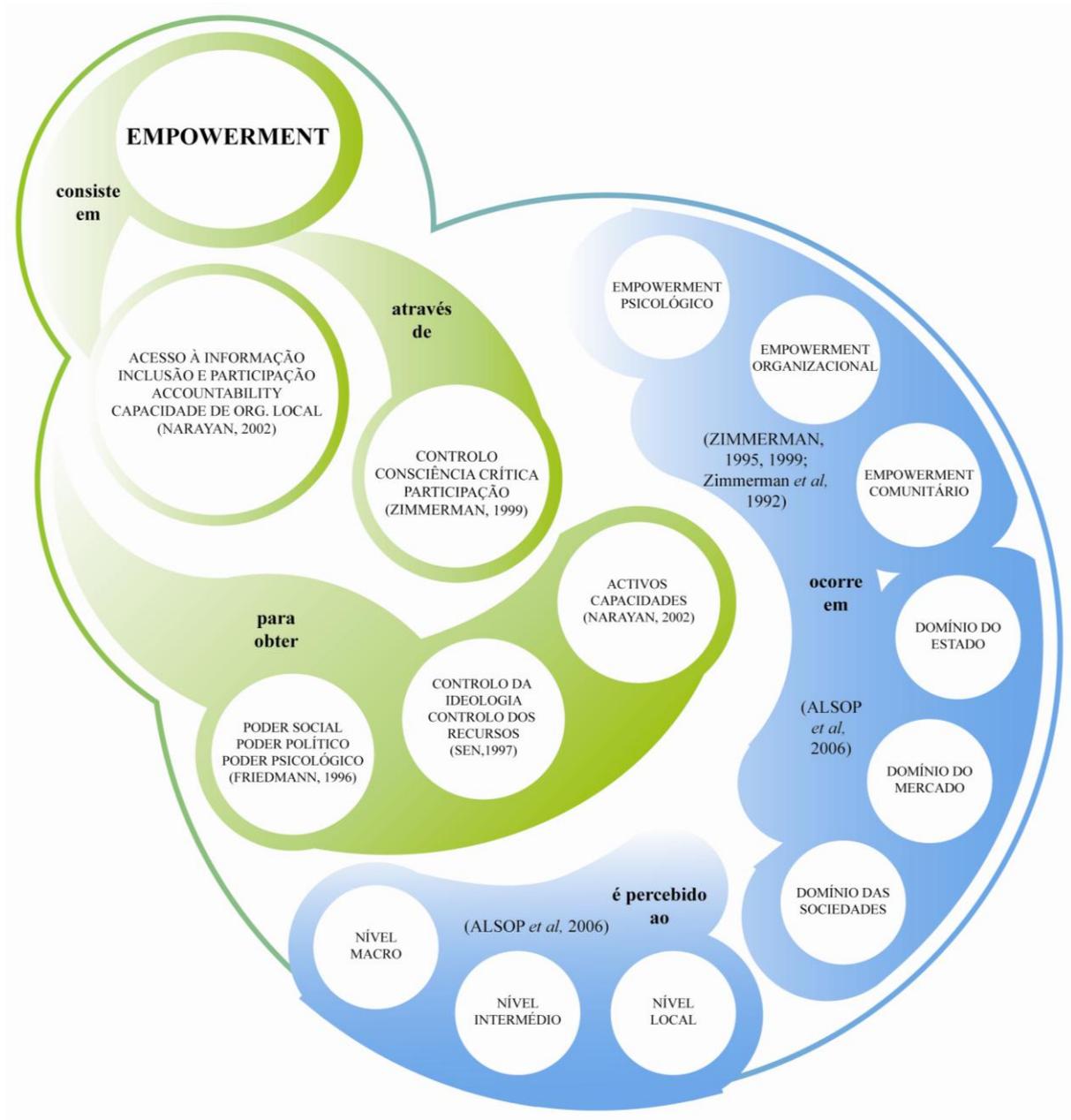
- (i) Possui não só um valor metodológico de construção teórica, organização e enquadramento do conhecimento, mas também um valor intrínseco, enquanto orientação para trabalhar em comunidade (Narayan, 2002; Zimmerman, 1999)
- (ii) Ocorre em diferentes níveis de análise: individual, organizacional e comunitário (Zimmerman e Perkins, 1995)
- (iii) Assume duas formas distintas que diferem nos três níveis de análise (Zimmerman, 1995, 1999; Zimmerman e Perkins, 1995):
 - Enquanto processo (*empowering*): Processos onde os indivíduos procuram ganhar controlo sobre a sua própria vida, controlar recursos e influenciar decisões que os afectam.
 - Enquanto resultado (*empowered*): Operacionalização do *empowerment*. Medidas específicas (quantitativas ou qualitativas) utilizadas na análise dos efeitos do *empowerment*, com vista ao desenvolvimento do seu corpo teórico.
- (iv) É um conceito influenciado por valores locais, tomando formas diferentes em indivíduos e contextos socioculturais e políticos diferentes (Rappaport, 1984; Zimmerman e Perkins, 1995; Narayan, 2002)
- (v) Ocorre nas dimensões social, política e económica. É, portanto, relevante a nível individual e colectivo (Narayan, 2002)

- (vi) É constituído não só por componentes psicológicas como também políticas. Referindo-se simultaneamente a experiências subjectivas e a realidades objectivas (Zimmerman, 1995; Sen, 1997).

Podemos verificar que as limitações à definição do conceito apontadas pelos autores são diversas, no entanto, esta abordagem tem-se disseminado e são cada vez mais audíveis os relatos das experiências realizadas. A utilização destes conhecimentos em projectos de desenvolvimento têm constituído um importante motor de crescimento do seu corpo teórico e é já possível detectar a presença de factores comuns. O próprio entendimento entre autores sobre as implicações deste conceito, permite já detectar facilmente aspectos comuns a diferentes abordagens.

Neste sentido, os conceitos e dinâmicas nucleares ao *Empowerment* que foram abordados ao longo deste capítulo, bem como os autores que os defendem, poderão ser brevemente analisados na Figura 2.5, facilitando-se, assim, a compreensão do quadro teórico aqui empregue. Com esta figura não se pretende fornecer uma visão do que é efectivamente o *Empowerment*, pois seria cega às dinâmicas específicas apontadas por cada autor. Antes, procura sintetizar os principais conceitos que foram abordados e a relação que estabelecem entre si numa análise mais generalista das propostas apresentadas. Tem, portanto, a finalidade de (re)organizar o conhecimento aqui discorrido, de modo a facilitar a integração de cada contributo num modelo mais amplo e geral de *Empowerment*, assim como de tornar mais perceptível a posição de cada autor relativamente às dinâmicas e conceitos apresentados por outros.

Figura 2.5. Integração dos principais conceitos e dinâmicas inerentes ao *Empowerment*, abordados pelo Banco Mundial, Gita Sen, Zimmerman e Friedmann



Fonte: Elaborado pela autora

Capítulo 3| Florescimento Humano e *Empowerment* – que relações?

Os conceitos de *Empowerment* e Florescimento Humano provêm de paradigmas e campos disciplinares próximos e ambos remetem para a melhoria da condição do ser humano na interação com o ambiente em que se insere. Apesar dos estudos sobre a relação entre os conceitos serem ainda escassos e prematuros, autores como Wallerstein (2006, 2002), Woodall *et al* (2010), Laverack (2006), Hothi *et al* (2008) e Diener e Biswas-Diener (2002b) têm aprofundado e disseminado o conhecimento na área, sendo que é já possível verificar na literatura existente uma clara evidência de que as estratégias de promoção do *empowerment* têm a capacidade de produzir não só impactos de *empowerment* como também de saúde e bem-estar. É, portanto, compreensível que os relatórios e artigos mais recentes apontem o *Empowerment* como uma estratégia valiosa na área da saúde pública (Wallerstein, 2006).

Embora partilhem a herança da Psicologia, alguns resultados empíricos e o actual interesse por parte de investigadores, peritos e políticos que visam a mudança social, diferenciam-se nas restantes heranças teóricas que as influenciam e, portanto, nos seus pressupostos.

O *empowerment* surge do progresso na Psicologia Comunitária e dos novos paradigmas do Desenvolvimento. É um conceito direccionado para o desenvolvimento das comunidades, tendo como principal impulsor os recursos e capacidades dos próprios indivíduos. Procura redistribuir o poder e estimular a autonomia, a liberdade de escolha/acção e a participação nos processos de tomada de decisão, através de concepções como a de consciência crítica, o controlo e a participação

O conceito de Florescimento nasce do desenvolvimento do estudo da Saúde Mental e do Bem-estar. Foca aspectos intraindividuais e baseia-se na avaliação subjectiva de aspectos de vida. Este é um conceito que aborda o estado óptimo de Saúde Mental bem como os factores que promovem ou inibem o seu desenvolvimento. Consiste, portanto, no estudo do indivíduo que sente e funciona positivamente, ou seja, que apresenta emoções positivas relativamente à vida e não apresenta limitações ao seu funcionamento psicossocial.

A investigação científica produzida no âmbito da relação de ambos conceitos é bastante escassa e não existe ainda qualquer formulação teórica empenhada em distinguir os seus aspectos essenciais. Assim, verificamos que actualmente é ainda muito difícil uma delimitação séria e rigorosa da relação entre ambos os conceitos. A este respeito, podemos

evocar a dificuldade de compreender as distinções e fronteiras existentes entre a componente intraindividual do *empowerment* e o Florescimento Humano, dado que partilham formulações teóricas e factores constituintes comuns. No entanto, podemos constatar a existência de alguma literatura, nomeadamente, revisões de estudos a projectos de *empowerment*, com resultados na saúde e bem-estar objectivo e subjectivo.

Numa revisão à principal literatura académica e cinzenta existente, Woodall *et al* (2010) identificam 5 áreas onde as estratégias de *empowerment* produziram efeitos positivos na saúde dos indivíduos:

- **Melhoria da auto-eficácia e auto-estima.** Verifica-se a existência de diversos exemplos de intervenções de *empowerment* onde os indivíduos experimentaram um aumento do seu bem-estar psicológico, incluindo auto-eficácia, confiança e auto-estima. Na análise às intervenções existentes, os autores concluem que os participantes de estratégias de promoção do *empowerment* tendem a sentir uma melhoria na sua saúde mental, a reportar atitudes mais positivas face a si próprios e a potenciar a auto-reflexão, melhorando, portanto, a sua auto-percepção e confiança. Pequenas evidências apontam ainda para o facto de que a saúde dos mediadores tende também a apresentar melhorias significativas, aumentando o seu sentido de potencial pessoal e o desejo de defender as suas comunidades.

- **Maior sentido de controlo.** Existem indícios na literatura de que a participação em grupos de interesses comuns ajudam os indivíduos a sentir maior controlo sobre si próprios e sobre a sua vida. Por exemplo, intervenções junto de população portadora de doenças crónicas, demonstram que quando os indivíduos conseguem intervir e controlar as suas próprias condições, tendem a empreender comportamentos mais saudáveis, melhorar o seu nível de saúde e diminuir as estadias no hospital.

- **Maior conhecimento e consciência.** Segundo os autores, o envolvimento em iniciativas comunitárias desenvolve competências e conhecimentos nos participantes. Preparando os indivíduos para actividades de regeneração, estas intervenções surgem como importantes ferramentas de conhecimento e consciencialização sobre as situações que afectam os intervenientes.

- **Alteração de comportamentos.** As estratégias de *empowerment* utilizadas junto de grupos de risco demonstram uma forte capacidade de conduzir a importantes alterações de comportamentos. O envolvimento dos jovens em actividades que os ligam entre si e a

instituições tem resultado no aumento da auto-consciencialização e realização social, na melhoria da saúde mental e do desempenho escolar e também na diminuição da desistência escolar, delinquência e abuso de substâncias.

- **Maior sentido de comunidade, alargamento de redes sociais e apoio social.**

Indivíduos que contactam outras pessoas afectadas pelas mesmas circunstâncias tendem a apresentar uma maior capacidade de atingir os seus objectivos de saúde, construindo também uma maior confiança inter-pessoal e nas instituições públicas. Um ambiente comunitário de apoio, reduz a possibilidade dos indivíduos sofrerem de depressão e adoptarem comportamentos pouco saudáveis.

Nesta mesma análise os autores afirmam que apenas uma investigação sugeriu que as estratégias de *empowerment* podem ter efeitos negativos na saúde e bem-estar comunitários, nomeadamente, no que concerne à criação de falsas esperanças, expectativas e frustrações. No entanto, também Hothi *et al* (2008) alertam para o facto de que se o *empowerment* “bem feito” conduz a uma melhoria do bem-estar comunitário, então, intuitivamente, o *empowerment* “mal feito” pode conduzir a sentimentos de impotência e falta de controlo perante as circunstâncias locais.

Laverack (2006) foi outro autor empenhado em rever a literatura existente na área da psicologia comunitária. Concluindo que o *empowerment* tende a aumentar as competências, a auto-estima e as percepções de controlo dos participantes, o que por sua vez, afecta directamente resultados relacionados com a saúde. Segundo o autor, o *empowerment*, nas suas diferentes áreas de influência, pode ser dividido em 9 domínios teóricos através dos quais podemos compreender as relações entres os complexos mecanismos do *empowerment* e o seu impacto na saúde:

- **Participação.** A convivência com indivíduos afectados pelos mesmos problemas, permite aos participantes construir relações de confiança inter-pessoal e institucional, ajudando-os também a atingir os seus objectivos de saúde. A participação fortalece as redes sociais e melhora o apoio social, considerados determinantes na saúde, por constituírem um mecanismo de melhor adaptação a eventos stressantes. A participação nestes grupos ajuda também os indivíduos a competir por recursos escassos e a aumentar o seu sentido de controlo pessoal sobre a própria vida.

- **Organizações de base comunitária.** Estas organizações permitem aos seus membros desenvolver competências e ferramentas – planeamento e desenvolvimento de estratégias; gestão do tempo; construção de equipas; criação de redes; negociação; angariação de fundos; marketing; apresentação de propostas – necessárias à concretização de objectivos relacionados com a saúde.

- **Liderança local.** Requer uma forte base participativa, dado que a dominância de determinado líder poderá desencadear situações onde as populações são negligenciadas para benefício próprio da liderança. Assim sendo, o facto de existirem alguns bens para a saúde não significa que estes sejam justamente distribuídos junto da população mais afectada.

- **Mobilização de recursos.** A capacidade da comunidade mobilizar recursos dentro de si própria e negociar com outros agentes indica o desenvolvimento de uma habilidade organizacional. É uma capacidade que permite aos indivíduos, grupos e comunidades angariar recursos sem assistência financeira, especialistas, “novo” conhecimento e equipamento

- **Questionar ‘Porquê?’.** Consciência crítica ou pensamento crítico. Consiste na capacidade da comunidade compreender criticamente as causas contextuais da sua escassez de poder e saúde. Projectos que aplicam a abordagem da consciência crítica, obtêm uma comunidade mais coesa e disponível para o mútuo apoio.

- **Avaliação de problemas.** Almejar resultados na saúde não implica necessariamente que a comunidade apenas persiga esses objectivos, pois, a saúde está relacionada com factores pessoais, sociais, económicos e ambientais. Assim, com o apoio dos profissionais de saúde, os programas devem sempre focar-se nos problemas identificados pela comunidade como sendo relevantes.

- **Laços com outros indivíduos e organizações.** Inclui parcerias, coligações e alianças formadas para agir nas necessidades comunitárias. Estes laços revestem-se de particular relevância na acção colectiva em busca de recursos.

- **Agentes externos e gestão de programas.** Programas de saúde e nutrição são tendencialmente liderados por profissionais. Estes profissionais devem gerir o controlo que dão à comunidade no planeamento, implementação, gestão, avaliação, controlo financeiro, administração e documentação dos projectos.

Também Hothi *et al* (2008) analisaram a literatura existente na área do *empowerment* comunitário e bem-estar, concluindo que alguns dos resultados empíricos menos tangíveis do *empowerment*, como o contacto entre vizinhos e o conhecimento sobre processos democráticos locais, têm o potencial de aumentar o bem-estar das populações. Assim, no seu relatório os autores analisam 12 estudos de caso de 3 autoridades locais inglesas muito diferentes – Manchester, South Tyneside e Hertfordshire – tendo na sua investigação 3 hipóteses que testam como a cidadania activa influencia o bem-estar das comunidades.

A primeira hipótese apresentada pelos autores, refere que o Bem-estar é mais elevado em áreas onde os residentes podem influenciar decisões que afectam o seu bairro (Hothi *et al*, 2008). O conceito de democracia directa é nuclear na formulação desta hipótese. Segundo Hothi *et al*, consiste numa cultura democrática que permite aos governadores contactar todos os cidadãos que pretendem participar, nomeadamente, através do referendo.

É neste sentido que os autores relembram o estudo de Frey e Stutzer (1999) realizado a 6000 indivíduos de nacionalidade suíça, onde concluiu-se que os cidadãos reportam níveis mais elevados de Bem-estar Subjectivo quando existem bons níveis de democracia directa ($R^2=0,844$). Este é um impacto derivado não só do resultado da participação dos indivíduos (governantes mais monitorizados e controlados, decisões políticas mais próximas dos interesses comunitários) mas, principalmente, do próprio processo de participar na acção (Frey e Stutzer, 1999).

Também outras investigações têm revelado relações bastante claras entre a satisfação com a vida e o nível a que a cultura democrática aborda aspectos como a comunidade, o trabalho e a interacção com serviços públicos. Programas como o *The National Neighbourhood Management Pathfinder* ou o *Neighbourhood Warden's Programme* revelaram impactos importantes no bem-estar dos residentes (Hothi *et al*, 2008). Com as acções realizadas no primeiro programa, os indivíduos sentiram-se mais satisfeitos com a sua localidade, mais propensos a considerar que esta se encontra a aperfeiçoar e também a perceber que questões relacionadas com o crime local e problemas ambientais estão a ser resolvidas. No âmbito do segundo programa, uma avaliação do seu desenvolvimento ao longo de 3 anos revelou fortes impactos na qualidade de vida local, sendo que os residentes reportaram um aumento de 25% na satisfação com o seu bairro e diminuição no receio do crime e da percepção de comportamentos anti-sociais juvenis.

Analisando 7 iniciativas de *empowerment* e envolvimento comunitário nas decisões locais, os autores assumem que existem quatro mecanismos através dos quais estes programas influenciam o bem-estar:

- **Partilhando conhecimento** sobre como exercer direitos democráticos e assumir responsabilidades cívicas;
- **Facilitando a comunicação** respeitosa e honesta entre residentes, instituições públicas e decisores;
- **Melhorando o conhecimento** dos residentes sobre como circular entre serviços complexos;
- **Elevando as aspirações** das comunidades.

A segunda hipótese colocada, refere que o Bem-estar é mais elevado entre as pessoas que têm mais contacto com os seus vizinhos (Hothi *et al*, 2008). Conceitos fundamentais à formulação desta hipótese são o de redes sociais locais e capital social. A pertença a redes sociais pode ter efeitos positivos, como taxas diminutas de crime, hábitos de limpeza, melhores resultados educacionais e melhor saúde. No entanto, a diminuição do número de indivíduos envolvidos activamente em redes sociais – devido ao declínio do número de instituições cívicas e ao aumento da mobilidade geográfica - tem levado à redução dos seus efeitos.

O capital social, apresentado por Putnam, consiste em redes, normas e confiança que permitem aos participantes agir conjuntamente com vista a objectivos comuns. É caracterizado pelo capital social *bridging* – redes e laços entre indivíduos com características sociais diferentes, é o capital social mais eficaz na criação de sociedades coesas – e pelo capital social *bonding* – redes e laços entre indivíduos com características sociais semelhantes (Hothi *et al*, 2008). Actividades como festivais, centros comunitários e grupos de acção local criam nos cidadãos não só um aumento do seu capital social, como ainda geram um maior sentido de identidade local e pertença social. É neste sentido que os autores afirmam que “desenvolver a identidade local e o sentimento de pertença entre residentes reside mais em redes sociais fortes e instituições localmente envolvidas, do que em construções atractivas, boas lojas ou valores partilhados” (Hothi *et al*, 2008:41).

A participação cívica apresenta também relações com o sentido de pertença e no *Home Office Citizenship Survey* concluíram que 78% dos indivíduos que participam regularmente em actividades formais de voluntariado sentiam pertencer ao seu bairro, por outro lado, dos que

não participam nestas actividades apenas 73% apresentou sentido de pertença na comunidade (Hothi *et al*, 2008).

Através da análise a 4 iniciativas, os autores concluem que existem três mecanismos através dos quais estes programas influenciam o bem-estar:

- **Desenvolvendo redes** sociais fortes e de longo alcance;
- **Quebrando barreiras** entre decisores e residentes e aumentando o contacto formal ou informal;
- **Ajudando a entender** o que leva os indivíduos a pertencer a determinada área e o que ajuda a formar a sua identidade local.

A terceira hipótese explanada pelos autores afirma que o Bem-estar é mais elevado em áreas onde os residentes têm a confiança para exercer controlo sobre circunstâncias locais (Hothi *et al*, 2008). O conceito de eficácia colectiva surge como basilar nesta hipótese. Apresentado por Robert Sampson, foca a vontade dos indivíduos agirem e enfrentarem as causas dos seus problemas locais. Encontra-se intrinsecamente relacionado com o capital social e existem evidências de que tem a capacidade de diminuir os níveis de violência nas comunidades (Hothi *et al*, 2008). Estudos britânicos têm revelado que a eficácia colectiva tem um forte potencial para enfrentar problemas de “baixo-nível”, que poderão ter impactos significativos no bem-estar da comunidade. Também a própria participação na resolução destes problemas tem demonstrado correlações positivas com a satisfação com a vizinhança e a percepção de capacidade para influenciar processos de tomada de decisão locais.

A respeito desta hipótese, os autores apresentam dois mecanismos através dos quais o projectos de *empowerment* promovem o bem-estar:

- Compelindo os serviços legais a colaborar com **iniciativas lideradas pelos residentes**;
- Incentivando os prestadores de serviços a apoiar o desenvolvimento da capacidade dos residentes para tomar **responsabilidade na melhoria da qualidade de vida** local.

Comum às três hipóteses do estudo de Hothi *et al*, encontramos a noção de controlo ou auto-determinação perante ambições para a vida e desejos quotidianos. Abordam questões como a utilização do processo democrático com vista à mudança, a gestão de bairro com o intuito de influenciar a prestação de serviços locais, ou a criação de redes locais. Portanto, as estratégias de *empowerment*, como apresentadas no relatório *Neighbourliness* +

Empowerment = Wellbeing (Hothi *et al*, 2008), representam uma importante ferramenta para exercer controlo sobre circunstâncias locais e factores de bem-estar local. Simultaneamente, o seu próprio processo assume-se como um importante mecanismo de desenvolvimento de factores fundamentais ao bem-estar subjectivo.

Wallerstein (2006, 2002) é outro autor que se pronuncia acerca do impacto do *empowerment* na saúde, verificando que este pode ser directo ou indirecto. Os resultados na saúde são directos quando resultam de parcerias ou actividades comunitárias para resolver problemas de interesse comum, por outro lado, os resultados são indirectos quando resultam do próprio envolvimento nas actividades (2002). Numa revisão à literatura existente Wallersteins (2006) encontra também a evidência de que o sentimento de comunidade, o controlo percebido sobre a vizinhança e a participação comunitária constituem preditores independentes de auto-relatos mais positivos de saúde e da redução de sintomas depressivos.

Paralelamente, num breve comunicado ao Workshop *Measuring Empowerment: Cross-Disciplinary Perspectives*, realizado pelo Banco Mundial em 2003, Edward Diener e Biswas-Diener (2002b), consagrados autores na área do bem-estar subjectivo, afirmam que são inúmeras as lições a extrair do desenvolvimento do seu campo de estudo para o *empowerment*. Assim, na concepção dos autores, à semelhança da distinção entre bem-estar objectivo e subjectivo, também o *empowerment* apresenta ambas facetas. O *empowerment* objectivo, entendido como as condições actuais que permitem ao indivíduo ser mais eficaz e, por outro lado, o *empowerment* subjectivo, que consiste na crença subjectiva de que o indivíduo é eficaz.

Os autores (2002b) afirmam também que assim como o Bem-estar subjectivo é multidimensional, também o é a noção de *empowerment*, sendo que este inclui componentes cognitivas, afectivas e comportamentais. E, assim sendo, ambos conceitos partilham o desafio da sua medição e monitorização entre culturas e grupos culturais. Por fim, afirmam ainda que o *empowerment* psicológico tende a ser resultado de um elevado Bem-estar subjectivo e, particularmente, das emoções positivas, fornecendo já algumas pistas para a distinção entre ambos conceitos.

Analisando as propostas aqui apresentadas, compreendemos que a literatura existente já evidencia relações bastante importantes entre *empowerment*, saúde e bem-estar subjectivo. No entanto, podemos também verificar que as componentes mais subjectivas do *empowerment*, como apresentadas por Diener e Biswas-Diener (2002b) têm sido descuradas nestas

abordagens e, portanto, continuam por explicar grande parte dos seus mecanismos que promovem o bem-estar subjectivo e Florescimento Humano, assim como verificamos também a escassez, quase inexistência, de estatísticas relevantes. Nas principais abordagens estas dimensões psicológicas são tendencialmente descuradas ou pouco referidas e, portanto, qualquer delimitação entre ambos conceitos torna-se ambígua

Assim, com base nas interrogações quanto à posição do Florescimento Humano no âmbito do *empowerment* e, portanto, do Desenvolvimento, será realizada a análise ao efeito que factores associados a estes processos poderão ter no Florescimento Humano, e vice-versa.

PARTE 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta terceira parte da Dissertação, será utilizada a base de dados do *European Social Survey, Round 3* (2006), com vista à realização de uma análise estatística ao conceito de Florescimento Humano. Também se pretende analisar a relação entre o Florescimento e alguns indicadores de *Empowerment*. Para o efeito, foi utilizado o *Statistical Package for Social Sciences (SPSS/PASW)* versão 18.0, para Windows.

No capítulo 4 será dada a conhecer a caracterização sociodemográfica da amostra portuguesa do ESS/R3. Pretende-se, portanto, compreender os atributos subjacentes à amostra com que extraímos as conclusões. Posteriormente, serão observados alguns factores que apresentaram em estudos anteriores uma função discriminatória na capacidade de Bem-estar Subjectivo, Satisfação com a vida e Florescimento Humano. Através desta análise, os resultados obtidos nas investigações anteriores serão testados com a utilização da escala de Florescimento Humano proposta por Huppert e So (2009). Estaremos assim em posição de aferir a utilidade desta escala na análise à realidade social e humana e, portanto, extrair ilações quanto à sua pertinência na reavaliação de desigualdades, com vista à informação para novas estratégias de Desenvolvimento.

Por fim, no capítulo 5 abordar-se-á a relação entre elementos-chave do *Empowerment* e o Florescimento Humano. A amostra será caracterizada segundo os indicadores de *Empowerment* identificados na análise à reflexão teórica do capítulo 2 e sustentados por uma Análise de Componentes Principais e coeficientes de correlação aplicados na amostra portuguesa. Assim, serão aprofundados os conhecimentos já explanados no Capítulo 3 da segunda parte. Com o intuito de contribuir para o estudo de efeitos que tendem a ser negligenciados na análise ao *empowerment*. (Re)analisando a necessidade de incorporar estes indicadores nos debates do Desenvolvimento que visam a liberdade, a capacitação e o bem-estar das populações.

Capítulo 4 | Caracterização da população em Florescimento: Factores discriminatórios

Este capítulo pretende descrever a amostra em análise de acordo com factores sócio-demográficos, apresentar alguns resultados obtidos em diversos estudos relativamente a factores discriminatórios à capacidade de Florescimento Humano e esclarecer as principais conclusões da análise a alguns destes factores na amostra portuguesa. Para o efeito, foi utilizada a Escala de Florescimento Humano proposta por Huppert e So (2009). Neste estudo a variável de Florescimento representa o somatório total dos itens da escala. Desta forma, é possível analisar as características dos indivíduos que apresentam níveis inferiores de Florescimento Humano e os que demonstram claramente estar em Florescimento. Como a abordagem dos autores destaca os valores totais das respostas dadas aos diversos itens, como principal critério de categorização dos indivíduos no espectro da saúde mental, considerou-se necessário manter a escala no seu formato somatório, sendo que os seus valores correspondem ao total das respostas dadas pelos indivíduos. A consistência interna desta escala apresenta um valor Alpha aceitável de 0,762. Na nossa amostra, a média de respostas é de 38 (num valor mínimo de 12 e máximo de 53) e metade dos inquiridos apresenta uma média de Florescimento até aos 39 valores (Quadros 3.8 e 3.9).

4.1. Caracterização sócio-demográfica da amostra

A amostra deste estudo, constituída por 2222 inquiridos (N=2222), caracteriza-se por conter 911 indivíduos do sexo masculino (41%) e 1311 do sexo feminino (59%). Apresenta idades compreendidas entre 14 e 94 anos e demonstra uma média etária de 48,5 anos, sendo que 50% dos indivíduos têm até 48 anos. Dividindo a variável em 5 categorias, verificamos que 14,1% dos indivíduos possuem até 25 anos, 23,1% entre 25 e 40 anos, 24,9% entre 40 e 55 anos, 22,8% entre 55 e 70 anos e, por fim, 15% mais de 70 anos.

Podemos constatar que os indivíduos casados representam 61,6% da amostra, seguidos dos indivíduos que nunca casaram nem viveram em união de facto que representam 24,6%. Os divorciados e os viúvos são categorias menos representadas, com 3,5% e 9%, respectivamente. Os indivíduos que estão separados mas legalmente casados, assumem a categoria menos representada na amostra com 1,3%.

No que concerne ao Rendimento total do agregado familiar, constatamos que 26,7% dos indivíduos possui entre 500€ a 1000€ mensais, sendo este o valor máximo de rendimentos de metade da amostra. Seguido dos rendimentos que variam entre 1000€ a 1500€ mensais, com uma representação de 17,2%. Os indivíduos menos representados na amostra são os que auferem rendimentos mensais entre os 5000€ a 7500€ (0,8%), 7500€ a 10000€ (0,6%) e, por fim, mais de 10000€ (0,4%).

Quanto à situação profissional, o trabalho pago é a categoria mais representada na amostra com um valor de 48,4%, seguida dos 24,5% de indivíduos que se encontram reformados. Já os trabalhos domésticos e a educação têm uma representação de 9,5% e 8,7% respectivamente.

Relativamente às habilitações literárias, observamos que o 2º ciclo é a média de habilitações dos indivíduos, sendo que 74% da amostra possui até ao 3º ciclo. A categoria mais representada na amostra é o 1º ciclo com 35,1%, seguida do ensino secundário com 15,9%.

4.2. Género

Nas investigações realizadas por Keyes (2007) à relação entre género e perturbações mentais, verificou-se que as mulheres tendem a sofrer de mais perturbações internas como a ansiedade e modos afectivos. Por outro lado, na análise aos 23 países integrados no ESS/R3, Huppert e So (2009) concluem que as diferenças de género no Florescimento Humano são bastante reduzidas. Ainda assim, diversos estudos têm revelado incongruências nesta relação e permanece desconhecido o efeito de outros factores (Dolan, Peasgood e White 2006).

No que respeita à nossa amostra, constatamos que as mulheres apresentam níveis de Florescimento ligeiramente inferiores em relação aos homens, com médias de 37,40 e 39,43 respectivamente. No entanto, a análise aos resultados do teste eta⁶ demonstra uma associação muito fraca entre as variáveis ($< 0,2$)⁷, apontando para um coeficiente de 0,179. Sendo que 3,2% da variância do Florescimento Humano é explicada pelo género dos indivíduos. Assim, à semelhança do que outros autores têm demonstrado, também na nossa amostra a associação

⁶ Tratando-se de análise da relação entre uma variável quantitativa e uma variável nominal, optou-se pela utilização deste coeficiente.

⁷ Os critérios de decisão relativamente à intensidade das relações, baseiam-se nas propostas de Perestrelo (s.a.).

entre género e Florescimento Humano é bastante fraca, sendo que os indivíduos do sexo masculino revelarem níveis ligeiramente superiores de Florescimento (Quadros 3.10 e 3.10.1)

4.3. Idade

De um modo geral, os estudos da relação entre a idade e o bem-estar não são conclusivos. Algumas evidências apontam que com o envelhecimento os indivíduos tendem a apresentar níveis mais reduzidos de satisfação com a vida. No entanto, análises mais sofisticadas, têm revelado indícios de que esta relação poderá adquirir contornos positivos, com uma curva em forma de U, sendo que os indivíduos mais jovens e os mais idosos apresentam valores mais elevados de Satisfação com a vida, relativamente aos que se encontram na meia idade, nomeadamente entre os 35 ou 50 anos, dependendo dos estudos (Dolan *et al*, 2006). Já Huppert e So (2009), na análise ao ESS/R3 verificaram que o Florescimento Humano tende a diminuir com a idade, embora esta seja uma relação bastante controversa, na medida em que encontramos uma grande disparidade de relações nos diferentes países.

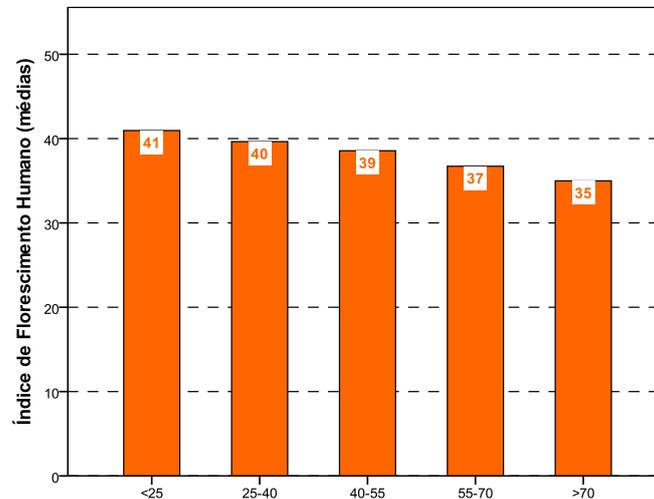
Nos trabalhos realizados por Keyes (2002, 2007), observou-se que os indivíduos caracterizados pelo Florescimento tinham uma média etária de 45 a 74 anos, sendo que os indivíduos com sintomas mais reduzidos de Florescimento (pura depressão, elanguescimento e puro episódio de elanguescimento) encontram-se entre os 25 e 64 anos.

No que respeita à amostra portuguesa, verificamos uma correlação fraca ($<0,4$) mas com significância estatística entre as variáveis ($r = -0,350$; $p < 0,001$). Observamos que o nível médio de Florescimento tende a diminuir ligeiramente no sentido em que a idade dos indivíduos aumenta (Quadros 3.11 e 3.12).

Apuramos que os resultados obtidos com a nossa amostra e Escala de Florescimento não correspondem aos previamente encontrados por outros autores, à excepção dos auferidos por Huppert e So. Sendo que, numa comparação aos resultados de Keyes, os indivíduos mais idosos apresentam os níveis mais reduzidos de Florescimento e, portanto, os indivíduos entre os 25 e os 66 anos não são os que apresentam as menores médias de Florescimento. No entanto, importa ressaltar que a escala aqui empregue é diferente da utilizada por Keyes e, claro, diferente da Satisfação com a vida. Devemos, então, considerar que a dissemelhança de resultados poderá reflectir a utilização de uma definição operacional de Florescimento Humano diferente. Não havendo condições para afirmar rigorosamente que as incongruências

poderão estar relacionadas com questões socioculturais, nem para analisar em que medida os resultados aqui obtidos são incongruentes em relação aos de outros autores.

Figura 3.1. Florescimento Humano médio segundo a Idade



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

4.4. Rendimento total do agregado familiar

Alguns estudos têm revelado relações consideráveis e de particular relevância entre o Rendimento e os níveis de Bem-estar Subjectivo ou Satisfação com a vida. Assim, segundo Diener e Biswas-Diener (2002a), podemos encontrar 4 resultados replicáveis na análise da relação entre o Rendimento e o Bem-estar:

- a comparação de diferentes países, demonstra que existem grandes correlações entre a riqueza das nações e respectivos níveis de Bem-estar Subjectivo;
- dentro das próprias nações, as relações entre rendimento e bem-estar tendem a diminuir. No entanto, nos países mais pobres esta é uma redução menos significativa, em relação aos países mais ricos;
- o crescimento económico das últimas décadas nos países desenvolvidos, não tem sido acompanhado de um aumento do Bem-estar;

Assim, as investigações indicam a existência de uma relação positiva entre Rendimento e Bem-estar – enquanto felicidade, satisfação com a vida, afecto positivo e bem-estar subjectivo. No entanto, tal só acontece até um certo nível, sendo que na maioria dos países cujo PIB tem vindo a aumentar exponencialmente nas últimas décadas, não se verificou

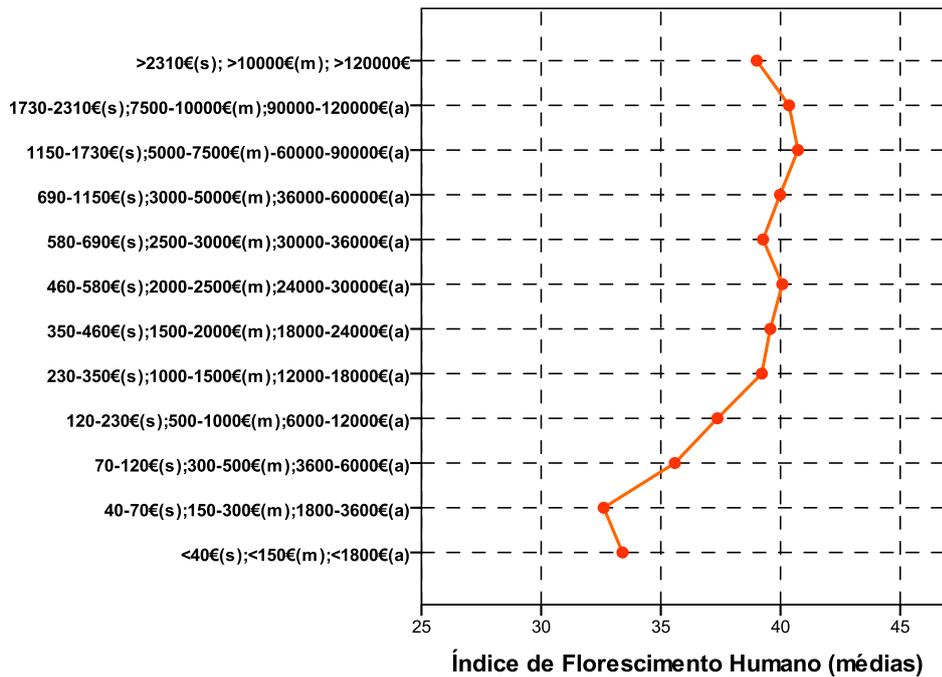
qualquer alteração nos níveis de felicidade e satisfação com a vida (Foresight, 2008; Diener e Biswas-Diener, 2002a; Diener e Seligman, 2004; Frey e Stutzer, 1999). Evidenciando que rendimentos elevados estão associados a níveis elevados de Bem-estar, mas que os seus efeitos tendem a diminuir progressivamente nos níveis mais elevados de rendimento.

Apesar de a maioria da literatura focar o efeito do Rendimento nos níveis de Bem-estar, existe actualmente a evidência de que a relação entre ambas é bidireccional. Sendo que jovens mais positivos tendem a obter maiores rendimentos em adulto, no entanto, este é um efeito claramente moderado pelo rendimento dos pais (Diener e Biswas-Diener, 2002a). Na análise ao ESS/R3, Huppert e So (2009) verificaram também que o Florescimento relaciona-se positivamente com rendimentos mais elevados.

Diversas conclusões têm sido retiradas nas investigação que procuram entender a relação entre Rendimento e Bem-estar. Actualmente compreendemos que é moderada por diferentes aspectos psicológicos e condições materiais de vida. Sendo notória a urgência de novos estudos que pretendam analisar quais os mecanismos ou variáveis moderadores que influem na relação entre Rendimento e Bem-estar (Diener e Biswas-Diener, 2002a; Diener e Seligman, 2004).

Quanto à nossa amostra, reconhecemos uma correlação fraca ($<0,4$) com um coeficiente de Spearman de 0,329 ($p<0,001$). Compreendemos que o escalão de rendimento mensal de 5000€ a 7500€ é onde os indivíduos tendem a manifestar mais sintomas de Florescimento, com uma média de 40,73. Sendo que o grupo com os níveis mais reduzidos de Florescimento encontra-se no escalão de 150€ a 300€ mensais, com uma média de 32,61. Tornando-se curioso o ligeiro aumento para uma média de 33,40 nos indivíduos com rendimentos de menos de 150€ mensais, talvez devido à redução de casos existentes nesta categoria. Observamos que o nível médio de Florescimento Humano tende a aumentar à medida que os agregados familiares auferem rendimentos superiores, apesar de nos escalões de rendimentos mais elevados voltar a decrescer (Quadros 3.13 e 3.13.1). No entanto, importa salientar que os 3 últimos escalões de rendimento mais elevado são também os que apresentam menos casos e, portanto, a sua análise deve ser muito cuidadosa. Importa ainda referir que a diferença entre médias é bastante reduzida, o que indica, novamente, um impacto não muito expressivo, embora que existente, da relação entre Rendimento total do agregado familiar e Florescimento Humano.

Figura 3.2. Florescimento Humano médio segundo o Rendimento total do agregado familiar



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

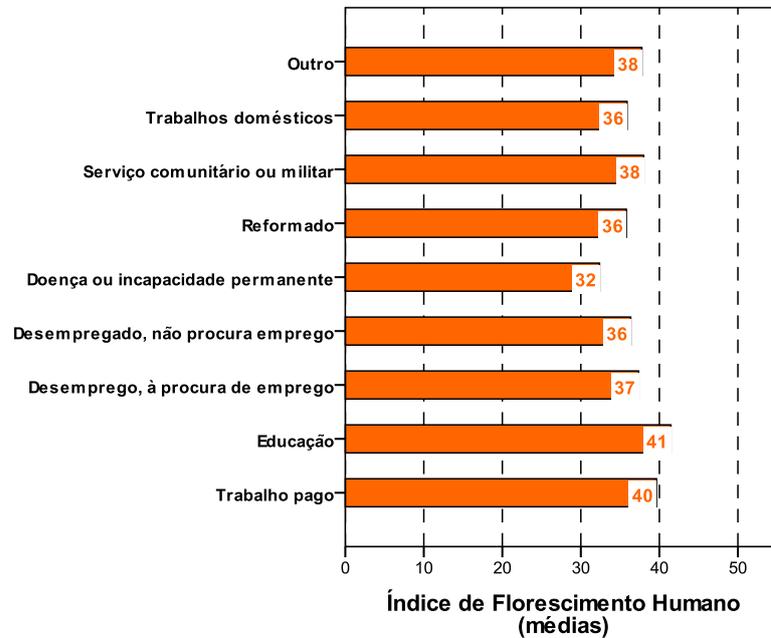
4.5. Situação laboral

Existem evidências de que a situação de desemprego é extremamente prejudicial para o bem-estar subjectivo, ainda que controlado o factor rendimento. Os resultados apontam para o facto de que o desemprego influi não só através da redução de rendimentos mas também pela perda de identidade, significado, relações sociais, segurança e de uma rotina com propósito (Diener e Biswas-Diener, 2002a; Diener e Seligman, 2004; Frey e Stutzer, 1999; Shah e Marks, 2004; Stiglitz *et al*, 2009).

Na nossa amostra, observamos que a correlação entre Florescimento Humano e a Situação laboral é fraca (coeficiente eta de 0,379), sendo que 14,4% da variância de Florescimento Humano é explicada pela situação laboral dos inquiridos. É perceptível que os indivíduos que não trabalham por motivos de doença ou incapacidade permanente apresentam os menores níveis de Florescimento, com uma média de 32,28. Também a situação de reforma e de trabalhos domésticos auferem níveis mais reduzidos de Florescimento, com médias de 35,80 e 35,89 respectivamente. Já os estudantes (41,46) ou trabalhadores pagos (39,64), são os que auferem médias superiores. Podemos constatar que apesar do desemprego ser várias vezes apontado como um factor nocivo ao bem-estar, na nossa amostra parecem existir outras

situações profissionais onde os níveis de Florescimento Humano são inferiores. Sendo que os indivíduos desempregados revelam níveis de Florescimento (37,36 e 36,35) intermédios às categorias já abordadas.

Figura 3.3. Florescimento Humano médio segundo a Situação laboral



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

Ao analisarmos a distribuição do Florescimento Humano segundo o Rendimento total do agregado familiar, apenas nos indivíduos Desempregados (Quadros 3.14 e 3.15), destaca-se que esta é uma relação bastante ambígua. Os aumentos e diminuições confusas do nível de Florescimento Humano de acordo com estas variáveis, revelam concordância com as investigações já realizadas e indica-nos que, também na nossa amostra o efeito do Desemprego no Florescimento Humano não se deve apenas à diminuição dos rendimentos.

4.6. Habilitações Literárias

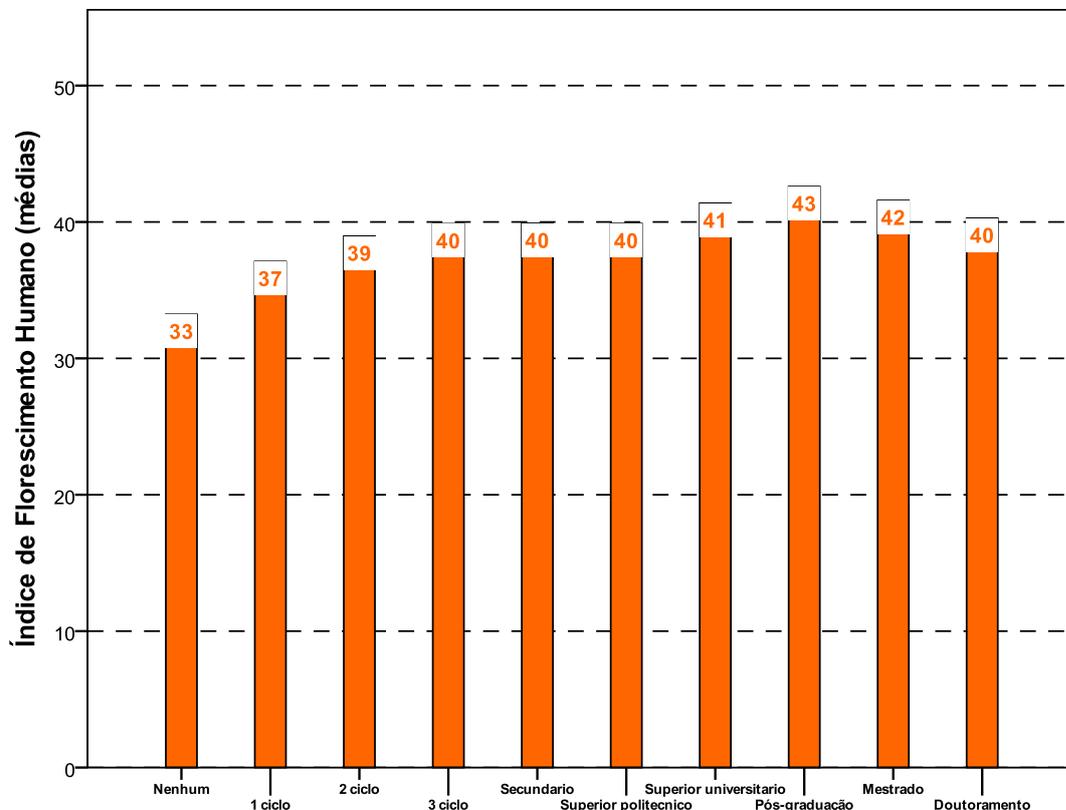
Numa análise realizada por Keyes (2002), verificou-se que nos casos de pura depressão não existe uma discriminação significativa segundo os anos de escolaridade concluídos. No entanto, os indivíduos em elanguescimento e depressão tendem a possuir até 11 anos de escolaridade. Já os que se encontram em puro elanguescimento tendem a possuir habilitações até ao ensino secundário e, por fim, os indivíduos em florescimento tendem a concluir pelo

menos 16 anos de escolaridade. É neste sentido que o autor afirma que a saúde mental tende a aumentar à medida que aumenta também os anos de educação concluídos (Keyes, 2007).

Apesar dos resultados apresentados por Keyes (2002, 2007), em relação ao Florescimento, no que concerne à satisfação com a vida existem ainda algumas dúvidas. Denota-se também a escassez de informação quanto aos mecanismos através dos quais a educação poderá influir no bem-estar (Stiglitz *et al*, 2009; Dolan *et al*, 2006).

No que refere à nossa amostra, verificamos que as Habilitações Literárias e o Florescimento Humano apontam para uma correlação fraca (Spearman no valor de 0,345) mas com significância estatística ($p < 0,001$). Assim, os indivíduos que apresentam a média mais elevada de Florescimento (42,60) possuem uma Pós-graduação, seguidos dos que são Mestres e Licenciados do Ensino Superior Universitário, com médias de 41,58 e 41,37 respectivamente. Por outro lado, entre os inquiridos com médias mais reduzidas de Florescimento encontramos os que não possuem qualquer habilitação literária (média de 33,22), seguidos dos que concluíram o 1º ciclo (média de 37,10).

Figura 3.4. Florescimento Humano médio segundo as Habilitações Literárias



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

Como podemos analisar na Figura 3.4, apesar das pequenas diferenças de médias entre os escalões de Habilitações literárias, é curioso que o nível médio de Florescimento Humano tende a aumentar progressivamente, embora com uma expressão muito reduzida mas com significância, até à Pós-graduação, momento em que volta a decrescer para uma média de 40,27 junto dos Doutorados. No entanto, esta é uma interpretação que merece especial cuidado dado que estas últimas categorias possuem um número bastante reduzido de casos.

4.7. Percepções de Saúde

Na análise ao estudo MIDUS, Keyes (2002; Keyes e Haidt, 2003) verificou que indivíduos em florescimento sentem menos limitações físicas no seu dia-a-dia. De uma lista de 9 actividades quotidianas, o autor analisou que percentagem de indivíduos sentia pelo menos uma limitação severa à realização das tarefas, concluindo que:

- 70% dos indivíduos estavam elanguescimento e com um episódio depressivo,
- 64% dos indivíduos estavam em puro elanguescimento
- 55% dos indivíduos estavam moderadamente bem
- 55% dos indivíduos estava em pura depressão
- 42% dos indivíduos estava em florescimento

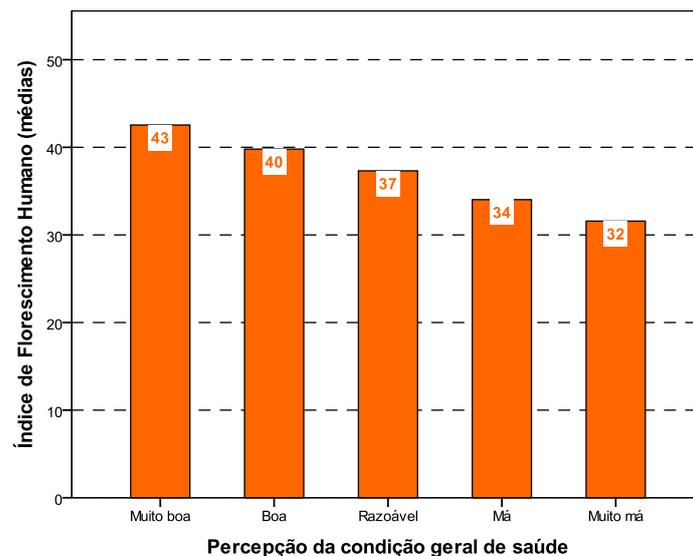
Evidências apontam ainda que o bem-estar e a saúde mental constituem um factor preditor relevante para a saúde, mesmo após o controlo de variáveis tradicionalmente identificadas, como a massa do corpo, diabetes, tabagismo e exercício físico (Shah e Marks, 2004; Keyes, 2007).

De um modo geral, os estudos realizados têm indicado que indivíduos com óptimos estados de bem-estar subjectivo revelam menores riscos de doenças cardiovasculares, menores níveis de utilização de cuidados de saúde, maior tempo de sobrevivência ao cancro, melhor funcionamento pulmonar, maior longevidade e menos deficiências imunitárias (Shah e Marks, 2004, Diener e Seligman, 2004).

Na amostra da população portuguesa, constatamos que as percepções subjectivas da condição geral de saúde estabelecem uma relação fraca, mas significativa, com o Florescimento Humano, apresentando um coeficiente de Spearman de 0,383 ($p < 0,001$), sendo, portanto, claramente superior ao obtido por Huppert e So na análise à população da Europa ($r = 0,17$). Assim, reconhecemos que os indivíduos que afirmam perceber uma boa saúde, tendem a

possuir níveis médios de Florescimento superiores (média=43), relativamente aos que indicam uma má saúde, caracterizados por uma média de Florescimento de 32 valores. Apesar da fraca correlação entre as variáveis e da ténue diferença de médias entre as 5 categorias, é visível que o Florescimento Humano tende a diminuir progressivamente, ainda que com pouca relevância, na medida em que os indivíduos classificam mais negativamente a sua condição geral de saúde.

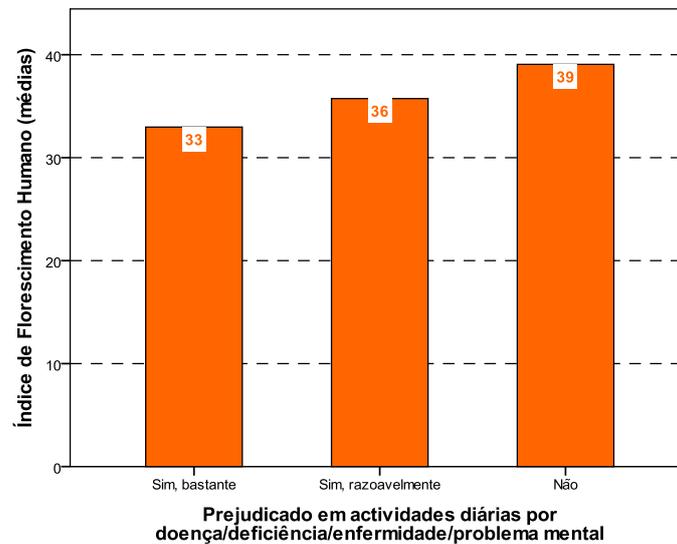
Figura 3.5. Florescimento Humano médio segundo a Percepção da condição geral de saúde



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

No que concerne às Percepções de prejuízo em actividades diárias por motivos de doença, deficiência, enfermidade ou problemas mentais, é perceptível que estabelecem uma correlação fraca com o Florescimento Humano, apresentando um coeficiente Spearman de 0,242 ($p < 0,001$). No entanto, à semelhança do que acontece com a Percepção da condição geral de saúde, denota-se uma ligeira diminuição da média de Florescimento à medida que aumenta a Percepção de prejuízo. Constatamos, assim, que apesar da fraca correlação entre o Florescimento Humano e as percepções de saúde ou prejuízo, existe uma ligeira tendência para que os indivíduos com percepções mais positivas, atinjam também níveis de Florescimento um pouco mais elevados.

Figura 3.6. Florescimento Humano médio segundo as Percepções de prejuízo em actividades diárias por motivos de doença, deficiência, enfermidade ou problemas mentais



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

Os resultados obtidos expressam correlações menos claras com o Florescimento Humano, relativamente às medidas utilizadas por Keyes. No entanto, importa salientar que a escala aqui empregue consiste numa medida mais resumida e, portanto, menos abrangente que a do autor, dificultando as comparações com as correlações por ele encontradas.

Capítulo 5 | Florescimento Humano e *Empowerment*: análise da amostra portuguesa do ESS/R3

Com o presente capítulo, pretende-se expor as relações encontradas entre indicadores de *Empowerment* e o Florescimento Humano. Para o efeito, construíram-se indicadores representativos dos elementos-chave do *empowerment*, através de uma Análise de Componentes Principais (ACP) e outras análises de correlação, às variáveis identificadas na formulação das hipóteses.

Assim, este é o capítulo onde se pretende testar as Hipóteses 2, 3, 4 e 5 da Dissertação. Serão apresentadas as distribuições da amostra portuguesa do ESS/R3 nos factores de *Empowerment* identificados e as principais conclusões extraídas no estudo da sua relação com o Florescimento Humano. Procurar-se-á averiguar se indivíduos com indicadores superiores de *Empowerment* também apresentam níveis superiores de Florescimento. Repensando, portanto, os reais impactos do *Empowerment* no bem-estar dos indivíduos.

Em suma, com este último capítulo pretende-se contribuir para a reflexão da necessidade de integrar o indicadores e preocupações com o Florescimento Humano no âmbito dos debates do Desenvolvimento, nomeadamente, o orientado pelo/para o *Empowerment*. No entanto, importa ressaltar que a natureza do ESS/R3 não é a de um inquérito aplicado no âmbito de um projecto de *Empowerment*. Como tal, não poderemos estabelecer claramente nenhuma correlação entre Florescimento e os próprios processos ou resultados do *Empowerment*. Mas antes, entre o Florescimento e os elementos-chave que tendem a ser comuns a diversas estratégias de *empowerment*, independentemente do seu contexto sociocultural. Esperamos, portanto, compreender se os factores através dos quais diversas estratégias buscam a redistribuição do poder e a luta contra a desigualdade influem no Florescimento Humano. Ou se, por outro lado, uma estratégia de *Empowerment* igualmente preocupada com o bem-estar da sua população-alvo, deve ter em atenção outros aspectos, que tendencialmente não constituem elementos-chave destes processos.

5.1. Constituição dos indicadores de *Empowerment* na Análise de Componentes Principais

Com o intuito de se construir um índice representativo dos elementos-chave de *Empowerment* identificados nas hipóteses de estudo, procedeu-se a uma Análise de Componentes Principais com as variáveis seleccionadas. A solução aqui apresentada é a que se considerou “ideal”, no sentido em que apresenta os resultados mais satisfatórios à colocação de cada variável nas componentes, apresentando um total de variância explicada de 63,4% (Quadros 3.21 a 3.24).

Quadro 3.1. Constituição das componentes principais enquanto indicadores de Empowerment

ITENS	COMPONENTES			
	Consumo de informação política e da actualidade pelos <i>media</i>	Percepção de interesse e compreensão da realidade política	Participação comunitária em benefício de outros cidadãos	Percepção de integração local
Quanto tempo por semana vê notícias políticas e da actualidade na TV?	0,787	-0,117	-0,022	0,023
Quanto tempo por semana ouve pela Rádio notícias políticas e da actualidade?	0,742	-0,051	-0,008	-0,023
Quanto tempo por semana lê nos jornais notícias políticas e da actualidade?	0,719	0,195	0,021	-0,017
Quanto se interessa por política?	0,177	0,671	0,070	0,091
A política é demasiado complicada para compreender	-0,125	0,818	-0,002	-0,021
Sente dificuldade em tomar decisões sobre assuntos políticos?	-0,027	0,800	-0,064	-0,062
Envolvido em actividades voluntárias ou organizações comunitárias, quanto nos últimos 12 meses?	0,023	-0,055	0,853	-0,024
Ajudou outros, excluindo a família, trabalho, organizações voluntárias, quanto nos últimos 12 meses?	0,033	-0,024	0,854	-0,079
Ajudou ou assistiu em actividades organizadas pela comunidade local, quanto nos últimos 12 meses?	-0,070	0,072	0,825	0,095
Sente que as pessoas na sua área local entreajudam-se	0,038	0,002	-0,076	0,789
Sente-se próximo das pessoas da sua área local	-0,053	-0,012	0,066	0,776

Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

A solução apresentada após a aplicação do método de rotação Promax⁸ (Quadro 3.24), permite-nos perceber a existência de 4 componentes principais: Consumo de informação política e da actualidade pelos *media* (Alpha Cronbach de 0,600), Percepção de interesse e compreensão da realidade política (Alpha Cronbach de 0,742), Participação comunitária em benefício de outros cidadãos (Alpha Cronbach de 0,774) e Percepção de integração local (Coeficiente Spearman de 0,335)⁹. Reforçando-se, portanto, a segmentação realizada na formulação das hipóteses de estudo.

As variáveis constituintes do indicador de Participação cívica e política (Índice com Alpha Cronbach de 0,646) bem como a liberdade para decidir sobre a própria vida, previamente identificados na constituição das hipóteses desta Dissertação, foram retiradas da ACP. Dado que diminuía substancialmente a capacidade de explicação das variáveis nas componentes, prejudicando o modelo aqui executado. Porém, estes factores possuem uma posição de destaque nas formulações teóricas aqui abordadas, além de que, apresentam bons índices de consistência interna. Assim sendo, decidiu-se prosseguir com a análise à relação destes factores com o Florescimento Humano. Por outro lado, como já foi referido, a correlação entre as variáveis constituintes do Índice de Percepção de integração local revelou-se pouco satisfatória e, como tal, a sua análise foi tomada individualmente.

5.2. A relação do Florescimento Humano e o Consumo de informação política e da actualidade pelos *media*

A análise às relações encontradas entre ambos os Índices na amostra da população portuguesa, indica-nos a inexistência de uma correlação ($r=0,021$; $p>0,05$) entre o tempo dispendido no consumo de informação política e da actualidade pelos *media* e o nível de Florescimento Humano.

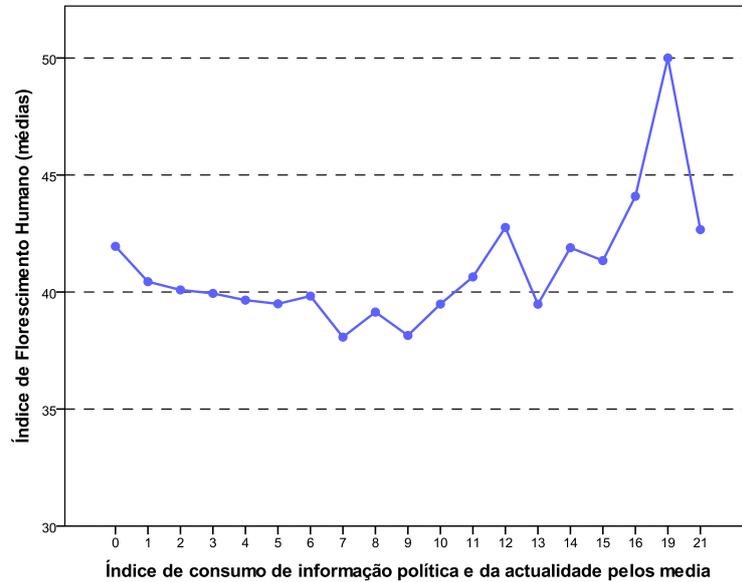
Ao observarmos a Figura 3.7 verificamos uma proximidade de médias de Florescimento Humano nas categorias extremas do tempo dispendido no consumo deste tipo de informação

⁸ Optou-se pelo método de rotação Promax, pois, como anteriormente referido, os elementos-chave do *empowerment* encontram-se intrinsecamente ligados e actuam sinergicamente entre si.

⁹ Dado que se trata de duas variáveis ordinais, optou-se pelo estudo da sua correlação, ao invés da sua consistência interna enquanto escala ou índice.

(com uma média de Florescimento de 41,95 nos indivíduos que menos consomem informação política e da actualidade, e de 42 nos que mais consomem).

Figura 3.7. Florescimento Humano médio segundo o Consumo de informação política e da actualidade pelos media



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

É evidente uma discrepância nas categorias intermédias (com médias de Florescimento que variam entre 38,07 e 50). Compreendemos assim que, de facto, é difícil perceber qualquer tipo de relação entre as variáveis. É visível que o nível de Florescimento tende a diminuir progressivamente, até aos indivíduos com um somatório de consumo de informação de 5 valores, momento em que se inicia a discrepância dos níveis de Florescimento Humano nas diferentes posições do consumo de informação. Ainda assim, as curiosas divergências de níveis de Florescimento a partir dos consumos de informação política de 12 valores, devem merecer especial cuidado de interpretação dado que possuem um número muito reduzido de casos (Quadros 3.31.1)

Os resultados obtidos obrigam-nos a rejeitar a primeira parte da Hipótese 2, que assumia a existência de uma correlação entre o Florescimento Humano e o consumo de informação política pelos *media*. Assume-se, portanto, que ambos factores não estão correlacionados e, como tal, considerando a amostra e as escalas aqui empregues, o bem-estar caracterizado pelo Florescimento Humano, não será alcançado por via do próprio consumo de informação

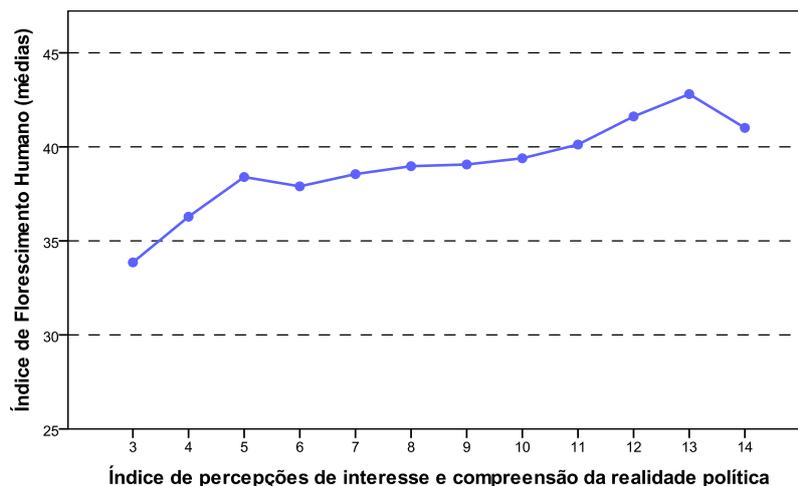
política e da actualidade. Assim como a tendência para procurar e aceder a esta informação não é reflectida pelo nível de Florescimento Humano.

5.3. A relação entre o Florescimento Humano e as Percepções de interesse e compreensão da realidade política

Na observação da nossa amostra, verificamos que a correlação entre o Florescimento Humano e as Percepções de interesse e compreensão da realidade política é fraca ($<0,4$) ainda que com significância estatística ($r=0,290$; $p<0,001$).

Apesar do coeficiente de correlação extraído indicar uma correlação bastante fraca, podemos perceber que os níveis de Florescimento tendem a crescer na medida em que os indivíduos percebem que se interessam e compreendem a realidade política - com uma média de Florescimento de 33,86 nos indivíduos com menos interesse e compreensão e uma média de 42,80 na penúltima posição mais elevada do índice. Sendo que o ligeiro decréscimo de Florescimento, junto dos indivíduos com o nível máximo de interesse e compreensão, para uma média de Florescimento Humano de 41 valores pode, em parte, ser justificado pela redução do número de casos nesta categoria (Quadro 3.32.1).

Figura 3.8. Florescimento Humano médio segundo as Percepções de interesse e compreensão da realidade política



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

Constatamos, portanto, que apesar da relação entre as variáveis se considerar muito fraca - representada numa assimetria bastante reduzida na distribuição das médias de Florescimento

entre as várias posições de interesse e compreensão da realidade política – possui significância estatística, tanto que, como já foi referido, os níveis de Florescimento tendem a aumentar ligeiramente à medida que aumentam também as percepções de interesse e compreensão da realidade política.

Depreende-se assim que poderemos aceitar a segunda parte da Hipótese 2, embora com bastante precaução e consciência de que esta é uma correlação fraca. Assume-se, portanto, que de acordo com a nossa amostra e com os índices utilizados, a segunda parte desta hipótese (relacionada com as Percepções de interesse e compreensão da realidade política) merece um estudo mais aprofundado, com ferramentas mais robustas e análises mais extensas, com vista à compreensão de efeitos que poderão de algum modo moderar esta relação. Conclui-se, portanto, que ambos factores estabelecem relações muito reduzidas entre si e, assim sendo, poderão notar-se efeitos muito ténues no Florescimento Humano devido ao aumento das Percepções de interesse e compreensão da realidade política, e vice-versa.

5.4. A relação entre o Florescimento Humano e a Participação em actos cívicos e políticos, nos últimos 12 meses

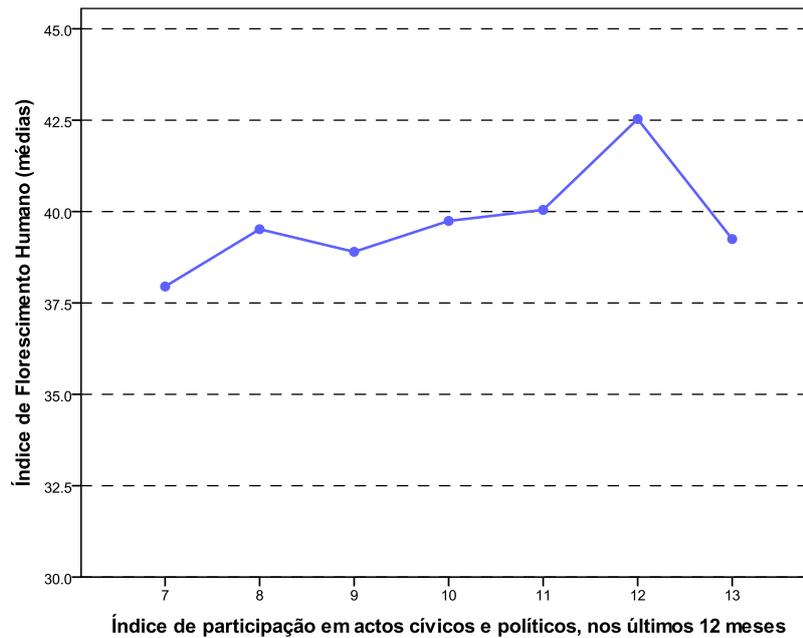
Na concepção de Stiglitz *et al* (2009), a voz política é uma dimensão integral da qualidade de vida contendo um valor não só intrínseco como também instrumental. Enquanto valor intrínseco refere-se à capacidade de participação em cidadania, à voz política nas tomadas de decisão e à dissidência ou discordância política sem medos. No seu valor instrumental, a voz política destaca-se por assegurar que a voz dos cidadãos corrige as políticas públicas, responsabiliza governos e instituições e destaca as necessidades locais, chamando a atenção para desigualdades humanas significativas.

A voz política possibilita, portanto, a implementação efectiva de medidas, harmonizadas com as necessidades dos indivíduos, que aumentam as percepções de bem-estar. Simultaneamente, permite também que os indivíduos façam escolhas mais informadas sobre diferentes domínios que afectam a sua qualidade de vida (Stiglitz *et al*, 2009).

Na análise à amostra da população portuguesa, averiguamos que a correlação entre o Florescimento Humano e a Participação em actos cívicos ou políticos é muito fraca ($<0,2$) ainda que com significância estatística ($r=0,101$; $p<0,001$). Ao examinar a distribuição da média de Florescimento Humano nos diferentes níveis de Participação, é perceptível que as

diferenças de médias são bastante reduzidas, com uma média de 37,95 nos indivíduos menos participativos e de 39,25 nos mais participativos. No entanto, importa salientar que as 2 últimas posições de maior participação são preenchidas por poucos casos, o que poderá enviesar a análise desta relação (Quadros 3.33.1).

Figura 3.9. Florescimento Humano médio segundo a Participação em actos cívicos e políticos nos últimos 12 meses



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

Conclui-se, portanto, que existem evidências que sustentam a formulação da terceira parte da Hipótese 2, direccionada para a relação entre Participação cívica e política e o Florescimento Humano. Apesar da existência estatística desta correlação, verificamos que é extremamente fraca e, como tal, apesar de autores como Stiglitz *et al* (2009) apontarem o facto de que a utilização da voz política permite aos indivíduos exigir políticas mais direccionadas para o seu bem-estar, os resultados aqui obtidos levam-nos a reflectir se esta relação prende-se exactamente com este ponto, os seus resultados. Pois, de acordo com a amostra e as escalas aqui utilizadas, a correlação entre o Florescimento Humano e a Participação em actos cívicos e políticos é fraca, enquanto isso mesmo, Participação.

5.5. A relação entre o Florescimento Humano e a Participação comunitária em benefício de outros

Estudos na neurociência têm revelado que a cooperação mútua é intrinsecamente recompensadora, no sentido em que induz respostas neurológicas nos sistemas de recompensa cerebrais. Estes estudos apontam também para o facto de que a estimulação destes sistemas contribui para a melhoria do funcionamento cognitivo e social, fundamentais para o desenvolvimento do bem-estar (Aked *et al*, 2008). Também a definição de bem-estar mental, enunciada no Foresight (2008), indica a necessidade de uma percepção de propósito na sociedade por parte dos indivíduos com vista ao bem-estar mental pleno.

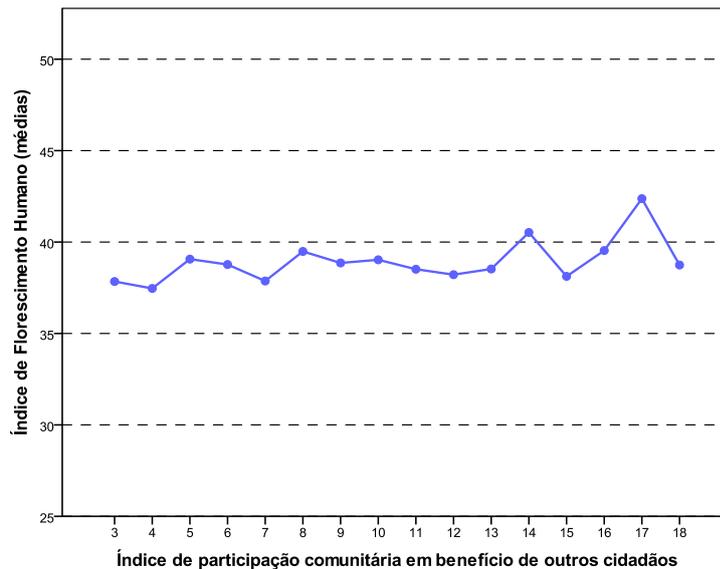
Diversas estratégias de *empowerment* realizadas no Reino Unido têm demonstrado que o envolvimento comunitário potencia a autonomia da população local, promove as relações sociais e o fortalecimento das comunidades e, por fim, estimula o envolvimento significativo com desafios locais. Ampliando, portanto, os níveis de bem-estar dos participantes (Aked, Michaelson e Steuer, 2010). A análise a estes projectos tem também indicado que os benefícios do associativismo e da participação em actividades comunitárias não se cinge apenas aos participantes mas também a outros indivíduos. Assim como, não só a participação comunitária estimula o bem-estar mas, também o bem-estar promove o interesse dos indivíduos em participar nas actividades comunitárias (Foresight, 2008; Aked *et al*, 2010).

Apesar dos dados existentes afirmarem claramente uma forte relação entre a participação comunitária, a cooperação mútua e o bem-estar, os resultados obtidos com a nossa amostra e escalas obtém-se uma correlação mais modesta. A análise ao R de Pearson revelou uma correlação extremamente fraca ($<0,2$) ainda que com significância ($r=0,080$; $p<0,001$) entre as variáveis, sendo que a distância entre a média mais elevada e a mais reduzida é bastante modesta, com valores de 42,53 e 37,95 respectivamente (Quadro 3.34.1).

No entanto, importa ressaltar que a interpretação desta relação merece especial prudência, no sentido em que apenas a primeira categoria do Índice de Participação abrange 1078 casos num total de 2086. Vê-se, portanto, dificultada a análise rigorosa desta correlação. Sendo que, a única conclusão realmente passível de rigor, é a de que a nossa amostra representa um nível extremamente reduzido de Participação comunitária em benefício de outros, pois, os 1078 indivíduos presentes na primeira categoria afirmam não ter participado em nenhuma das 3 actividades constituintes deste Índice.

Os resultados obtidos permitem-nos aceitar a Hipótese 3, assente na correlação entre a Participação comunitária e o Florescimento Humano. Ainda que com consciência de que esta é uma correlação bastante fraca, sendo que apenas 0,64% da variância de Florescimento Humano é explicada pela Participação comunitária ($r^2=0,0064$)

Figura 3.10. Florescimento Humano médio segundo a Participação comunitária em benefício de outros cidadãos nos últimos 12 meses



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

5.6. A relação entre Florescimento Humano e a Percepção de integração local

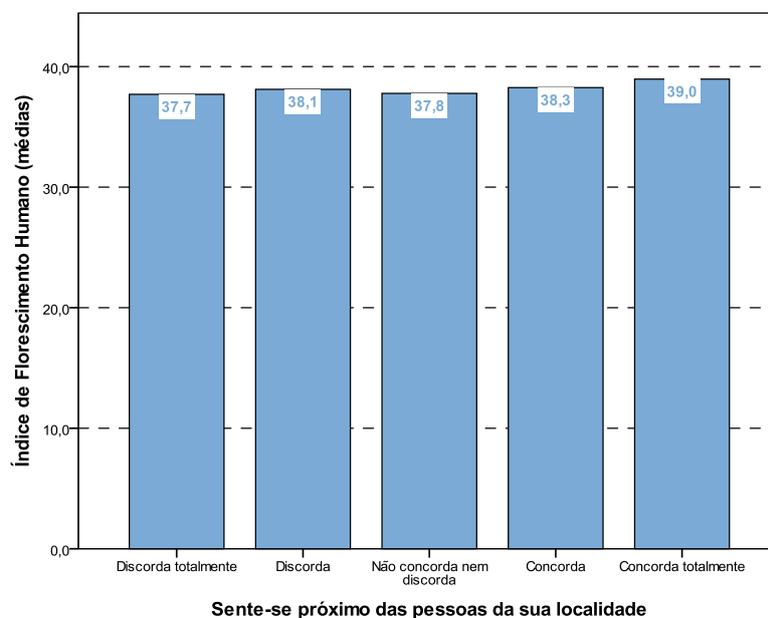
Estudos indicam que as relações sociais representam uma das principais fontes de bem-estar. Indivíduos com mais redes sociais tendem a apresentar maior satisfação com a vida e bem-estar subjectivo, mais facilidade no acesso ao mercado de trabalho, melhor sensação de segurança e de saúde e menos sintomas depressivos (Stiglitz *et al*, 2009; Wallerstein, 2006). Entre as relações com efeitos mais significativos no nível de bem-estar encontramos as que ocorrem quotidianamente com a família, amigos, colegas e vizinhos (Aked *et al*, 2008)

Numa análise às estratégias de *empowerment* a ocorrer no Reino Unido, Hothi *et al* (2008) concluem que ao envolver os residentes na mudança comunitária e ao facilitar o contacto entre vizinhos, estes processos promovem sentimentos de pertença, envolvimento, orgulho e reconhecimento. Segundo os autores, estes factores são fundamentais não só enquanto

consequência dos processos de *empowerment* mas também por constituírem indicadores relevantes do que faz os indivíduos sentirem-se integrados. Considerando-os, portanto, um importante ponto de partida para qualquer processo de envolvimento e *empowerment* das comunidades.

Ao testarmos a relação entre o Florescimento Humano e a Percepção de proximidade às pessoas da localidade na nossa amostra, verificamos a existência de uma correlação extremamente fraca ($<0,2$) ainda que possua significância estatística (Coeficiente de Pearson de 0,054; $p<0,05$; e Coeficiente de Spearman de 0,086; $p<0,001$). A proximidade de médias ao longo das diversas posições da Percepção de proximidade à população local, constata novamente que se trata de uma correlação bastante fraca (Quadro 3.35.1).

Figura 3.11. Florescimento Humano médio segundo a Percepção de proximidade às pessoas da localidade



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

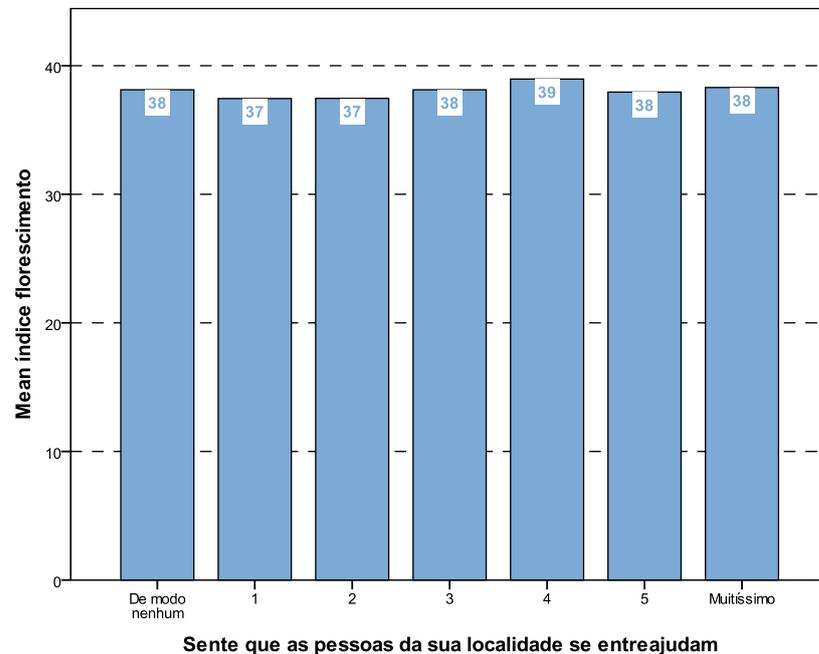
No que concerne à correlação entre o Florescimento Humano e a Percepção de entajuda local percebemos a inexistência de qualquer correlação ($r=0,041$; $p>0,05$). A homogeneidade de médias, associada aos aumentos e diminuições confusas dos níveis de Florescimento nas diferentes categorias, indica a inexistência efectiva de qualquer correlação (Quadro 3.36.1).

Relativamente à Percepção de proximidade à população local, constatamos que os resultados obtidos vão de encontro ao estabelecido por outros autores. Assume-se, portanto, que esta é

uma dimensão importante do Florescimento Humano, ainda que estabeleça uma influência bastante fraca.

Verifica-se então a Hipótese 4 que estabelece a correlação entre Florescimento Humano e percepções de integração local. No entanto, a concretização desta hipótese apenas se manifesta nas percepções de proximidade à população local, sendo que o Florescimento Humano é independente do facto de os indivíduos perceberem, ou não, comportamentos de entreaajuda local.

Figura 3.12. Florescimento Humano médio segundo a Percepção de entreaajuda das pessoas da localidade



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

5.7. A relação entre Florescimento Humano e a Liberdade de acção e escolha sobre a própria vida

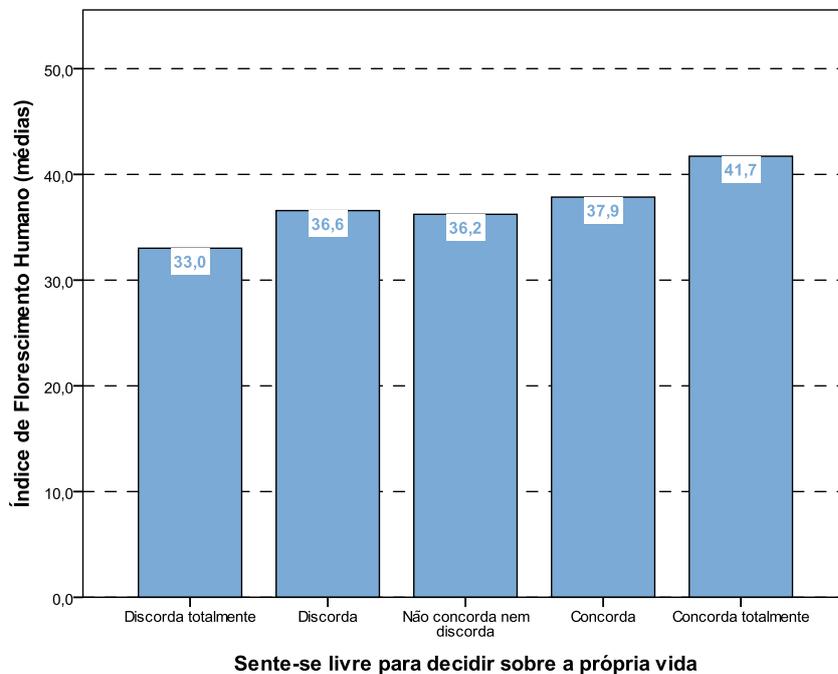
Ao analisar dados recolhidos de 1981 a 2007 pelo *World Values Survey* e *European Values Survey*, Inglehart *et al* (2008) observam que a liberdade de escolha e acção está claramente relacionada com o BES – enquanto felicidade e satisfação com a vida, sendo que na sua análise a própria liberdade de escolha explica 30% da variância de BES ao longo do tempo.

Na mesma análise os autores concluem que a percepção de liberdade de escolha e os níveis de BES tendem a aumentar ou diminuir concomitantemente, com valor $r = 0,71$.

Actualmente, existe também a evidência de que esta é uma relação ponderada pelo nível de riqueza das nações, sendo que nos países mais pobres a relação entre liberdade de escolha e bem-estar tende a enfraquecer. Indicando que o efeito da percepção de liberdade no bem-estar torna-se mais significativo, na medida em que o aumento de rendimento incrementa a utilidade dessa liberdade (Inglehart *et al*, 2008; Diener e Seligman, 2004).

As correlações encontradas com a nossa amostra entre a liberdade de acção e o Florescimento Humano, demonstram correlações mais modestas (Spearman de 0,306; $p < 0,001$ e Pearson de 0,302; $p < 0,001$).

Figura 3.13. Florescimento Humano médio segundo a Percepção de liberdade para decidir sobre a própria vida



Fonte: Elaborado pela autora. Resultados do inquérito ao ESS/R3

Na análise desta correlação, constatamos que os níveis de Florescimento Humano tendem a aumentar no sentido em que os indivíduos apresentam maiores Percepções de liberdade, à excepção de uma ligeira diminuição de Florescimento junto dos que dizem não concordar nem discordar desta percepção. No entanto, a curta distância entre as médias de Florescimento Humano nas posições extremas da Percepção de liberdade confirma que esta é uma relação bastante modesta (Quadro 3.37.1).

Embora os valores dos coeficiente de correlação sejam considerados fracos, constatamos que é significativa. Confirmando-se, portanto, a Hipótese 5 desta Dissertação. Assume-se assim o interesse, necessidade e empenho numa análise mais alargada a estes factores, comparando simultaneamente diferentes escalas de Florescimento Humano, o que permitirá um estudo substancialmente mais aprofundado e com uma capacidade explicativa claramente superior.

Capítulo 6 | Conclusão

Como constatámos ao longo do enquadramento teórico, os conceitos de Florescimento Humano e *Empowerment*, apesar de distintos nas suas heranças, pressupostos e formulações teóricas, trilham um mesmo caminho. O de oferecer um entendimento sobre as capacidades e necessidades individuais, numa relação com o meio em que se inserem e as situações quotidianas que inibem ou potenciam o seu desenvolvimento enquanto pessoa, cidadão, capaz de fazer real aproveitamento das suas emoções, capacidades e liberdades. No entanto, o Florescimento Humano surge associado às concepções de Saúde Mental e Bem-estar, representando o indivíduo que sente e funciona positivamente, isto é, que apresenta Bem-estar Psicológico, Bem-estar Emocional e Bem-estar Social. Sendo que o *Empowerment* surge no âmbito das estratégias de Desenvolvimento alternativo, associado a conceitos como Participação, Poder, Controlo e Consciência crítica. É, portanto, direccionado para a redução da pobreza e desigualdade através da capacitação da população excluída, com vista a uma reestruturação nas relações de poder locais que lhes sejam mais favoráveis.

Devido às limitações existentes na medição de ambos os conceitos e à pouca literatura sobre a sua relação, procurou-se empreender um estudo cuidado, rigoroso e ciente da falta de informação científica significativa. No entanto, não era objectivo da Dissertação empreender procedimentos estatisticamente muito sofisticados ou robustos, mas antes “experimental” a escala de Florescimento Humano com medidas simples de correlação, que permitissem compreender a utilidade desta análise no âmbito do Desenvolvimento e políticas públicas. Assim sendo, pretendeu-se testar sucintamente a existência na amostra portuguesa dos factores discriminatórios previamente encontrados noutros países, bem como contribuir para o estudo da relação entre *Empowerment* e Florescimento Humano, fornecendo algumas pistas de correlação entre as abordagens.

A análise empírica à amostra portuguesa do *European Social Survey, Round 3*, revelou-nos uma média de Florescimento Humano moderada. Verificámos que o género e o Florescimento Humano apenas se associam muito ligeiramente, estando relacionado com as faixas etárias mais jovens, com rendimentos elevados, com o facto de se estar a trabalhar ou a estudar e com as habilitações literárias mais elevadas. Sendo que a situação de desemprego representa uma redução no nível de Florescimento Humano devido a outros factores que não apenas os económicos. Também as percepções subjectivas de saúde, ainda que não constituindo

propriamente um indicador sócio-demográfico, tendem a influenciar o Florescimento Humano, sendo este o factor mais discriminatório entre os analisados. Assim, a par do que outros autores haviam já estabelecido, concluí-se que na nossa amostra existem, efectivamente, factores sócio-demográficos discriminatórios na capacidade de Florescimento Humano.

Esta conclusão é particularmente relevante no âmbito das políticas públicas e da medição do Desenvolvimento. O estudo dos factores discriminatórios no Florescimento Humano – como a análise, ainda que simples e resumida, que aqui foi executada - permite aos governantes e agentes de desenvolvimento, compreender aspectos subjectivos da comunidade em que operam. Fornece pistas sobre que indivíduos apresentam maiores riscos de desigualdade no acesso ao Florescimento Humano, podendo ser consideradas as complexidades socioculturais de cada país ou região. Permite também monitorizar o nível de bem-estar das populações em diversos momentos e dimensões da vida.

Assim, o governante empenhado em compreender até que ponto as suas decisões influem na capacidade de Bem-estar, encontra neste indicador uma ferramenta interessante no diagnóstico de necessidades, novas áreas de intervenção, monitorização dos efeitos de decisões políticas e no apoio à tomada de decisões. A valorização deste indicador, e outros relacionados com o Bem-estar subjectivo (entendido nas suas perspectivas hedónica e eudaimónica), possibilita uma aproximação dos governantes e de outros actores do desenvolvimento, às populações. Ao utilizar estas medidas, estão a colocar os factores que constroem ou expandem o Florescimento Humano dos indivíduos afectados pelas suas decisões, no cerne do discurso político. Simultaneamente, permite-lhes fornecer às comunidades evidências do que tende a promover o bem-estar - como o é o caso da literatura cinzenta, maioritariamente proveniente do Reino Unido, que foi essencial para o desenvolvimento desta Dissertação - com vista à alteração de comportamentos e à reaproximação do discurso político às necessidades e constrangimentos percebidos diariamente pelos indivíduos.

As revisões de estratégias de *empowerment*, demonstram-nos que estas têm a capacidade de potenciar não só efeitos de *empowerment* mas ainda de bem-estar. As evidências indicam que estes programas modificam as vidas e as percepções dos indivíduos sobre si próprios, assim como da sua realidade, no sentido em que os habilitam a alterar e operar no meio envolvente. Verifica-se o incremento de capacidades como auto-eficácia, auto-estima, controlo,

consciência crítica e integração, participação, organização e liderança locais. No entanto, a informação mais objectiva e descritiva destas relações é ainda manifestamente escassa. Torna-se, portanto, dificultada e comprometida a explicação de como e porquê o *Empowerment* influi no Florescimento Humano.

Com o estudo da relação entre os elementos-chave do *Empowerment* e o Florescimento Humano na amostra da população portuguesa, apurámos que, de facto, os conceitos estabelecem correlações entre si. Percebemos que a liberdade de decisão sobre a própria vida, não constituindo um elemento-chave do *empowerment*, mas antes, um dos seus fins, é o factor que mais se relaciona com o Florescimento Humano, seguido das Percepções de interesse e compreensão da realidade política e da Participação em actos cívicos e políticos. Por outro lado, a Percepção de proximidade às pessoas da localidade é o elemento que manifesta correlações mais fracas, não sendo observada qualquer correlação com o Consumo de informação política e da actualidade pelos *media*. Constatámos, portanto, que o *Empowerment* apresenta maiores correlações com o Florescimento Humano nos seus elementos de compreensão e acção política – *Accountability* e, não tanto, nos que se relacionam com a própria força comunitária, na sua capacidade de integração dos indivíduos, ou na participação comunitária em benefício de outros – Integração e Capacidade de organização local.

As evidências levam-nos a considerar que as estratégias de *empowerment* são importantes para a concretização do bem-estar e capacitação das populações. Contribuindo não só para os paradigmas do Desenvolvimento alternativo – nomeadamente, no que concerne à preocupação dos indivíduos, organizações e comunidades se relacionarem entre si, entenderem e agirem na realidade política e se superarem com vista à satisfação das necessidades comunitárias. Mas também para as novas propostas de Desenvolvimento – direccionadas para a promoção e rentabilização das liberdades individuais, capacidades e funcionamentos emocionais e psicológicos - prosseguindo na melhoria do Florescimento Humano.

Entende-se, ainda, que este é um indicador de particular interesse na compreensão dos efeitos do *Empowerment* e delimitação de novas estratégias. Assim, por exemplo, dado que no caso da nossa amostra o consumo de informação política pelos *media* não se relaciona com o Florescimento Humano, seria de esperar que uma estratégia de *empowerment*, ciente deste facto, optaria por repensar seriamente as suas abordagens à promoção do consumo desta informação, procurando compreender como tornar este elemento essencial ao *empowerment* mais favorável ao desenvolvimento do Florescimento Humano. Fazendo também recurso da

análise aos factores discriminatórios – sendo sócio-demográficos, ou de outros aspectos mais directamente relacionados com a acção pública e comunitária - nas comunidades em que se pretende executar o programa de *empowerment*, estabelece-se uma leitura mais alargada das necessidades locais, permitindo, ainda, averiguar as que têm os maiores impactos no Florescimento Humano. Entende-se, portanto, que o Florescimento Humano constitui um indicador oportuno e útil aos debates do Desenvolvimento e, particularmente, às propostas de *empowerment*, possuindo características não só informativas, como discriminatórias e avaliativas.

Finda a análise, verificamos que o estudo do Florescimento Humano e da sua relação com o *Empowerment* traduz novas possibilidades de investigação. O estudo aprofundado destes conceitos exige a observação de outros factores que poderão moderar cada relação, alargando-se as análises estatísticas tradicionais, às percepções e julgamentos individuais nas mais diversas áreas, desde a psicológica, à social, económica e política.

Com vista à compreensão efectiva de como podem os indicadores de Florescimento Humano contribuir na melhoria das decisões políticas, da democracia e do bem-estar, o estudo da sua capacidade em complementar o PIB e outros indicadores económicos, de desenvolvimento humano e sustentável, deve ser empreendido.

A utilização destes indicadores com vista ao Desenvolvimento Sustentável é um processo já iniciado por entidades como nef, Comissão para a Medição do Desempenho Económico e Progresso Social e UNECE/OECD/Eurostat, que têm estudado e promovido a utilização combinada de indicadores económicos, de bem-estar – material e subjectivo – e de sustentabilidade ambiental. Assumindo a necessidade de se empreender a construção de um sistema de indicadores que represente as interacções entre o meio humano - economia, sociedade, governo - e o meio ambiental - capital natural, poluição, biodiversidade (Michaelson *et al*, 2009; Stiglitz *et al*, 2009). Também no âmbito do Desenvolvimento Humano, encontramos alguns apelos recentes para a utilização de indicadores de satisfação com a vida, bem-estar subjectivo e saúde mental como suplemento ao IDH (Stiglitz *et al*, 2009). Ao focar aspectos essenciais à qualidade de vida e bem-estar objectivo - como saúde, educação, nutrição, trabalho, liberdade política, segurança e ambiente - o Desenvolvimento Humano e, por sua vez, o IDH, demonstram uma preocupação com a satisfação das necessidades básicas dos indivíduos e com a expansão das suas funções e capacidades, relacionando-se claramente com os pressupostos do Florescimento Humano, numa

perspectiva de complementaridade. Compreendemos, portanto, que esta abordagem poderá ainda contribuir para as teorias de Desenvolvimento como liberdade, promovidas por Amartya Sen e focadas nas capacidades e funcionamentos dos indivíduos. As concepções de Sen (1999) partilham com o conceito de Florescimento Humano as raízes Aristotélicas e, como tal, este é um indicador com possibilidades de explorar os funcionamentos como definidos pelo autor, enquanto coisas que os indivíduos valorizam ser ou fazer. Este é um contributo de particular relevância dado que no âmbito do Desenvolvimento Humano são frequentes as dúvidas relativamente ao que é ou não valorizado e, como consequência, onde devem ser empreendidos os maiores esforços (Deneulin e Shahani, 2009).

Por fim, a análise em diferentes contextos sociais e culturais da variabilidade do bem-estar, de acordo com as situações de vida, demonstra-se ainda fundamental à validade das escalas propostas na literatura. Identicamente, o estudo de cada componente do Florescimento Humano poderá ser empreendido individualmente, para uma apreciação mais compreensiva das condições que afectam os indivíduos. Considera-se, portanto, que o facto de esta ser uma área de estudos recente não deve constituir um obstáculo à compreensão da sua utilidade e pertinência, mas antes um motivo de interesse e investimento. Pois, como John Kennedy percebeu há décadas atrás, os indicadores tendencialmente económicos, que ainda hoje utilizamos na análise ao desenvolvimento, não representam os factores que fazem uma vida “valer a pena”.

O Produto Nacional Bruto conta a poluição do ar e a publicidade de cigarros, e...a destruição do pau-brasil e a perda da nossa maravilha natural em expansão caótica...Mas [ele] não permite medir a saúde das nossas crianças, a qualidade da nossa educação, ou a alegria das suas brincadeiras...a beleza da nossa poesia ou a força dos nossos casamentos....ele mede tudo, em suma, excepto aquilo que faz a vida valer a pena

Robert Kennedy, 1968

BIBLIOGRAFIA

- Abdallah, S., Mahony, S., Marks, N., Michaelson, J., Seaford, J., Stoll, L. e Thompson, S. (2011), *Measuring our Progress: The power of well-being*, Londres, nef
[Internet] Disponível em:
http://www.neweconomics.org/sites/neweconomics.org/files/Measuring_our_Progress.pdf
[Consultado a Fevereiro de 2011]
- Aked, J., Marks, N., Cordon, C. e Thompson, S. (2008), *Five ways to wellbeing*, Londres, nef
[Internet] Disponível em:
http://www.neweconomics.org/sites/neweconomics.org/files/Five_Ways_to_Well-being_Evidence_1.pdf [Consultado a Abril de 2011]
- Aked, J., Michaelson, J. e Steuer, N. (2010), *The role of local government in promoting wellbeing*, Londres, Local Government Improvement and Development
[Internet] Disponível em:
<http://www.idea.gov.uk/idk/aio/23693073> [Consultado a Maio de 2011]
- Alsop, R., Mette, B. e Holland, J. (2006), *Empowerment in Practice: From Analysis to Implementation*, World Bank, Washington, DC
[Internet] Disponível em:
http://siteresources.worldbank.org/INTEMPowerment/Resources/Empowerment_in_Practice.pdf [Consultado a Maio de 2011]
- Amaro, Rogério R. (2003), “Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria”, *Cadernos de Estudos Africanos*, 4, Janeiro-Julho, pp. 37-70
- Barca, Fabrizio (2009), *An Agenda for a Reformed Cohesion Policy: A place-based approach to meeting European Union challenges and expectations*, Relatório independente preparado a pedido de Danuta Huebner, Commissioner for Regional Policy, CEC, Bruxelas
[Internet] Disponível em:
http://www.eurada.org/site/files/Regional%20development/Barca_report.pdf [Consultado a Outubro de 2009]
- Carvalho, Helena (2007), “Análise de Componentes Principais: Apresentação dos principais conceitos e Interpretação de resultados”, *Documentos de apoio às aulas de Análise de Dados III*, ISCTE-IUL
- Carvalho, H. e Calapez, T. (2004), “Cruzamento de variáveis”, *Análise de Dados com o SPSS*, Giesta/ISCTE-IUL
- Deneulin, S. e Shahani, L. (2009), *An Introduction to the Human Development and Capability Approach: Freedom and Agency*, Earthscan e International Development Research Centre
[Internet] Disponível em:

<http://idl-bnc.idrc.ca/dspace/bitstream/10625/40248/1/128806.pdf>

[Consultado a Julho de 2011]

- Diener, E. e Biswas-Diener, R. (2002a), “Will Money Increase Subjective Well-Being?: A Literature Review and Guide to Needed Research”, *Social Indicators Research*, 57, pp. 119-169
- Diener, E. e Biswas-Diener, R. (2002b), “Findings on Subjective Well-being and their implications for *Empowerment*”, comunicação apresentada no workshop *Measuring Empowerment: Cross Disciplinary Perspectives* realizado pelo Banco Mundial, 4 e 5 de Fevereiro 2003, Washington DC
[Internet] Disponível em:
<http://siteresources.worldbank.org/INTEMPowerment/Resources/486312-1095970750368/529763-1095970803335/diener.pdf> [Consultado a Julho de 2011]
- Diener, E., e Seligman, M. (2004), “Beyond money: Toward an economy of well-being”, *Psychological Science in the Public Interest*, 5 (1), pp. 1-31
- Diener, E., Suh, E., Lucas, R. e Smith, H. (1999) “Subjective Well-Being: Three Decades of Progress”, *Psychological Bulletin*, 125(2), pp. 276-302
- Diener, E., Wirtz, D., Tov, W., Kim-Prieto, C., Choi, D., Oishi, S. e Biswas-Diener, R. (2010), “New well-being measures: Short scales to assess flourishing and positive and negative feelings”, *Social Indicators Research*, 97, 2, pp. 143-156
- Diener, E., Wirtz, D., Biswas-Diener, R., Tov, W., Kim-Prieto, C., Choi, D. e Oishi, S. (2009), “New measures of well-being”, *Assessing well-being: The collected works of Ed Diener*, pp. 247-266
- Dolan, P., Layard, R. e Metcalfe, R. (2011), “Measuring Subjective Wellbeing for Public Policy: Recommendations on Measures”, *Centre for Economic Performance (London School of Economics)*, Special Paper No. 23
- Dolan, P., Peasgood, T. e White, M. (2006), *Review of research on the influences on personal well-being and application to policy making*, Defra
- Foresight (2008), “Mental Capital and Wellbeing: Making the most of ourselves in the 21st century”, *Government Office for Science*, Londres
[Internet] Disponível em
http://www.bis.gov.uk/assets/biscore/corporate/migratedD/ec_group/113-08-FO_b
[Consultado a Fevereiro de 2011]
- Fredrickson, B. e Losada, M. (2005), “Positive Affect and the Complex Dynamics of Human Flourishing”, *American Psychologist*, 60, 7, pp. 678-686

- Frey, S. e Stutzer, A. (1999), “Happiness, economy and institutions”, *University of Zurich (Institute for Empirical Research in Economics)*, Working paper No. 15
[Internet] Disponível em:
<http://e-collection.library.ethz.ch/eserv/eth:25520/eth-25520-01.pdf>
[Consultado a Agosto de 2011]
- Friedmann, John (1996), *Empowerment – Uma Política de Desenvolvimento Alternativo*, Oeiras, Celta Editora
- Galinha, Iolanda (2008), *Bem-estar subjetivo : factores cognitivos, afectivos e contextuais*, Coimbra: Quarteto
- Hothi, M., Bacon, N., Brophy, M. e Mulgan, G. (2008), *Neighbourliness + Empowerment = WellBeing*, Londres, Young Foundation
[Internet] Disponível em:
http://www.youngfoundation.org/files/images/N_E_W_web.pdf
[Consultado a Junho de 2011]
- Huppert, F. e So, T. (2009), “What Percentage of People in Europe are Flourishing and What Characterises Them?”, The Well-being Institute University of Cambridge, documento apresentado no encontro da OECD/SQOLS *Measuring subjective well-being: an opportunity for NSO's*, Florence
[Internet] Disponível em:
http://www.isqols2009.istitutodeglinnocenti.it/Content_en/Huppert.pdf
[Consultado a Março de 2011]
- Huppert, F., Marks, N., Clark, A., Siegrist, J., Stutzer, A., Vittersø, J. e Wahrendorf, M. (2008), “Measuring well-being across Europe: Description of the ESS Well-being Module and preliminary findings”, *Paris School of Economics*, Working Paper No. 2008-40
[Internet] Disponível em:
<http://www.pse.ens.fr/document/wp200840.pdf> [Consultado a Fevereiro de 2011]
- Inglehart, R., Foa, R., Peterson, C. e Welzel, C. (2008), “Development, freedom, and rising happiness: A global perspective (1981-2007)”, *Perspectives on Psychological Science*, 3 (4), pp. 264-285
- Kahneman, D., Diener, E. e Schwarz, N. (1999), *Well-being: The foundations of hedonic psychology*, New York, NY US: Russell Sage Foundation
- Kashdan, T., Biswas-Diener, R. e King, L. (2008), “Reconsidering happiness: the costs of distinguishing between hedonics and eudaimonia”, *The Journal of Positive Psychology*, 3:4, 219-233
- Keyes, C. (2007), “Promoting and protecting mental health as flourishing: A complementary strategy for improving national mental health”, *American Psychologist*, 62 (2), pp. 95-108

- Keyes, C. (2006), “Subjective Well-being in mental health and human development research worldwide: An introduction”, *Social Indicators Research*, 77, 1, pp.1-10
- Keyes, C. e Haidt, J. (2003) (eds.), *Flourishing: Positive Psychology and the life well-lived*. Washington D.C., American Psychological Association
- Keyes, C. (2002), “The Mental Health Continuum: From Languishing to Flourishing in Life”, *Journal of Health and Social Behavior*, 43 (2), pp. 207-222
- Keyes, C., Shmotkin, D. e Ryff, C. (2002), “Optimizing Well-Being: The Empirical Encounter of Two Traditions”, *Journal of Personality and Social Psychology*, 6, pp. 1007-1022
- Keyes, C. (1998), “Social Well-Being”, *Social Psychology Quarterly*, 61 (2), pp. 121-140
- Laverack, Glenn (2006), “Improving Health Outcomes through Community *Empowerment*”, *Journal of Health, Population and Nutrition*, 24, pp. 113-120
[Internet] Disponível em: <http://www.bioline.org.br/pdf?hn06016>
[Consultado a Julho de 2011]
- Michaelson, J., Abdallah, S., Steuer, N., Thompson, S. e Marks, N. (2009), *National Accounts of Well-being: bringing real wealth onto the balance sheet*, Londres, nef
- Monteiro, Gizela (2008), *Empowerment: uma estratégia de luta contra a pobreza e a exclusão social em Cabo Verde. O caso de Lajedos*, Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais, Lisboa, ISCTE-IUL
- Narayan, D. (2002), *Empowerment and Poverty Reduction: A Sourcebook*, World Bank (Draft)
- Organização Mundial de Saúde (2004), *Promoting mental health: Concepts, emerging evidence, practice* (Summary report), Geneva
- Pereira, Alexandre (1999), *Guia prático de utilização do SPSS: Análise de dados para ciências sociais e psicologia*, Lisboa, Edições Sílabo
- Perestrelo, Margarida (s.a.), “Análise de Dados em Ciências Sociais: Descritiva”, *Documentos de apoio às aulas de Análise de Dados I*, ISCTE-IUL
- Peterson, C., Nansook, P. e Seligman, M. (2005), “Orientations to Happiness and Life Satisfaction: The Full Life Versus the Empty Life”, *Journal of Happiness Studies*, (6), pp. 25-41
- Quivy, R., Campenhoudt, L. (2008), *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva

- Ramos, Madalena (s.a.), “Alpha de Cronbach”, *Documentos de apoio às aulas de Análise de Dados I*, ISCTE-IUL
- Rappaport, Julian (1984), “Studies in *empowerment*: Introduction to the issue”, *Prevention in Human Services*, (3), pp. 1-25
- Ryan, R. e Deci, E. (2001), “On Happiness and Human Potentials: A review of Research on Hedonic and Eudaimonic Well-Being”, *Annual Review of Psychology*, (52), pp. 141-166
- Ryan, R. e Deci, E. (2000), “Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, and Well-Being”, *American Psychologist*, 55 (1), pp.68-78
- Ryff, C. e Keyes, C. (1995), “The Structure of Psychological Well-Being Revisited”, *Journal of Personality and Social Psychology*, 69 (4), pp. 719-727
- Seers, Dudley (1979), “Os indicadores de desenvolvimento: o que estamos a tentar medir?”, *Análise Social*, XV (60) – 4º, pp. 949 -968
- Seligman, M. (2011), *Flourish: A New Understanding of Happiness and Well-being – and How to Achieve Them*, Londres, Nicholas Brealey Publishing
- Seligman, M. e Csikszentmihalyi, M. (2000), “Positive Psychology: An Introduction”, *American Psychologist*, 55 (1), pp. 5-14
- Sen, Amartya (1999), *Development as Freedom*, Nova Iorque, Alfred A. Knopf
- Sen, Gita (1997), “*Empowerment as an approach to poverty*”, *Background paper to the Human Development Report 1997*, Working Paper No. 97.07
[Internet] Disponível em:
http://ieham.org/html/docs/Empowerment_as_an_approach_to_Poverty.pdf
[Consultado a Maio de 2011]
- Shah, H. e Marks, N. (2004), *A Well-being Manifesto for a Flourishing Society*, Londres, nef
[Internet] Disponível em:
http://www.neweconomics.org/sites/neweconomics.org/files/A_Well-Being_Manifesto_for_a_Flourishing_Society.pdf [Consultado a Fevereiro de 2011]
- Stiglitz, J., Sen, A. e Fitoussi, J. (2009), *Report by the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress*, OCDE.
[Internet] Disponível em:
http://www.stiglitz-sen-fitoussi.fr/documents/rapport_anglais.pdf
[Consultado a Fevereiro de 2011]
- Waldron, Sam (2010), “Measuring Subjective Wellbeing in the UK”, *Office for National Statistics*, Working Paper

[Internet] Disponível em:

<http://www.ons.gov.uk/ons/pdfdir/well0910.pdf>

[Consultado a Fevereiro de 2011]

Wallerstein, N. (2002), “*Empowerment to reduce health disparities*”, *Scandinavian Journal of Public Health*, 30, pp. 72-77

Wallerstein, N. (2006), “What is the evidence on effectiveness of *empowerment* to improve health?”, *WHO Regional Office for Europe* (Health Evidence Network report), Copenhaga

[Internet] Disponível em:

<http://www.euro.who.int/Document/E88086.pdf> [Consultado a Junho de 2011]

Waterman, A. (2007), “On the importance of distinguishing hedonia and eudaimonia when considering the hedonic treadmill”, *American Psychologist*, 62, pp. 612-613

Woodal, J., Raine, G., South, J. e Warwick-Booth, L. (2010), *Empowerment and Health & Well-Being: Evidence Review*, Leeds Metropolitan University, Centre for Health Promotion Research

[Internet] Disponível em: <http://www.yhpho.org.uk/resource/view.aspx?RID=87504>

[Consultado a Julho de 2011]

Zimmerman, Marc (1995), “*Psychological Empowerment: Issues and Illustrations*”, *American Journal of Community Psychology*, 23 (5), pp.581-599

Zimmerman, M., Israel, B., Schulz, A. e Checkoway, B. (1992), “Further Explorations in *Empowerment Theory: An Empirical Analysis of Psychological Empowerment*”, *American Journal of Community Psychology*, 20 (6)

Zimmerman, M. e Perkins, D. (1995), “*Empowerment Theory, Research and Application*”, *American Journal of Community Psychology*, 23 (5), pp.569-578

Zimmerman, Marc (1999), “*Empowerment Theory – Psychological, Organizational and Community Levels of Analysis*”, em Rappaport, J. e Seidman, E. (Eds) *Handbook of Community Psychology*, Nova Iorque, Kluwer Academic

ANEXOS

ANEXO A: Operacionalização dos sintomas de Saúde Mental

Sentimentos positivos Bem-estar emocional	Funcionamento positivo: Bem-estar psicológico	Funcionamento positivo: Bem-estar social
<p><i>Afecto positivo:</i> Regularmente animado, bem disposto, alegre, calmo e pacífico, satisfeito e cheio de vida</p> <p><i>Felicidade:</i> Sente-se feliz relativamente ao passado ou à vida presente no geral ou em domínios da vida</p> <p><i>Satisfação com a vida:</i> Sentimento de contentamento ou satisfação com o passado ou com a vida presente no geral ou em domínios da vida</p>	<p><i>Auto-aceitação:</i> Atitude positiva relativamente a si próprio e ao seu passado, e consentimento e aceitação de vários aspectos de si</p> <p><i>Crescimento pessoal:</i> Percepção do seu próprio potencial, sentimento de desenvolvimento e aberto a desafios e novas experiências</p> <p><i>Propósito na vida:</i> Tem objectivos, crenças que afirmam senso de propósito na vida, sente que tem um propósito e significado</p> <p><i>Controlo sobre o ambiente:</i> Tem capacidade para gerir ambientes complexos e consegue escolher ou criar ambientes mais agradáveis</p> <p><i>Autonomia:</i> Confortável com auto-gestão, tem normas internas, resiste a pressões sociais desagradáveis</p> <p><i>Relações positivas:</i> Tem relações emotivas, satisfatórias e de confiança, e é capaz de empatia e intimidade</p>	<p><i>Aceitação social:</i> Atitude positiva face aos outros enquanto aprende e aceita a complexidade das outras pessoas</p> <p><i>Actualização social:</i> Preocupa-se e acredita que colectivamente as pessoas têm potencial e a sociedade pode evoluir positivamente</p> <p><i>Contribuição social:</i> Sente que a sua vida é útil para a sociedade e que a sua contribuição é valorizada por outros</p> <p><i>Coerência social:</i> Tem interesse na sociedade, sente-a inteligível, lógica, previsível e significativa</p> <p><i>Integração social:</i> Sentimento de pertença a uma comunidade proveniente do conforto e apoio que esta lhe presta</p>
 <p>Perspectiva Hedónica</p>	 <p>Perspectiva Eudaimónica</p>	 <p>Perspectiva Eudaimónica</p>

Adaptado de Keyes, 2003: 299

ANEXO B: Caracterização da amostra

Quadros 3.2. Género

Statistics			Género				
Género			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
N	Valid	2222	Valid Masculino	911	41,0	41,0	41,0
	Missing	0	Feminino	1311	59,0	59,0	100,0
Mode		2	Total	2222	100,0	100,0	

Quadros 3.3. Idade

Statistics			Idade				
Idade			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
N	Valid	2222	Valid <25	314	14,1	14,1	14,1
	Missing	0	25-40	514	23,1	23,1	37,3
Mean		3,01	40-55	554	24,9	24,9	62,2
Median		3,00	55-70	506	22,8	22,8	85,0
			>70	334	15,0	15,0	100,0
			Total	2222	100,0	100,0	

Quadro 3.3.1 Idade (variável contínua)

	Mean	Median	Mode	Maximum	Minimum	Standard Deviation
Age of respondent, calculated	48,50	48,42	54,08	94,42	14,17	18,88

Quadros 3.4. Estado civil

Statistics			Estado civil				
Estado civil			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
N	Valid	2220	Valid Casado	1368	61,6	61,6	61,6
	Missing	2	Separado (legalmente casado)	30	1,3	1,3	63,0
Mode		1	Divorciado	77	3,5	3,5	66,4
			Viúvo	199	9,0	9,0	75,4
			Nunca casou ou viveu em união de facto	546	24,6	24,6	100,0
			Total	2220	99,9	100,0	
			Missing Recusa	2	,1		
			Total	2222	100,0		

Quadros 3.5. Rendimento total do agregado familiar

			Rendimento total do agregado familiar, todas as fontes				
			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
Valid	J		33	1,5	2,9	2,9	
	R		72	3,3	6,5	9,4	
	C		181	8,1	16,1	25,5	
	M		300	13,5	26,7	52,2	
	F		193	8,7	17,2	69,4	
	S		145	6,5	12,9	82,3	
	K		78	3,5	7,0	89,3	
	P		46	2,1	4,1	93,4	
	D		35	1,6	3,1	96,6	
	H		17	,8	1,5	98,1	
	U		13	,6	1,2	99,3	
	N		8	,4	,7	100,0	
	Total			1121	50,5	100,0	
	Missing	Refusal		621	27,9		
Don't know			480	21,6			
Total			1101	49,5			
Total			2222	100,0			

Statistics		
Rendimento total do agregado familiar, todas as fontes		
N	Valid	1121
	Missing	1101
Mean		4,82
Median		4,00

Quadro 3.5.1. Categorias da variável “Rendimento total do agregado familiar”

YOUR HOUSEHOLD INCOME ¹				
	Approximate WEEKLY	Approximate MONTHLY	Approximate ANNUAL	
J	Less than €40	Less than €150	Less than €1800	J
R	€40 to under €70	€150 to under €300	€1800 to under €3600	R
C	€70 to under €120	€300 to under €500	€3600 to under €6000	C
M	€120 to under €230	€500 to under €1000	€6000 to under €12000	M
F	€230 to under €350	€1000 to under €1500	€12000 to under €18000	F
S	€350 to under €460	€1500 to under €2000	€18000 to under €24000	S
K	€460 to under €580	€2000 to under €2500	€24000 to under €30000	K
P	€580 to under €690	€2500 to under €3000	€30000 to under €36000	P
D	€690 to under €1150	€3000 to under €5000	€36000 to under €60000	D
H	€1150 to under €1730	€5000 to under €7500	€60000 to under €90000	H
U	€1730 to under €2310	€7500 to under €10000	€90000 to under €120000	U
N	€2310 or more	€10000 or more	€120000 or more	N

Quadros 3.6. Situação laboral

		Principal actividade nos últimos 7 dias			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Trabalho pago	1074	48,3	48,4	48,4
	Educação	194	8,7	8,7	57,1
	Desemprego, à procura de emprego	87	3,9	3,9	61,0
	Desempregado, não procura emprego	53	2,4	2,4	63,4
	Doença ou incapacidade permanente	34	1,5	1,5	64,9
	Reformado	544	24,5	24,5	89,4
	Serviço comunitário ou militar	1	,1	,1	89,5
	Trabalhos domésticos	211	9,5	9,5	99,0
	Outro	23	1,0	1,0	100,0
	Total	2221	99,9	100,0	
Missing	Recusa	1	,1		
Total		2222	100,0		

Statistics		
Principal actividade nos últimos 7 dias		
N	Valid	2221
	Missing	1
Mode		1

Quadros 3.7. Habilitações literárias

		Habilitações literárias			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nenhum	250	11,3	11,3	11,3
	1 ciclo	778	35,0	35,1	46,3
	2 ciclo	282	12,7	12,7	59,1
	3 ciclo	331	14,9	14,9	74,0
	Secundario	352	15,9	15,9	89,8
	Superior politecnico	33	1,5	1,5	91,4
	Superior univ ersitario	170	7,7	7,7	99,0
	Pós-graduação	9	,4	,4	99,4
	Mestrado	9	,4	,4	99,8
	Doutoramento	4	,2	,2	100,0
	Total	2219	99,9	100,0	
Missing	Don't know	3	,1		
Total		2222	100,0		

Statistics		
Habilitações literárias		
N	Valid	2219
	Missing	3
Mean		3,30
Median		3,00
Std. Deviation		1,787
Minimum		1
Maximum		10

ANEXO C: Caracterização da população em Florescimento: Factores discriminatórios

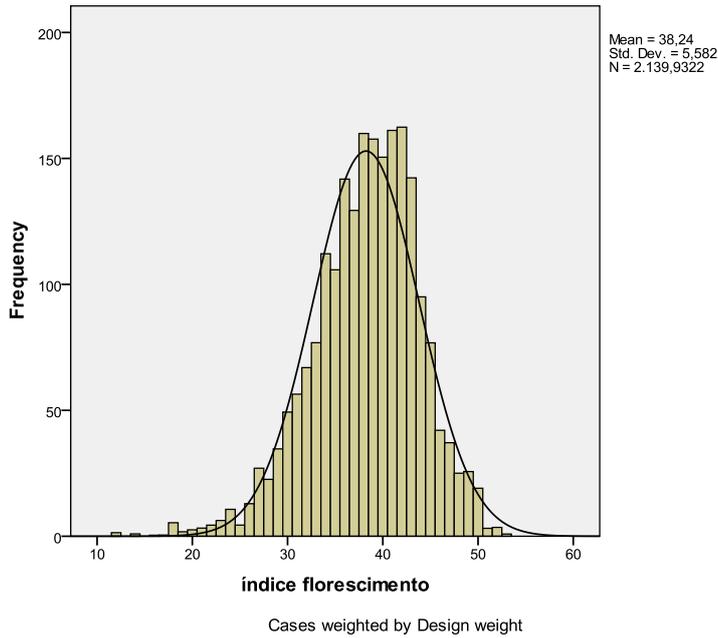
Quadros 3.8. Alpha de Cronbach da escala de Florescimento Humano

Item Statistics				Scale Statistics			
	Mean	Std. Deviation	N	Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
How happy are you	6,56	1,787	2139,9322	38,24	31,157	5,582	10
Had lot of energy, how often past week	2,50	,898	2139,9322				
Felt calm and peaceful, how often past week	2,53	,830	2139,9322				
When things go wrong in my life it takes a long time to get back to normal	3,18	1,040	2139,9322				
Always optimistic about my future_r	3,55	,938	2139,9322				
In general feel very positive about myself_r	3,91	,800	2139,9322				
Love learning new things_r	4,06	,809	2139,9322				
Feel accomplishment from what I do_r	3,66	,871	2139,9322				
Feel what I do in life is valuable and worthwhile_r	4,00	,728	2139,9322				
There are people in my life who care about me_r	4,30	,746	2139,9322				

Reliability Statistics			
Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items	
,762	,785	10	

Item-Total Statistics					
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
How happy are you	31,68	20,355	,472	,234	,761
Had lot of energy, how often past week	35,74	25,700	,511	,377	,732
Felt calm and peaceful, how often past week	35,70	26,875	,418	,318	,744
When things go wrong in my life it takes a long time to get back to normal	35,06	26,277	,356	,139	,752
Always optimistic about my future_r	34,69	25,614	,491	,304	,734
In general feel very positive about myself_r	34,33	26,323	,511	,327	,734
Love learning new things_r	34,18	26,821	,439	,233	,742
Feel accomplishment from what I do_r	34,58	25,986	,497	,281	,734
Feel what I do in life is valuable and worthwhile_r	34,24	26,581	,539	,352	,733
There are people in my life who care about me_r	33,93	28,512	,262	,167	,761

Figura 3.14. Distribuição da Escala de Florescimento Humano



Quadro 3.9. Distribuição dos indivíduos na Escala de Florescimento Humano

índice florescimento					
Count	Maximum	Minimum	Mean	Median	Standard Deviation
2222	53	12	38	39	6

Quadro 3.10. Florescimento Humano e Género: correlações

Measures of Association		
	Eta	Eta Squared
índice florescimento * Género	,179	,032

Quadro 3.10.1. Florescimento Humano segundo o Género

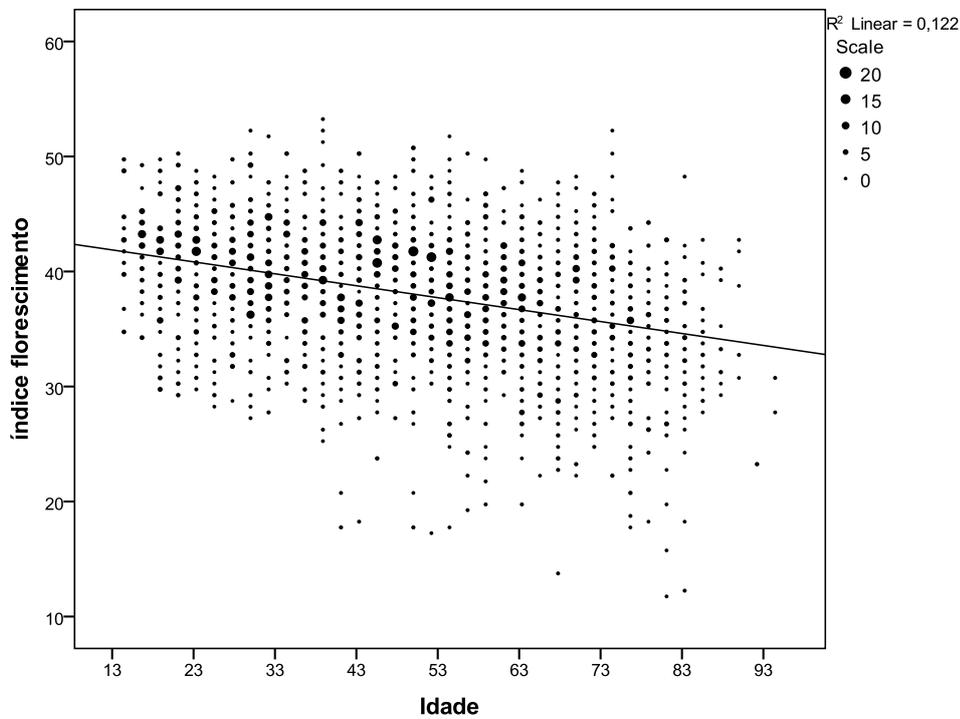
Report			
índice florescimento			
Género	Mean	N	Std. Deviation
Masculino	39,43	884	5,003
Feminino	37,40	1256	5,813
Total	38,24	2140	5,582

Quadro 3.11. Florescimento Humano e Idade (variável contínua): correlações

Correlations			
		índice florescimento	Age of respondent, calculated
índice florescimento	Pearson Correlation	1	-,350**
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	2140	2140
Age of respondent, calculated	Pearson Correlation	-,350**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	2140	2222

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Figura 3.15. Florescimento Humano segundo a Idade (variável contínua)



Quadro 3.12. Florescimento Humano segundo a Idade

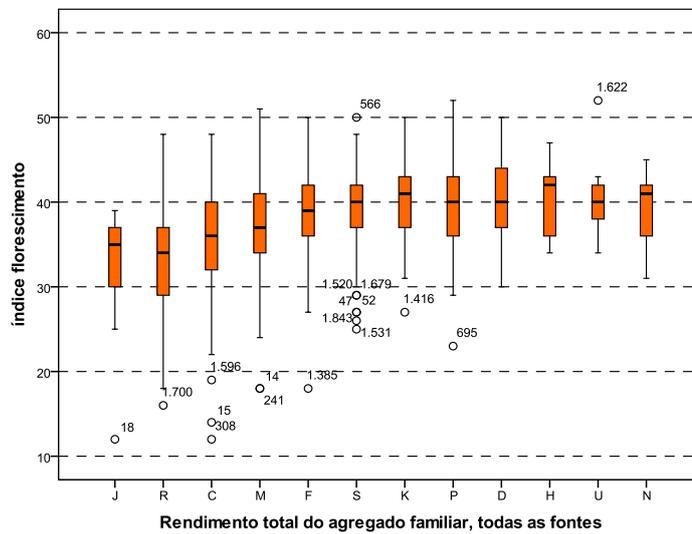
		índice florescimento			
		Count	Mean	Median	Standard Deviation
age2_r	<25	314	41	42	5
	25-40	514	40	40	5
	40-55	554	39	39	5
	55-70	506	37	37	6
	>70	334	35	35	6

Quadro 3.13. Florescimento Humano e Rendimento total do agregado familiar: correlações

Correlations				
	índice florescimento		índice florescimento	Rendimento total do agregado familiar, todas as fontes
Spearman's rho	índice florescimento	Correlation Coefficient	1,000	,329**
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	2040	1024
	Rendimento total do agregado familiar, todas as fontes	Correlation Coefficient	,329**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	1024	1060

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Figura 3.16. Florescimento Humano segundo o Rendimento total do agregado familiar



Quadro 3.13.1 Florescimento Humano segundo o Rendimento total do agregado familiar

		índice florescimento					
		Count	Maximum	Minimum	Mean	Median	Standard Deviation
Rendimento total do agregado familiar, todas as fontes	J	33	39	12	33	35	5
	R	72	48	16	33	34	6
	C	181	48	12	36	36	6
	M	300	51	18	37	37	5
	F	193	50	18	39	39	5
	S	145	50	25	40	40	5
	K	78	50	27	40	41	4
	P	46	52	23	39	40	5
	D	35	50	30	40	40	5
	H	17	47	34	41	42	4
	U	13	52	34	40	40	4
N	8	45	31	39	41	5	

Quadro 3.14. Florescimento Humano segundo o Rendimento total do agregado familiar (apenas Desempregados, à procura de emprego seleccionados)

		índice florescimento	
		Count	Mean
Rendimento total do agregado familiar, todas as fontes	J	1	37
	R	2	33
	C	13	36
	M	17	39
	F	6	37
	S	3	37
	K	2	35
	P	2	35
	D	0	.
	H	0	.
	U	1	37
	N	0	.

Quadro 3.15. Florescimento Humano segundo o Rendimento total do agregado familiar (apenas Desempregados, não procura emprego seleccionados)

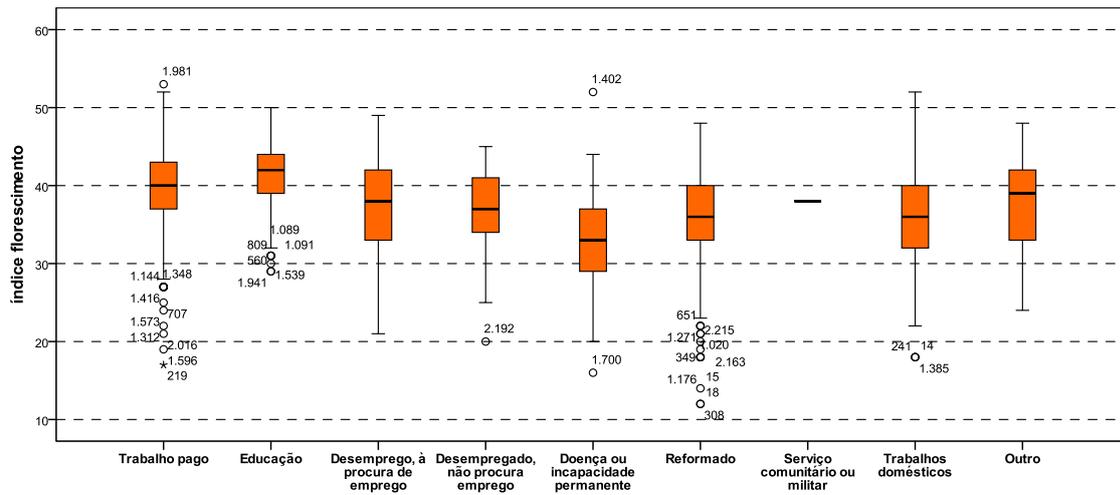
		índice florescimento	
		Count	Mean
Rendimento total do agregado familiar, todas as fontes	J	0	.
	R	3	26
	C	7	39
	M	8	36
	F	4	37
	S	1	28
	K	1	41
	P	0	40
	D	0	.
	H	0	.
	U	0	.
	N	2	36

Quadro 3.16. Florescimento Humano e Situação laboral: correlações

Measures of Association

	Eta	Eta Squared
índice florescimento * Principal actividade nos últimos 7 dias	,379	,144

Figura 3.17. Florescimento Humano segundo a Situação laboral



Quadro 3.16.1. Florescimento Humano segundo a Situação laboral

Report

índice florescimento			
Principal actividade ...	Mean	N	Std. Deviation
Trabalho pago	39,64	1046	4,735
Educação	41,46	193	4,447
Desemprego, à procura de emprego	37,36	81	5,458
Desempregado, não procura emprego	36,35	53	5,596
Doença ou incapacidade permanente	32,38	33	6,372
Reformado	35,80	505	5,755
Serviço comunitário ou militar	38,00	1	,000
Trabalhos domésticos	35,89	205	5,936
Outro	37,77	23	5,542
Total	38,24	2139	5,582

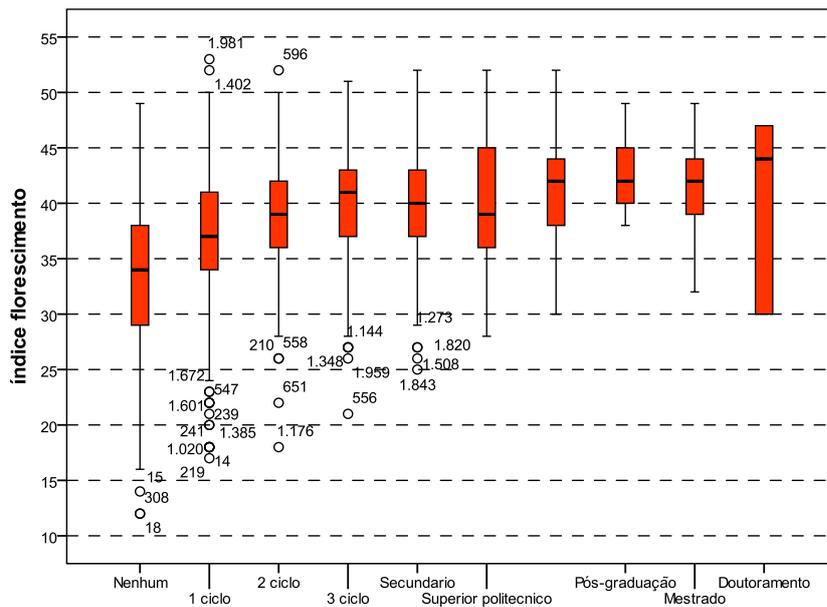
Quadro 3.17. Florescimento Humano e Habilitações Literárias: correlações

Correlations

		Habilitações literárias	índice florescimento
Spearman's rho	Habilitações literárias	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	,345**
		N	,000
índice florescimento	Habilitações literárias	Correlation Coefficient	2108
		Sig. (2-tailed)	2037
		N	,000
		Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	,345**
		N	,000
		Correlation Coefficient	2037
		Sig. (2-tailed)	2040
		N	,000

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Figura 3.18. Florescimento Humano segundo as Habilitações Literárias



Quadro 3.17.1. Florescimento Humano segundo as Habilitações Literárias

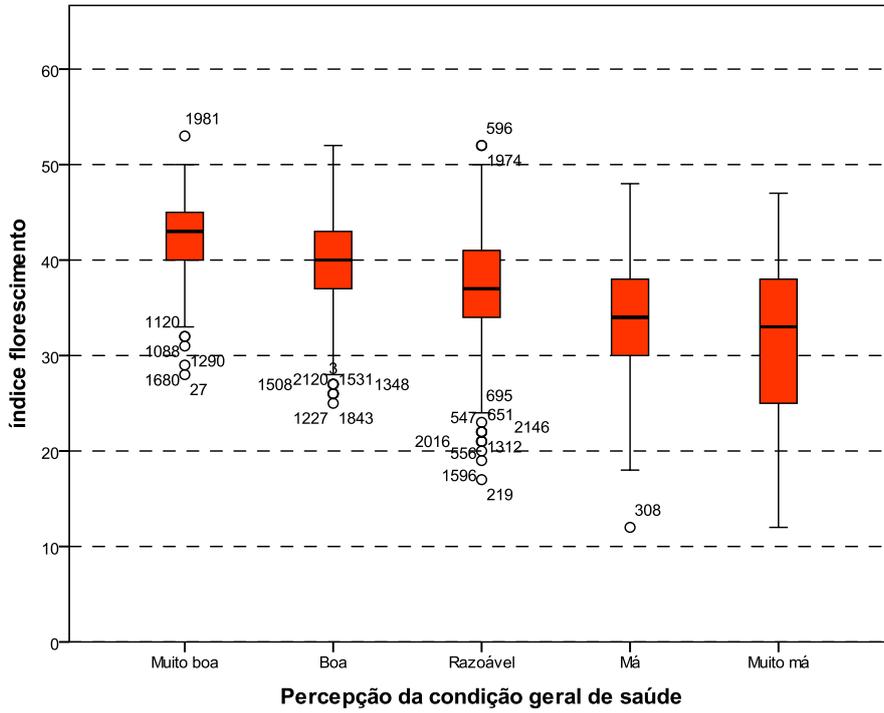
		índice florescimento					
		Count	Maximum	Minimum	Mean	Median	Standard Deviation
Habilitações literárias	Nenhum	250	49	12	33	34	6
	1 ciclo	778	53	17	37	37	5
	2 ciclo	282	52	18	39	39	5
	3 ciclo	331	51	21	40	41	5
	Secundario	352	52	25	40	40	5
	Superior politecnico	33	52	28	40	39	6
	Superior univ ersitario	170	52	30	41	42	5
	Pós-graduação	9	49	38	43	42	3
	Mestrado	9	49	32	42	42	5
	Doutoramento	4	47	30	40	44	9

Quadro 3.18. Florescimento Humano e Percepções da condição geral de saúde: correlações

Correlations				
		índice florescimento		Percepção da condição geral de saúde
Spearman's rho	índice florescimento	Correlation Coefficient	1,000	-,383**
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	2040	2038
	Percepção da condição geral de saúde	Correlation Coefficient	-,383**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	2038	2109

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Figura 3.19. Florescimento Humano segundo as Percepções da condição geral de saúde



Quadro 3.18.1. Florescimento Humano segundo as Percepções da condição geral de Saúde

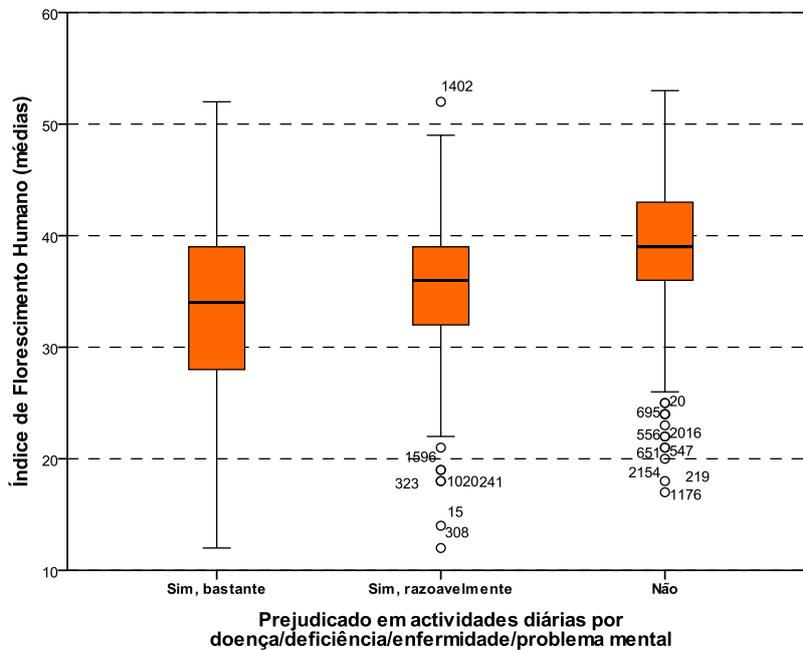
		índice florescimento					
		Count	Maximum	Minimum	Mean	Median	Standard Deviation
Percepção da condição geral de saúde	Muito boa	168	53	28	43	43	4
	Boa	880	52	25	40	40	5
	Razoável	872	52	17	37	37	5
	Má	228	48	12	34	34	6
	Muito má	72	47	12	32	33	8

Quadro 3.19. Florescimento Humano e Percepções de prejuízo por doença, deficiência, enfermidade ou problemas mentais: correlações

Correlations				
	índice florescimento		índice florescimento	Prejudicado em actividades diárias por doença/deficiência/enfermidade/problema mental
Spearman's rho	índice florescimento	Correlation Coefficient	1,000	,242**
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	2040	2030
Prejudicado em actividades diárias por doença/deficiência/enfermidade/problema mental		Correlation Coefficient	,242**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	2030	2101

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Figura 3.20. Florescimento Humano segundo as Percepções de prejuízo por doença, deficiência, enfermidade ou problemas mentais



Quadro 3.19.1. Florescimento Humano segundo as Percepções de prejuízo por doença, deficiência, enfermidade ou problemas mentais

		índice florescimento					
		Count	Maximum	Minimum	Mean	Median	Standard Deviation
Prejudicado em actividades diárias por doença/deficiência/enfermidade/problema mental	Sim, bastante	127	52	12	33	34	7
	Sim, razoavelmente	344	52	12	36	36	6
	Não	1741	53	17	39	39	5

ANEXO D: Constituição e distribuição dos indicadores de *Empowerment*

Quadro 3.20. Nível médio de concordância com os indicadores de Empowerment

Descriptive Statistics			
	Mean	Std. Deviation	Analysis N
TV watching, news/politics/current affairs on average weekday	2,52	1,708	804
Radio listening, news/politics/current affairs on average weekday	1,51	1,377	804
Newspaper reading, politics/current affairs on average weekday	1,36	1,110	804
How interested in politics_r	,35	,871	804
Politics too complicated to understand_r	3,09	1,056	804
Making mind up about political issues	2,87	1,032	804
Involved in work for voluntary or charitable organisations, how often past 12 months_r	1,85	1,291	804
Help others not counting family/work/voluntary organisations, how often past 12 months_r	2,12	1,488	804
Help or attend activities organised in local area, how often past 12 months_r	1,71	1,201	804
Feel people in local area help one another	3,39	1,405	804
Feel close to the people in local area_r	3,74	,864	804

Quadro 3.21. Teste de KMO e Bartlett

KMO and Bartlett's Test		
Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy		,665
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	1571,959
	df	55
	Sig.	,000

Quadro 3.22. *Comunalidades*

Communalities		
	Initial	Extraction
TV watching, news/politics/current affairs on average weekday	1,000	,615
Radio listening, news/politics/current affairs on average weekday	1,000	,545
Newspaper reading, politics/current affairs on average weekday	1,000	,584
How interested in politics_r	1,000	,517
Politics too complicated to understand_r	1,000	,669
Making mind up about political issues	1,000	,645
Involved in work for voluntary or charitable organisations, how often past 12 months_r	1,000	,729
Help others not counting family/work/voluntary organisations, how often past 12 months_r	1,000	,739
Help or attend activities organised in local area, how often past 12 months_r	1,000	,694
Feel people in local area help one another	1,000	,626
Feel close to the people in local area_r	1,000	,612

Extraction Method: Principal Component Analysis.

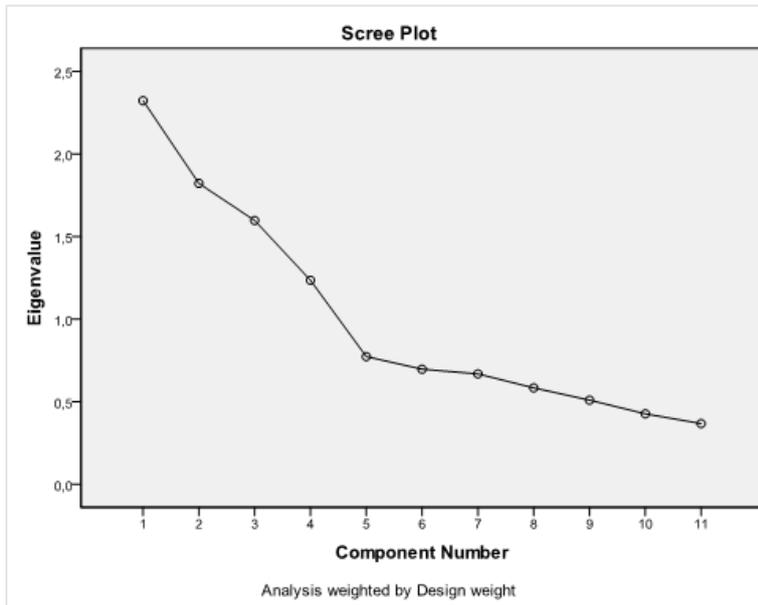
Quadro 3.23. *Total de variância explicada*

Total Variance Explained							
Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings ^a
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total
1	2,322	21,108	21,108	2,322	21,108	21,108	2,190
2	1,821	16,559	37,667	1,821	16,559	37,667	1,848
3	1,597	14,516	52,183	1,597	14,516	52,183	1,790
4	1,235	11,228	63,412	1,235	11,228	63,412	1,261
5	,773	7,029	70,441				
6	,696	6,331	76,772				
7	,668	6,073	82,845				
8	,584	5,307	88,152				
9	,509	4,630	92,782				
10	,427	3,880	96,662				
11	,367	3,338	100,000				

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. When components are correlated, sums of squared loadings cannot be added to obtain a total variance.

Figura 3.21. Scree Plot



Quadro 3.24. Matriz de Componentes principais rodada (método Promax)

Pattern Matrix^a

	Component			
	1	2	3	4
TV watching, news/politics/current affairs on average weekday	-,022	-,117	,787	,023
Radio listening, news/politics/current affairs on average weekday	-,008	-,051	,742	-,023
Newspaper reading, politics/current affairs on average weekday	,021	,195	,719	-,017
How interested in politics_r	,070	,671	,177	,091
Politics too complicated to understand_r	-,002	,818	-,125	-,021
Making mind up about political issues	-,064	,800	-,027	-,062
Involved in work for voluntary or charitable organisations, how often past 12 months_r	,853	-,055	,023	-,024
Help others not counting family/work/voluntary organisations, how often past 12 months_r	,854	-,024	,033	-,079
Help or attend activities organised in local area, how often past 12 months_r	,825	,072	-,070	,095
Feel people in local area help one another	-,076	,002	,038	,789
Feel close to the people in local area_r	,066	-,012	-,053	,776

Extraction Method: Principal Component Analysis.
 Rotation Method: Promax with Kaiser Normalization.

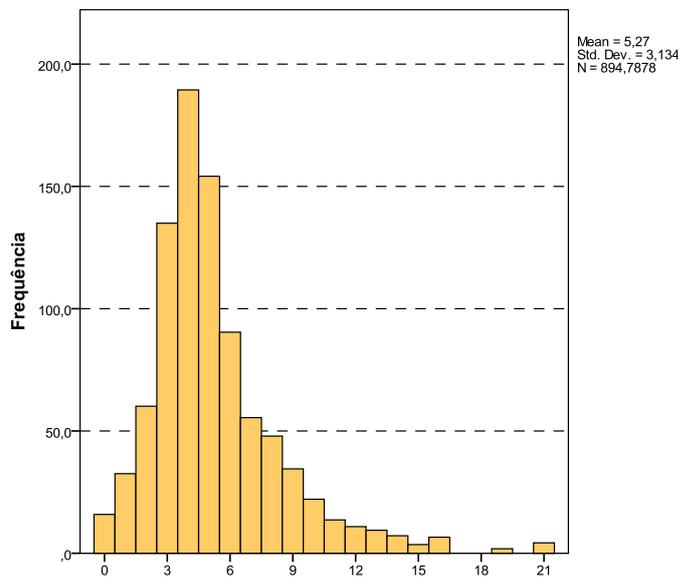
a. Rotation converged in 4 iterations.

Quadros 3.25. Alpha de Cronbach do Índice de Consumo de informação política e da actualidade pelos media

Reliability Statistics		
Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,600	,612	3

Item-Total Statistics					
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
TV watching, news/politics/current affairs on average weekday	2,82	4,048	,441	,196	,473
Radio listening, news/politics/current affairs on average weekday	3,81	5,413	,406	,165	,504
Newspaper reading, politics/current affairs on average weekday	3,92	6,253	,415	,173	,515

Figura 3.22. Índice de Consumo de informação política e da actualidade pelos media

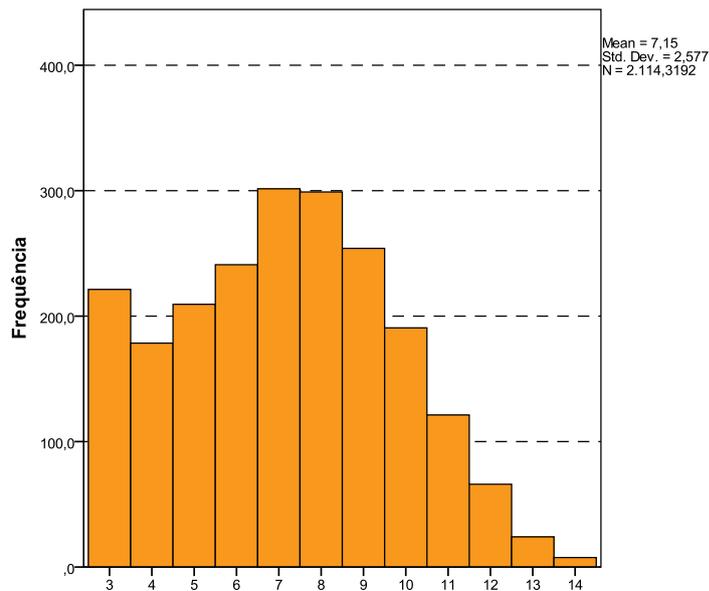


Quadros 3.26. Alpha de Cronbach do Índice de Percepção de interesse e compreensão da realidade política

Reliability Statistics		
Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,742	,743	3

Item-Total Statistics					
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
How interested in politics_r	5,17	3,977	,512	,263	,723
Politics too complicated to understand_r	2,48	2,834	,619	,386	,597
Making mind up about political issues	2,64	3,190	,591	,357	,628

Figura 3.23. Índice de Percepção de interesse e compreensão da realidade política



Quadros 3.27. Alpha de Cronbach do Índice de Participação e acção em actos políticos

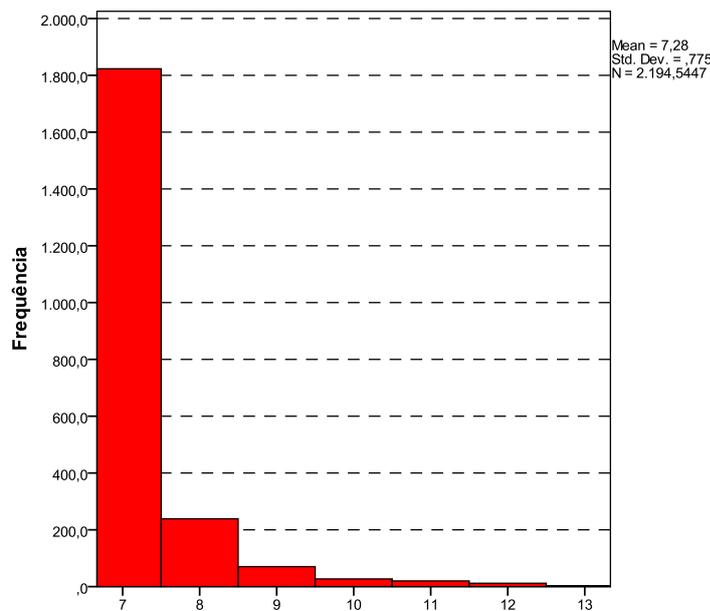
Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,646	,667	7

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Boicotou certos produtos nos últimos 12 meses	6,26	,527	,244	,081	,639
Participou em manifestações públicas lícitas nos últimos 12 meses	6,25	,470	,429	,224	,591
Assinou uma petição nos últimos 12 meses	6,23	,445	,390	,172	,599
Usou crachás/etiquetas de campanha nos últimos 12 meses	6,24	,455	,366	,190	,607
Trabalhou noutra organização ou associação nos últimos 12 meses	6,24	,451	,428	,212	,588
Trabalhou em partidos políticos ou grupos de acção nos últimos 12 meses	6,27	,508	,428	,210	,604
Contactou políticos ou outros agentes oficiais do governo	6,20	,416	,312	,121	,642

Figura 3.24. Índice de participação em actos cívicos e políticos

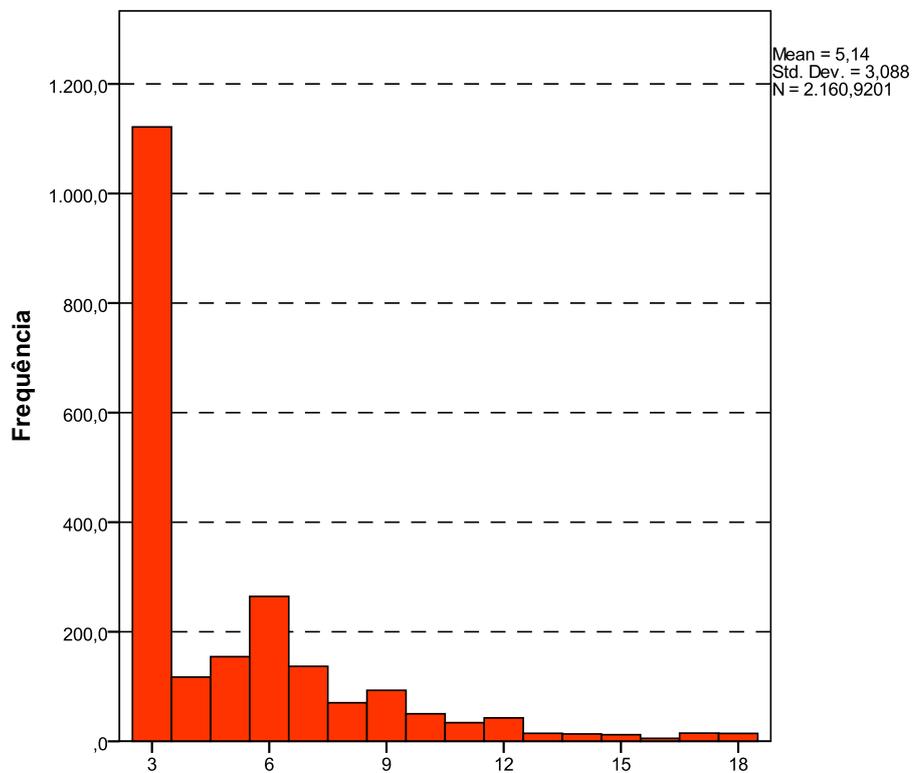


Quadros 3.28. Alpha de Cronbach do Índice de Participação comunitária em benefício de outros cidadãos

Reliability Statistics					
Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items			
,774	,783	3			

Item-Total Statistics					
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Involved in work for voluntary or charitable organisations, how often past 12 months_r	3,47	4,737	,647	,423	,654
Help others not counting family/work/voluntary organisations, how often past 12 months_r	3,23	4,030	,602	,363	,725
Help or attend activities organised in local area, how often past 12 months_r	3,59	5,383	,607	,378	,708

Figura 3.25. Índice de Participação comunitária em benefício de outros cidadãos



Quadro 3.29. Coeficiente de correlação do Índice de Percepção de integração local

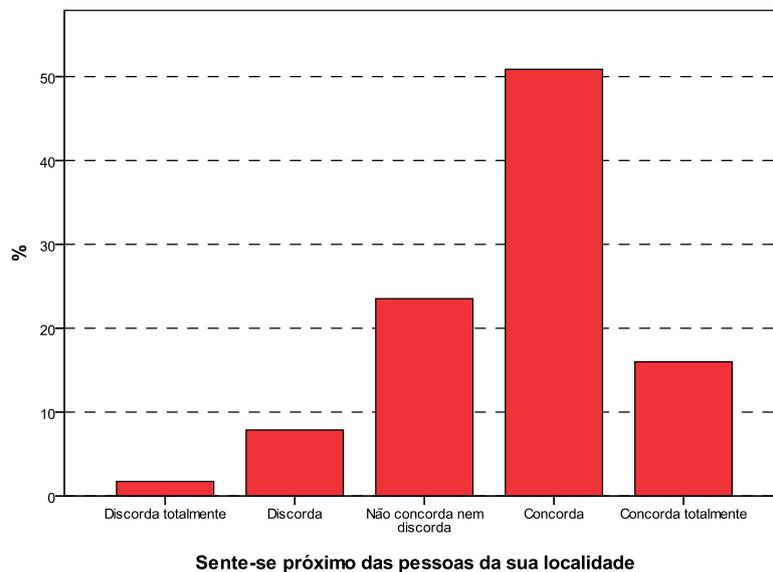
Correlations			Feel close to the people in local area_r	Feel people in local area help one another
Spearman's rho	Feel close to the people in local area_r	Correlation Coefficient	1,000	,335**
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	2100	2017
	Feel people in local area help one another	Correlation Coefficient	,335**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	2017	2027

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Quadro 3.29.1. Distribuição da percepção de proximidade às pessoas da localidade

Sente-se próximo das pessoas da sua localidade					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discorda totalmente	38	1,7	1,7	1,7
	Discorda	174	7,8	7,9	9,6
	Não concorda nem discorda	520	23,4	23,5	33,1
	Concorda	1124	50,6	50,9	84,0
	Concorda totalmente	353	15,9	16,0	100,0
Total		2210	99,5	100,0	
Missing	System	12	,5		
Total		2222	100,0		

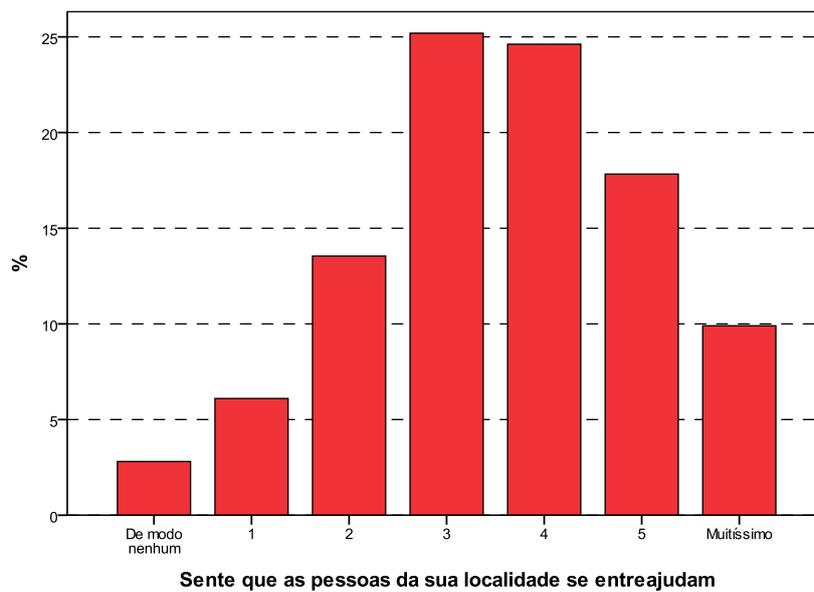
Figura 3.26. Proximidade às pessoas da localidade



Quadro 3.29.2. Distribuição da Percepção de entreaajuda local

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	De modo nenhum	60	2,7	2,8	2,8
	1	130	5,9	6,1	8,9
	2	289	13,0	13,5	22,5
	3	537	24,2	25,2	47,7
	4	525	23,6	24,6	72,3
	5	380	17,1	17,8	90,1
	Muitíssimo	211	9,5	9,9	100,0
	Total	2133	96,0	100,0	
Missing	Refusal	1	,1		
	Don't know	87	3,9		
	Total	89	4,0		
Total		2222	100,0		

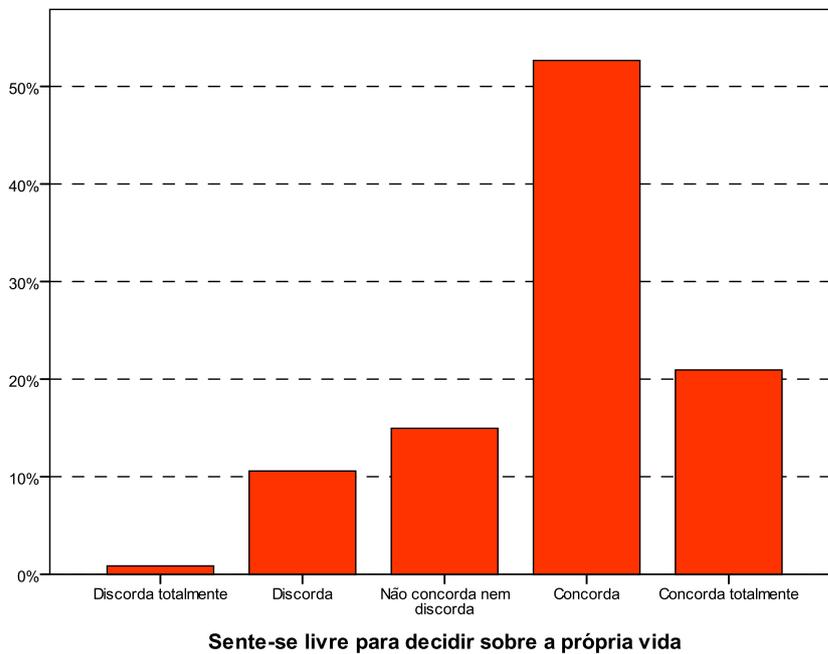
Figura 3.27. Percepção de entreaajuda local



Quadro 3.30. Distribuição da Percepção de liberdade para decidir sobre a própria vida

Sente-se livre para decidir sobre a própria vida					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discorda totalmente	19	,9	,9	,9
	Discorda	235	10,6	10,6	11,4
	Não concorda nem discorda	332	14,9	15,0	26,4
	Concorda	1167	52,5	52,7	79,1
	Concorda totalmente	464	20,9	20,9	100,0
	Total	2217	99,8	100,0	
Missing	System	5	,2		
	Total	2222	100,0		

Figura 3.28. Percepção de liberdade para decidir sobre a própria vida

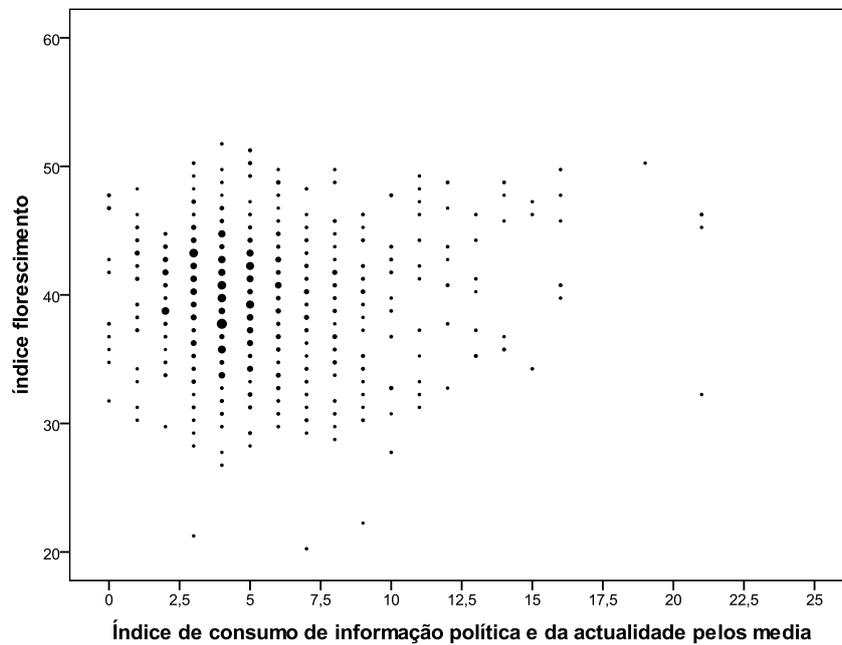


ANEXO E: Florescimento Humano e *Empowerment*: análise da amostra portuguesa do ESS/R3

Quadro 3.31. Consumo de informação política e da actualidade pelos media e Florescimento Humano: Correlações

Correlations			
		Índice de consumo de informação política e da actualidade pelos media	índice florescimento
Índice de consumo de informação política e da actualidade pelos media	Pearson Correlation	1	,021
	Sig. (2-tailed)		,541
	N	895	876
índice florescimento	Pearson Correlation	,021	1
	Sig. (2-tailed)	,541	
	N	876	2140

Figura 3.29. Florescimento Humano segundo o Consumo de informação política e da actualidade pelos media



Quadro 3.31.1. Distribuição do Florescimento Humano médio segundo o Consumo de informação política e da actualidade pelos media

Report

índice florescimento			
Índice de consumo ...	Mean	N	Std. Deviation
0	41,95	16	5,444
1	40,44	32	4,200
2	40,09	60	3,204
3	39,94	131	4,671
4	39,65	185	4,372
5	39,50	150	4,741
6	39,83	89	4,797
7	38,07	53	5,315
8	39,14	48	4,864
9	38,14	34	5,074
10	39,48	22	5,788
11	40,64	14	6,046
12	42,76	11	4,896
13	39,48	9	4,309
14	41,89	7	6,501
15	41,34	4	7,206
16	44,09	7	4,275
19	50,00	1	,000
21	42,67	4	6,534
Total	39,74	876	4,747

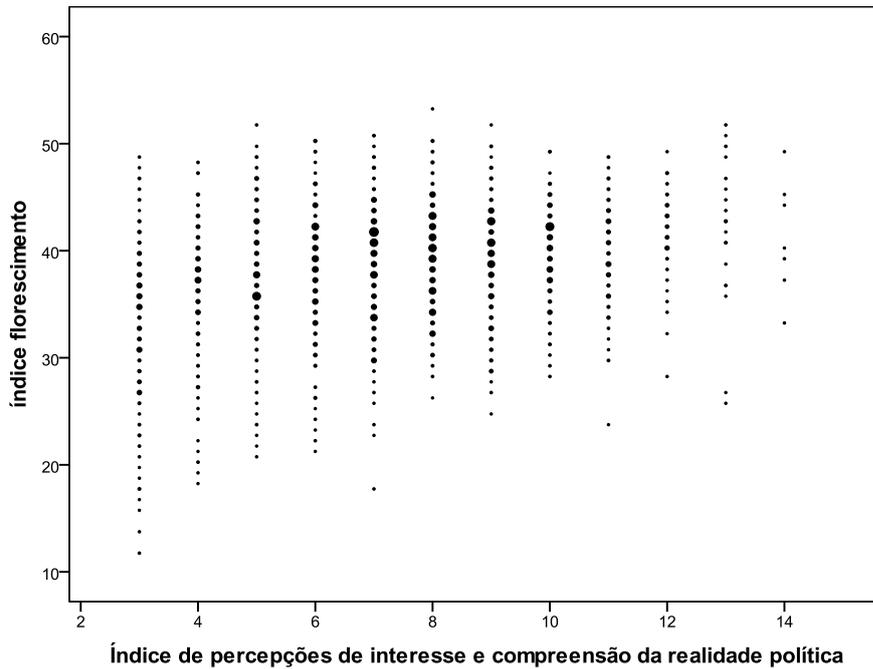
Quadro 3.32. Percepções de interesse e compreensão da realidade política e Florescimento Humano: Correlações

Correlations

		Índice de percepções de interesse e compreensão da realidade política	índice florescimento
Índice de percepções de interesse e compreensão da realidade política	Pearson Correlation	1	,290**
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	2114	2043
índice florescimento	Pearson Correlation	,290**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	2043	2140

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Figura 3.30. Florescimento Humano segundo as Percepções de interesse e compreensão da realidade política



Quadro 3.32.1. Distribuição do Florescimento Humano médio segundo as Percepções de interesse e compreensão da realidade política

Report

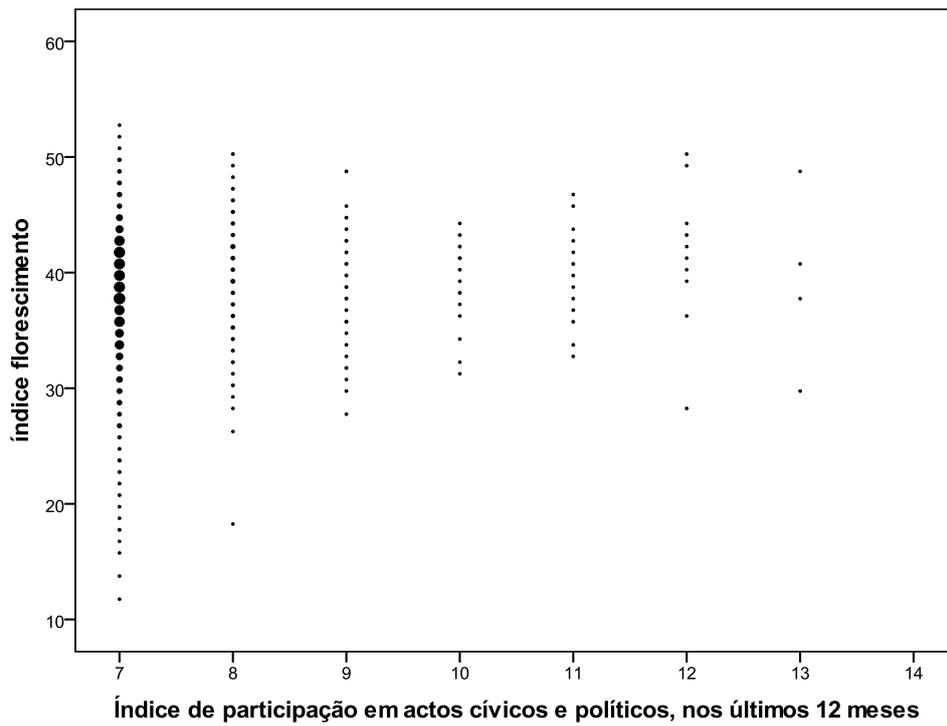
índice florescimento			
Índice de percepçõ...	Mean	N	Std. Deviation
3	33,86	195	6,870
4	36,29	164	5,791
5	38,39	207	5,587
6	37,90	238	5,569
7	38,55	292	5,352
8	38,97	296	4,797
9	39,06	249	4,942
10	39,39	191	4,201
11	40,12	120	4,342
12	41,62	63	3,599
13	42,80	24	5,961
14	41,01	6	5,542
Total	38,27	2043	5,582

Quadro 3.33. Participação em actos cívicos e políticos, nos últimos 12 meses e Florescimento Humano: correlações

Correlations				
		índice florescimento	Índice de participação em actos cívicos e políticos, nos últimos 12 meses	
índice florescimento	Pearson Correlation	1	,101**	
	Sig. (2-tailed)		,000	
	N	2140	2114	
Índice de participação em actos cívicos e políticos, nos últimos 12 meses	Pearson Correlation	,101**	1	
	Sig. (2-tailed)	,000		
	N	2114	2195	

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Figura 3.31. Florescimento Humano segundo a Participação em actos cívicos e políticos, nos últimos 12 meses



Quadro 3.33.1. Distribuição do Florescimento Humano médio segundo a Participação em actos cívicos e políticos

Report

índice florescimento			
Índice de participaç...	Mean	N	Std. Deviation
7	37,95	1753	5,703
8	39,52	229	4,827
9	38,90	70	4,850
10	39,74	27	3,211
11	40,05	20	3,836
12	42,53	12	6,070
13	39,25	3	8,952
Total	38,22	2114	5,586

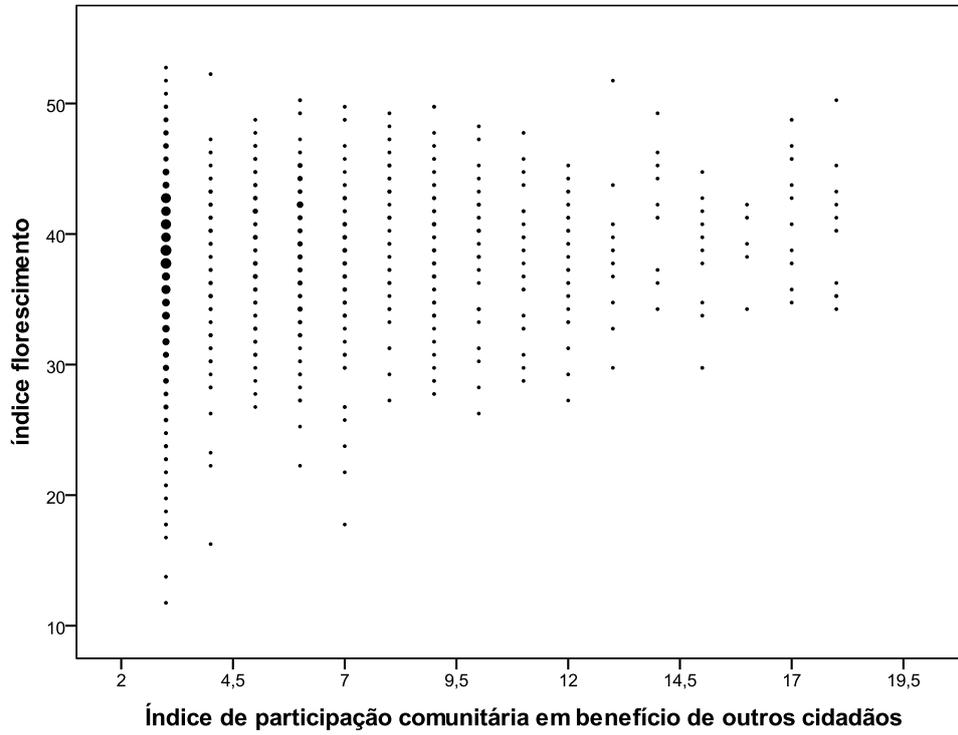
Quadro 3.34. Participação comunitária em benefício de outros cidadãos e Florescimento Humano: correlações

Correlations

		Índice de participação comunitária em benefício de outros cidadãos	índice florescimento
Índice de participação comunitária em benefício de outros cidadãos	Pearson Correlation	1	,080**
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	2161	2086
índice florescimento	Pearson Correlation	,080**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	2086	2140

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Figura 3.32. Participação comunitária em benefício de outros cidadãos segundo o Florescimento Humano



Quadro 3.34.1. Distribuição do Florescimento Humano médio segundo a Participação comunitária em benefício de outros cidadãos

Report

Índice de participaç...	Mean	N	Std. Deviation
3	37,84	1078	6,110
4	37,46	113	5,539
5	39,07	150	4,416
6	38,77	257	4,937
7	37,87	131	5,015
8	39,49	68	5,172
9	38,86	92	4,872
10	39,03	48	4,308
11	38,51	34	4,835
12	38,21	42	4,089
13	38,53	15	4,190
14	40,52	13	4,748
15	38,12	12	4,888
16	39,53	5	2,879
17	42,37	15	4,655
18	38,74	14	4,531
Total	38,23	2086	5,568

Quadro 3.35. *Percepção de proximidade às pessoas da localidade e Florescimento Humano: correlações*

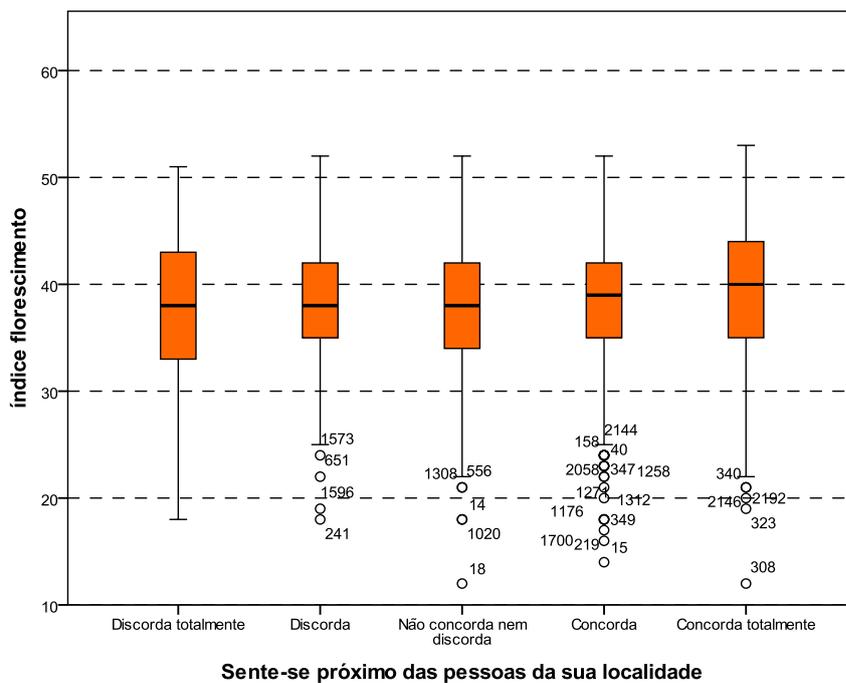
Correlations				
			índice florescimento	Sente-se próximo das pessoas da sua localidade
Spearman's rho	índice florescimento	Correlation Coefficient	1,000	,086**
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	2040	2036
	Sente-se próximo das pessoas da sua localidade	Correlation Coefficient	,086**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	2036	2100

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlations				
			índice florescimento	Sente-se próximo das pessoas da sua localidade
índice florescimento	Pearson Correlation	1		,054*
		Sig. (2-tailed)		,012
		N	2140	2136
Sente-se próximo das pessoas da sua localidade	Pearson Correlation	,054*		1
		Sig. (2-tailed)	,012	
		N	2136	2210

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Figura 3.33. *Percepção de proximidade às pessoas da localidade segundo o Florescimento Humano*



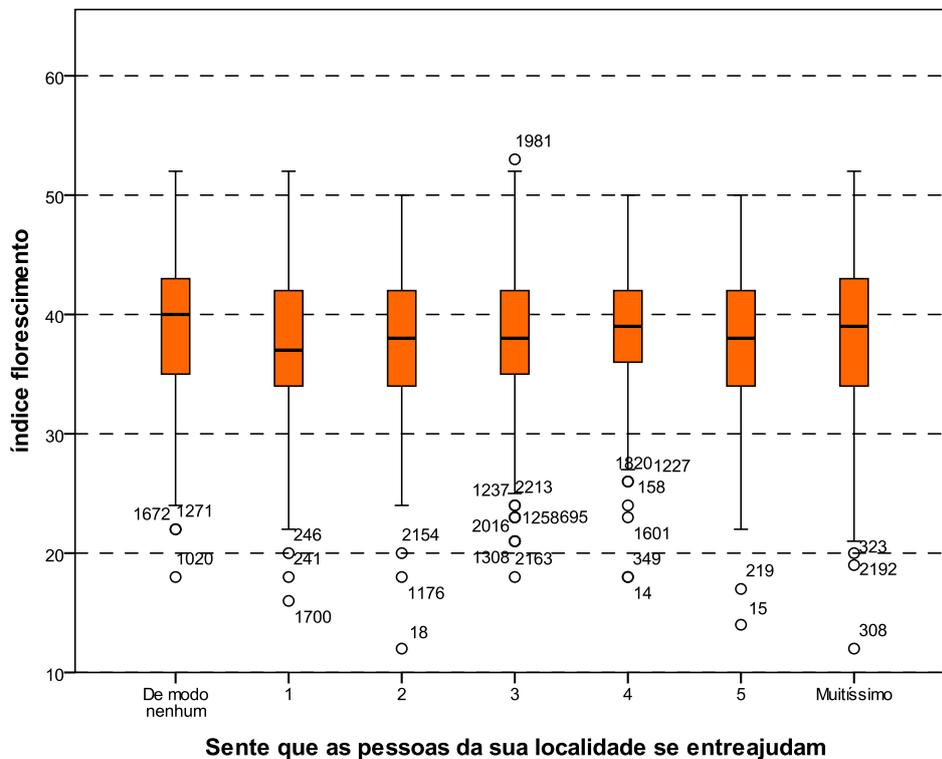
Quadro 3.35.1. Florescimento Humano segundo a Percepção de proximidade às pessoas da localidade

		índice florescimento					
		Count	Maximum	Minimum	Mean	Median	Standard Deviation
Sente-se próximo das pessoas da sua localidade	Discorda totalmente	38	51	18	38	38	8
	Discorda	174	52	18	38	38	5
	Não concorda nem discorda	520	52	12	38	38	6
	Concorda	1124	52	14	38	39	5
	Concorda totalmente	353	53	12	39	40	7

Quadro 3.36. Percepção de entreaajuda local e Florescimento Humano: Correlações

Correlations			
		índice florescimento	Sente que as pessoas da sua localidade se entreaajudam
índice florescimento	Pearson Correlation	1	,041
	Sig. (2-tailed)		,063
	N	2140	2074
Sente que as pessoas da sua localidade se entreaajudam	Pearson Correlation	,041	1
	Sig. (2-tailed)	,063	
	N	2074	2133

Figura 3.34. Percepção de entreaajuda local segundo o Florescimento Humano



Quadro 3.36.1 Florescimento Humano segundo a Percepção de entreatajuda local

		índice florescimento				
		Count	Maximum	Minimum	Mean	Standard Deviation
Sente que as pessoas da sua localidade se entreatajudam	De modo nenhum	60	52	18	38	7
	1	130	52	16	37	6
	2	289	50	12	37	6
	3	537	53	18	38	6
	4	525	50	18	39	5
	5	380	50	14	38	6
	Muitíssimo	211	52	12	38	6

Quadro 3.37. Percepção de liberdade para decidir sobre a própria vida e Florescimento Humano: correlações

Correlations

		índice florescimento		Sente-se livre para decidir sobre a própria vida
Spearman's rho	índice florescimento	Correlation Coefficient	1,000	,306**
		Sig. (2-tailed)		,000
		N	2040	2038
Sente-se livre para decidir sobre a própria vida	índice florescimento	Correlation Coefficient	,306**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	
		N	2038	2107

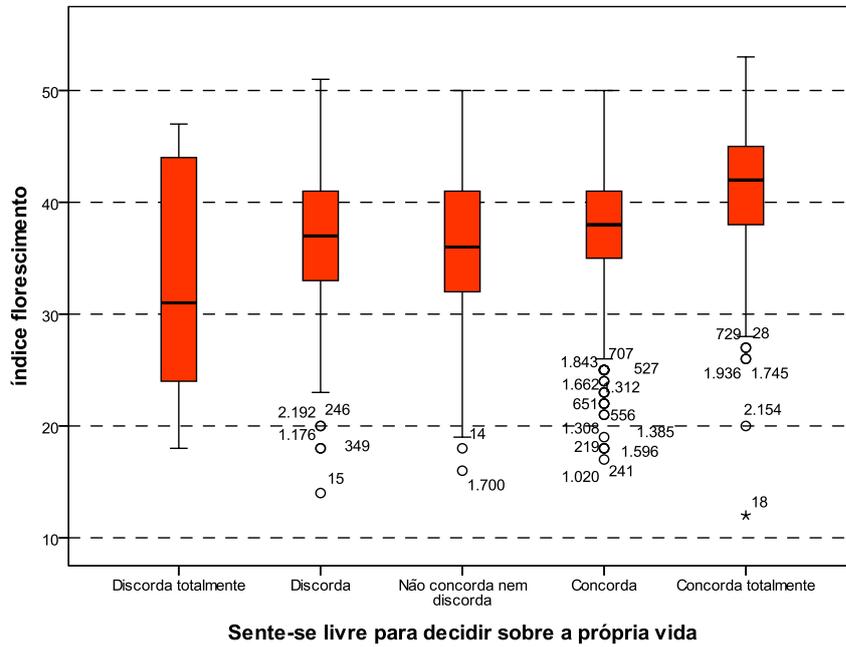
** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlations

		índice florescimento	Sente-se livre para decidir sobre a própria vida
índice florescimento	Pearson Correlation	1	,302**
			,000
		2140	2137
Sente-se livre para decidir sobre a própria vida	Pearson Correlation	,302**	1
		,000	
		2137	2217

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Figura 3.35. Percepção de liberdade para decidir sobre a própria vida segundo o Florescimento Humano



Quadro 3.37.1. Florescimento Humano segundo a Percepção de liberdade para decidir sobre a própria vida

		índice florescimento					Standard Deviation
		Count	Maximum	Minimum	Mean	Median	
Sente-se livre para decidir sobre a própria vida	Discorda totalmente	19	47	18	33	31	10
	Discorda	235	51	14	37	37	6
	Não concorda nem discorda	332	50	16	36	36	6
	Concorda	1167	50	17	38	38	5
	Concorda totalmente	464	53	12	42	42	5